



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LITERATURA**

ÁLVARO MOZART BRANDÃO NETTO

**DISCURSIVIDADE NO USO SOCIAL DA LINGUAGEM NUMA SITUAÇÃO DE
PRODUÇÃO DO ENUNCIADO NO TWITTER**

MACEIÓ

2017

ÁLVARO MOZART BRANDÃO NETTO

**DISCURSIVIDADE NO USO SOCIAL DA LINGUAGEM NUMA SITUAÇÃO DE
PRODUÇÃO DO ENUNCIADO NO TWITTER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do título de mestre

Orientadora: Prof^a Rita Maria Diniz Zozzoli

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

Maceió

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janaina Xisto de Barros Lima

B817d Brandão Netto, Álvaro Mozart.
Discursividade no uso social da linguagem numa situação de produção do enunciado no twitter/ Álvaro Mozart Brandão Netto. – 2017.
117 f. : il.

Orientadora: Rita Maria Diniz Zozzoli.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 113-115.

Apêndices: f. 116-117.

1. Plurilinguismo. 2. Cibercultura. 3. Twitter. I. Título.

CDU: 81'42:007

TERMO DE APROVAÇÃO

ÁLVARO MOZART BRANDÃO NETTO

Título do trabalho: "DISCURSIVIDADE NO USO SOCIAL DA LINGUAGEM NUMA SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO DO ENUNCIADO NO TWITTER"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Rita Zozzoli

Prof.ª. Dra. Rita Maria Diniz Zozzoli (PPGL/UFal)

Examinadores:

Helson Flávio da Silva Sobrinho

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PPGL/UFal)

Fábio José dos Santos

Prof. Dr. Fábio José dos Santos (UFal)

Prof.ª. Dra. Maria Stela Torres Barros Lameiras

Maceió, 31 de outubro de 2017.

Dedico este trabalho aos humanos que, assim como eu, não se intimidam com a vida e vão à luta contra os destinos geográficos e históricos impostos pela vontade dos homens. Saúdo a todos na pessoa de minha orientadora, que também se engajou nessa luta apoiando, se dedicando e acolhendo aqueles e aquelas que demonstram possuir essa boa vontade.

AGRADECIMENTOS

Nas pessoas de minha orientadora, Rita Maria Diniz Zozzoli, e do *seu* Crescêncio, pelo ouvido amigo e o cafezinho quente, aproveito para agradecer com grande intensidade a todos que estiveram envolvidos, mesmo que à distância, durante este rico e proveitoso processo de aprendizagem. Agradeço aos colegas de sala de aula que demonstraram respeito às diferenças e aos que partiram para o debate no campo das ideias, proporcionando preciosas e prazerosas horas de discussões. Todos vocês, sem exceção, me tornam um todo, no todo que há em vocês.

*Quando estou só reconheço
Se por momentos me
esqueço
Que existo entre outros que
são Como eu sós, salvo que
estão Alheados desde o
começo.
E se sinto quanto estou
Verdadeiramente só,
Sinto-me livre mas triste.
Vou livre para onde vou,
Mas onde vou nada existe.
Creio, contudo que a vida
Devidamente entendida
É toda assim, toda assim.
Por isso passo por mim
Como por coisa esquecida.*

FERNANDO PESSOA

RESUMO.

O conjunto teórico metodológico desta pesquisa qualitativa que se apropria de certos aspectos etnográficos (Augusto N S Triviños, 1987) e interpretativistas (Luiz Paulo Moita Lopes, 2006) promove um recorte no estatuto da produção de discursos na atividade da comunicação atual. Numa ação colaborativa (Fritzen & Lucena, 2012) realiza uma investigação para posterior análise sobre novas formas semio-enunciativas discursivas, num caso particular de interação social no Twitter. Portanto, no campo híbrido de pensamento mestiço em L.A. contemporânea, assume executar uma investigação que se interessou pelos processos em que os sujeitos do discurso operam construções discursivas em rede. No campo das orientações conceituais, quer dizer no aspecto geohistórico-social mais amplo, ao criar interfaces entre áreas do conhecimento correlatas, conseguiu consubstanciar avaliações que deram conta das formas e do conteúdo (BAKHTIN M. , 2002) da língua e da linguagem (BAKHTIN M. , 2003), considerando a evolução das interações sociais na contemporaneidade (LÉVY P. , 2000) se envolve com estudos que abordam o gênero do discurso e genericidade (ADAM, Jean Michel; HEIDMANN, Ute, 2004) a respeito da vida e da interação social contemporânea, nas condições de produção discursiva na internet. Para alcançar conclusões aproximadas com a realidade optou-se por registros imagéticos, áudio e vídeo, dados da massa investigativa e notas de campo sobre as práticas e atitudes discursivas de um sujeito do discurso no modo informativo do jornalismo cotidiano. O resultado são análises que identificaram transformações na forma do enunciado quando articulados entre suportes e, no campo do plurilinguismo dialogizado, um intenso movimento das forças centrípetas e centrífugas nos pronunciamentos do sujeito pesquisado, na ação do grande diálogo social em rede.

Palavras-chave: Dialogismo. Twitte. Ciber Cultura.

ABSTRACT

In an ethnographic qualitative research perspective, interpretive and of collaborative character, this study's methodology proposes a cut in nowadays communications' statute of discursive genres, to analyze on new discursive semioenunciative forms in a particular social interaction phenomenon on Twitter. From the wider sociohistorical point of view, it gets involved with studies that approach the genre in the discourse and genericity towards the contemporaneous social life, in the discursive production conditions on the internet. In the hybrid and mixed field of thought of contemporary AL, this investigation got interested in the processes in which the discourse subjects operate discursive constructions, creating interfaces with correlated areas of knowledge, aiming at examining the language and discourse forms through the evolution of social interactions. To reach those conclusions with the reality research, we went to analyze the discursive practices and attitudes in the informative way of the daily journalism. The results were the analysis that identified transformations on the form of the enunciate when articulated between supports, and, in the field of the dialogized multilingualism, an intense movement of the centripetal and centrifugal forces in the researched subject's statements, in the action of the great online social dialogue.

Key words: Dialogism. Twitter. Cyber Culture

ABSTRACT

Dans une perspective de recherche qualitative ethnographique interprétatif et collaborative, la méthodologie de cette étude fait un coup dans le statut de la production de genres discursifs dans l'activité de communication actuelle, afin d'effectuer une analyse sur les nouvelles formes de discours semi-énonciative dans un phénomène particulier d'interaction sociale sur le Twitter . Du point de vue socio-historique plus large, elle s'engage dans des études sur le genre du discours et de la généticienne sur la vie sociale contemporaine, dans les conditions de la production discursive sur Internet. Dans le domaine hybride de la pensée croisant dans l'A.L. contemporains, cette recherche s'intéresse aux processus sur lesquels les sujets du discours opèrent des constructions discursives, établissant des dialogues avec d'autres domaines de la connaissance, obéissant d'examiner les formes de langue et de langage par l'évolution des interactions politiques sociales. Afin d'aboutir à des conclusions approximatives avec la réalité recherchée, nous avons pu observer les pratiques discursives et les attitudes de mode informative du journalisme quotidien. Il en résulte des analyses qui ont identifié des transformations sous la forme de l'énoncé lorsqu'elles sont articulées entre les supports et, dans le domaine du plurilinguisme dialogué, un mouvement intense des forces centripètes et centrifuges dans les déclarations du sujet recherché, au moment de l'action du dialogue du grand réseau social.

Mots-clés: dialogisme, Twitter, généricité et cyber-culture

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 REFLEXÕES NORTEADORAS	21
1.1 O plurilinguismo social no discurso do sujeito na mídia cotidiana	33
1.2 A forma híbrida na dialogização interna do enunciado informativo	44
1.3 Crítica ao caráter industrial do texto no jornalismo – o enunciado como mídia de comunicação contemporânea	49
1.4 A genericidade da forma na composição do enunciado jornalístico	55
1.5 A forma híbrida da nova estética gráfica do gênero narrativo informativo.	60
2 ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA	64
2.1 Reflexões de pesquisa: condições de produção discursiva	69
2.2 Narrativas etnográficas de uma situação do uso social da linguagem no Twitter	72
2.3 A inserção no campo da pesquisa	73
3 ANÁLISES DE ENUNCIADOS NAS POSTAGENS NO TWITTER	97
3.1 Encaminhamentos para análises sócioideológicas das postagens no Twitter	103
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
5 REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	117
ANEXO	119

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, do campo dos estudos dialógicos, é consequência de uma pesquisa, que se dedicou a investigar os registros das marcas dos elementos das formas composicionais exclusivas dos tipos de gêneros do discurso de enunciados semio-discursivos no aplicativo Twitter. Na prática, ao mesmo tempo em que se propôs operar registros, ela se compromete com análises sobre o diálogo social da comunicação midiática no ambiente virtual, em trânsito nos complexos circuitos digitais conectados, através do qual circulam signos, produções discursivas e discursos, e que são responsáveis, hoje, pelas interações sociais nos suportes digitais conectados.

Na singularidade das condições de produção enunciativa desta pesquisa foi feito um recorte no estatuto da produção de gêneros discursivos, na exata medida da estrutura composicional do enunciado do jornalismo cotidiano quando é articulado entre suportes digitais da mídia atual; objetivando privilegiar a *forma enunciativa* (BAKHTIN, 1998) de processos de interações discursivas nos quais os sujeitos do discurso constroem diálogos quando operam expressões discursivas por meio de mecanismos técnicos mais dinâmicos e auto organizados de comunicação.

Na condição de sujeito pesquisador, procuramos trabalhar um *objeto do discurso*¹ em referência à forma dos enunciados, que permitisse abranger as questões gerais dos gêneros de discursos abordadas por Bakhtin (BAKHTIN M. , 2003), tecendo fios discursivos entre teorias e conceitos que já admitem a interrelação e reciprocidade das modalidades linguísticas de produção em série e a circulação de grande massa de dados e de informação na rede mundial de computadores; sobretudo, na perspectiva da dinâmica da velocidade de difusão da informação em circuitos conectados. Espelhamos a dimensão analítica discursiva dialógica com as pesquisas de Zozzoli², principalmente aquelas

¹ Expressão emprestada de Moirand que, segundo a autora, é uma categoria de análise própria dos estudos sobre a mídia que reúne em torno de palavras as ocasiões e reformulações tais quais se colocam ao longo do texto; funcionam como entidades atualizadas por expressões susceptíveis a reformulações e que são enriquecidas ou simplificadas ao longo do discurso ou das interações.

² Financiada pela Capes/Fapeal, a pesquisa é desenvolvida no grupo de pesquisa interdisciplinar e interinstitucional Ensino e aprendizagem de línguas, com sede na FALE/UFAL, coordenado pela prof^a Rita Maria Diniz Zozzoli. Abrigado na LA, o grupo excepcionalmente empreende, entre outras, pesquisas sobre a

referentes as análises que envolvem “dados móveis, até mesmos fugazes, transitórios, e híbridos do ponto de vista da oralidade/escrita, verbal/visual” (Zozzoli, 2013, p. 1).

Trabalhamos ainda com Zozzoli (2013) os impactos da articulação de gêneros entre suportes³ mediados (ou não). Para análises discursivas dialógicas no momento discursivo atual, a perspectiva analítica discursiva da autora compreende duas importantes características do dialogismo contemporâneo: o caráter hiperestrutural⁴ do enunciado; e as condições materiais de circulação de signos ideológicos, que compreende produções discursivas e discursos, e juntamos a esse conjunto as marcas da “mobilidade e rapidez de sua circulação no mundo atual” (Levy, 2011). No jornalismo, com frequência essas características são observadas nas etapas de sucessivas edições e na articulação entre suportes.

Neste cenário interativo contemporâneo, uma das práticas dialógicas dos modos de sociabilização está ambientada em dimensões de comunicação dominadas pela indústria da informação em massa. Neste ambiente, o acontecimento cotidiano destacado e reformulado em notícia se transforma em produto a venda. Para abastecer a totalidade desse diálogo social cotidiano a indústria da informação faz relatos dos temas⁵ que são retirados das experiências de vida do corpo social (Bakhtin, 2001), de seu repertório do *cotidiano previsto* (Bakhtin, 1998), que são materializados por meio de massas semióticas. Isso faz do jornalismo um dos protagonistas da dinâmica dialógica entre os grupos sociais, na atualidade.

Nas novas modalidades textuais em circulação na internet foi possível observar consolidarem jogos de sentidos que só existem na relação radical da

articulação de gêneros discursivos e a articulação de suportes em torno de um mesmo tema, numa perspectiva linguístico-discursiva dialógica, Bakhtin; Círculo Bakhtin/Volochinov e autores correlatos. (N.A.)

³ Optou-se por usar o termo suporte para reduzir a noção a um nível puramente físico, material e que dá uma conotação estática ao fenômeno observado.

⁴ Refere-se às novas modalidades de textos que permitem outras maneiras de ler e compreender o enunciado. Levy (O que é virtual?, 2011) relata textos potenciais que se realizam sob o efeito hipertextualizado da interação com um usuário. Trata-se de um fenômeno do processo cognitivo humano junto à máquina e que cria dispositivos hipertextuais, alimentando uma espécie de objetivação e de exteriorização dos processos de leitura.

⁵ Em Bakhtin (1998), tema é uma imagem da linguagem, orientada e determinada dentro da esfera extraliterária da vida e da ideologia do cotidiano (p 139).

interatividade em rede, através de massas semio-enunciativas que são elaboradas para atender a um núcleo linguístico homogêneo de resistência de uma linguagem de caráter mais flexível. Agora, as unidades enunciativas concretas e reais fazem parte de um tipo de diálogo social à distância, e nos novos modos de sociabilização atendem interlocutores de um auditório social que não compartilham a mesma dimensão de espaço/tempo (BAKHTIN M. , 2002; BAKHTIN M. , 2003).

No primeiro capítulo deste trabalho investigativo recorreremos às teorias conceituais correlatas aos estudos do dialogismo, procurando estabelecer um princípio epistemológico entre o tema social da pesquisa com os princípios fundamentais das análises discursivas dialógicas, com ênfase no encadeamento dessas estruturas enunciativas discursivas ao “complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia” (BAKHTIN M. , 2003). Procuramos conciliar ao processo histórico das formas do enunciado virtual a perspectiva das interações dialógicas materiais, que os enunciados do jornalismo cotidiano faz circular na intrincada rede de circuitos conectados. Esses enunciados recebem, aqui, o tratamento plurilinguístico dado por Bakhtin (2002), dispensado aos casos específicos aos gêneros do discurso.

Por se tratar de análises de discurso dialógicas, é imprescindível enfatizar que nas atuais interações discursivas o diálogo envolve pessoas (sujeitos do discurso) e objetos (os suportes digitais) conectados, que simulam experimentar, como já foi dito, o diálogo à distância. Nesse contexto discursivo que diz respeito à relação da linguagem com os movimentos das forças da língua, recortamos um *objeto do discurso*, para entender a maneira como esta forma discursiva define sua identidade.

No contexto teórico conceitual de certas teorias de análise do discurso atuais, como por exemplo, as análises de Moirand (2006), a identidade discursiva do jornalismo se caracteriza no jogo das sucessivas edições e publicações, nas ocasiões que o enunciado se transforma em um novo enunciado. No campo dos estudos da linguagem, esse movimento de articulação discursiva, que o jornalismo se apropria, está diretamente associado ao modo de agir do sujeito do discurso, as condições de produção econômicas, as pressões ideológicas e a maneira como ele leva adiante suas atividades de comunicação.

Com base nessas premissas procuramos perceber na intenção discursiva no Twitter a maneira como o sujeito lida com a língua, numa situação de uso social, e as soluções linguísticas que ele encontra, quando articula o enunciado entre mídias digitais. Nessa dimensão, a pesquisa buscou definir os traços de certos aspectos do dialogismo em jogo, para isso, se propôs observar as práticas cotidianas do sujeito do discurso, na aventura das novas estruturas composicionais de enunciado que está atualmente em uso.

Por se encontrar comprometida com a materialidade histórica e dialética do fenômeno discursivo analisado, procuramos superar as concepções simplificadas estilísticas sobre o discurso nos aspectos referentes à forma *hiperestruturada* e *hipertextual* dos enunciados em rede. Em seu lugar, o enunciado recebeu tratamento de unidade real da comunicação discursiva, que reconhece o papel ativo do outro. Nesse contexto, nos remetemos ainda ao lugar material e historicamente definido do interlocutor, que o sujeito da pesquisa ocupou naquele momento na função de agente ativo do diálogo (mediato e imediato), no processo de comunicação discursiva do jornalismo, em rede⁶.

Trabalhamos com um sujeito do discurso saturado de ideologias e envolvido com a materialidade histórica dialética do seu tempo, cujas práticas e os valores humanos enfrentam permanentes desafios frente às atitudes linguageiras de comunicação nas mídias digitais conectadas. Para isso, buscamos explicações nos conceitos que Lévy (2000; 2011) defende sobre a ciber cultura e a virtualização, estendendo-se até sua definição de sujeito do discurso acostumado a desenvolver interações dialogais a partir de um conjunto de técnicas materiais de linguagem. Isso, para o sociólogo, envolve as *práticas e atitudes* (LÉVY 2000) de atos comunicacionais da cibernética. Segundo o próprio Lévy, a *prática* é interativa e se dá através de suportes midiáticos em circuitos conectados; como o passar do tempo isso interferiu e afetou o modo de pensar e agir dos sujeitos. Por sua vez, são as *atitudes* que respondem, até hoje, pelas significativas transformações dos atos linguageiros.

⁶ Particularmente, o processo analítico desta pesquisa é desprovido da *exauribilidade semântico-objetiva do tema do enunciado* prescrito em Bakhtin (2003). É que, no Jornalismo, as sucessivas publicações são de natureza puramente factual, e elas não atendem a relativa conclusibilidade semelhante às condições que permitem o mínimo de acabamento encontrado em trabalhos científicos ou nos de alguns campos dos gêneros secundários.

Na essência metafísica dessas atitudes discursiva contemporâneas, Bauman (2004) sinaliza para o *homo consumens*, cibernético e pós-moderno, que vive numa sociedade líquida e assume o papel de sujeito líquido. Sob a condição líquida, ele age em simulações discursivas nos circuitos conectados, comandando um diálogo baseado em técnicas materiais. Através do discurso, o *homo consumens* coisifica e consome tudo a sua volta, concebendo e gerando linguagens no ventre das incertezas e das instabilidades ideológicas que, atualmente, impregnam “o comportamento pós-moderno” (BAUMAN, 1998).

Num dos traços de sociabilidade do *homo consumens* de Bauman, este sujeito se acostumou também a interagir a partir de um lugar virtual em tempo real, ou não. No aspecto da discursividade líquida, para o próprio autor, ele é um sujeito que dialoga indiferente às consequências e os efeitos colaterais resultados do antagonismo ideológico em jogo. Atraído pelo *desejo*⁷ da interação conectada, o sujeito de Bauman se sobrepõe à ética e a ideologia, eternas fontes estimuladoras do diálogo, que os faz mover-se através de simulações discursivas.

Por se tratar do jornalismo cotidiano, uma indústria de comunicação em massa, por isso nos consubstanciamos de teorias que configuraram outras noções do grande diálogo social (BAKHTIN, 2003), de maneira que fosse possível representar nos processos de linguagem do discurso virtual novos processos de discursividade; sobretudo, aquelas que se realizam nos enunciados discursivos informativos, dentro e fora deles também.

A base em alguns aspectos do dialogismo (do chamado círculo BAKHTIN/VOLOCHINOV e autores correlatos) foi fundamental para constituir um conjunto de indicativos conceituais para entender como a alteridade estimulada pelo desejo de interagir a distância impulsiona interrelações discursivas no sujeito do discurso contemporâneo, que dialoga se apropriando e re/produzindo discursos saturados de ideologias.

A respeito dos estudos sobre a dimensão do tempo e do espaço nas interações comunicacionais aos quais se refere Bakhtin (2003) se complementaram, aqui, com certos conceitos de Lévy (2011) sobre o mesmo

⁷ Para Bauman (2004), na pós-modernidade, o “desejo” se traduz na vontade de consumir que a alteridade liga à complexa condição de absorver/devorar/ingerir e digerir – e isto quer dizer aniquilar também. O autor afirma que desejo “é uma compulsão a preencher...” (ibidem 2004, p. 23).

tema e nos orientam dizer que, no meio ambiente social interativo conectado, o sujeito do discurso atua à distância manipulando os elementos sociointeracionais materiais, sob o efeito da sua a materialidade histórica.

O *homo consumens* (BAUMAN, 2004), pelo discurso, é um sujeito que se comunica consumido por suas próprias incertezas; essa insegurança o faz apagar e refazer a história sempre que necessário. Essa é uma atitude de interação restrita ao diálogo que se materializa sob a pressão que a hegemonia ideológica e as condições de produção econômicas exercem sobre o sujeito do discurso líquido. Hoje, o pensamento verbal ideológico se transformou na arena de confrontos discursivos, um lugar em que o sujeito do discurso deixa marcas da contemporaneidade nos processos discursivos em que atua.

Os estudos teóricos desta pesquisa, portanto, buscaram compreender nos pensamentos da sociologia contemporânea (BAUMAN, 2004; 1998) (LÉVY P. , 2011; LÉVY P. , 2000) os motivos que levam o sujeito pós-moderno de discurso líquido se comunicar na confluência entre a razão moderna e o consumo. Encontramos respostas na intercessão das relações sociais e ideológicas em condições dialéticas das produções discursivas (a partir de agora passaremos a tratar por produções semio-enunciativas). Uma “crise de paradigmas” que faz do discurso ideológico também um conflitos de classe. Segundo Bauman (1998), o discurso ideológico é uma espiral de conflitos, resistência e adaptações às novas formas linguageiras. Em reais condições materiais e históricas, o discurso ideológico é um hábito permanente que faz do sujeito um produtor de discursos, relativizados pela dinâmica dos temas.

Enunciados ideológicos circulam por ambientes líquidos, interativos e de relação de consumo, são estruturados para interagir no ambiente virtual e atraíram para si investigações concentradas também em conceitos sobre *genericidade*⁸ (ADAM e HEIDMANN 2004) das formas enunciativas do gênero do discurso do jornalismo cotidiano no virtual.

⁸ Adam e Heidmann (2004) referem-se à genericidade relacionando o gênero do discurso a um conjunto de categorias no qual os textos podem ser relatados. Segundo os próprios autores, tais relatos possibilitam compreender a complexidade do impacto do gênero sobre o desenvolvimento do discurso. Mais adiante voltaremos a aprofundar esse conceito.

As Análises do Discurso da escola francesa possuem trabalhos que relacionam as transformações pelas quais passam os enunciados do jornalismo nas vezes em que nova materialidade do enunciado é publicada/postada, ou replicada na mídia. Nesse sentido, nos referenciamos com alguns aspectos das análises de Moirand (2006), sobretudo aqueles que explicam o comportamento que revela a materialidade histórica na qual o discurso foi concebido e que dizem respeito ao modo como o sujeito do discurso se expressa no texto. Essa ação se constitui de uma interdiscursividade⁹ existente nas peculiaridades das edições e sucessivas publicações.

Os conceitos teóricos das análises discursivas de Moirand (2006) sobre o atual cenário investigativo do jornalismo e as condições discursivas no jornalismo contemporâneo reforçaram os entendimentos sobre o modo como os enunciados são articulados entre suportes, e quais são as consequências das sucessivas publicações/postagens, numa dada materialidade histórica. Esperamos com essa estratégia, obter um *objeto de discurso* ativo agente verificador das mudanças que ocorrem na dinâmica da articulação de enunciados entre suportes digitais.

A pesquisa, portanto, propõe ao *objeto do discurso* trafegar por análises de enunciados que recortados nos processos de escrituração e transformação de massas semióticas compostas para um site de notícia do jornalismo da mídia cotidiana, e depois foram articuladas para interagir com seguidores de um perfil do aplicativo Twitter. Para nós, é esse tipo de enunciado que responde por uma significativa produção diária de um grande volume de massa semiótica, colocada em circulação nas e pelas mídias sociais. Nesta pesquisa, providenciamos o recorte de enunciados numa dimensão dialógica discursiva dada, em tempo real, isto é, na medida em que foram inscritos, hiperestruturados e postados na Internet pelo sujeito pesquisado. Esse detalhe o configurou como objeto para as nossas análises discursivas.

⁹ Moirand (2006) se refere ao jornalismo como *o modo informativo cotidiano*. A autora trabalha suas análises na perspectiva de uma heterogeneidade que se desenrola em três movimentos: um semiótico, um textual e um enunciativo. Nesse sentido, explica Moirand, essa heterogeneidade, na função de princípios fundamentais do diálogo social, se encontra no trânsito de um enunciado para outro, e nos modos discursivos a outros; cujas evidências se encontram na materialidade textual (ibidem 2006, p. 5).

Para abordar essas questões com mais propriedade, trouxemos para o contexto teórico desta pesquisa as questões gerais do uso da linguagem na contemporaneidade (CHARTIER, 2002) (Zozzoli, 2016) (2015), que se orientam por conceitos e direcionamentos de análise que trabalham com os fundamentos do dialogismo (BAKHTIN 1998, 2003). E, na estranheza de um olhar interpretativista e dialético, elaboramos perguntas exploratórias da totalidade da problemática em jogo, pretendendo obter respostas resultadas da aplicação de mecanismos de análises inspirados nos conceitos teóricos do dialogismo, que foram lançadas sobre uma massa investigativa precisa e concreta, na consequência de interpretações singulares do sujeito pesquisador.

A precisão nos recortes, nestes casos, é fundamental, sobretudo, em se tratando de uma atividade que produz grande volume diário de enunciados. Por isso, para constituir um *corpus de referência* (MOIRAND, 2006) das expressões semio-discursivas saturadas de ideologia, selecionamos a massa investigativa de enunciados concretos e reais publicados em circuitos conectados no diálogo do Twitter, privilegiando aqueles que passaram por processos de transformações enunciativas; com a intenção de atender um auditório social que está diretamente envolvido com processos dialógicos em rede.

Certos aspectos dos princípios do dialogismo dessa investigação remetem às pesquisas socioideológicas, embora estejamos conscientes dos riscos de requer análises de *atitudes* e *práticas* languageiras sociointeracionais pouco exploradas pela academia. Contudo, outros aspectos desses conceitos nos indicam que este campo de estudo se descreve na atualidade um ambiente de pesquisa promissor, sobretudo, quando se ousa expor a intrincada relação sujeito/discurso, sujeito/sujeito e discurso/sujeito.

Esta é uma intrincada relação da questão geral dos gêneros do discurso (BAKHTIN M. , 2003) que vamos abordar, a partir de um caso em que a forma do gênero (ADAM, Jean Michel; HEIDMANN, Ute, 2004) é potencializada no uso da linguagem de *textualidade eletrônica*¹⁰ (CHARTIER, 2002). E a partir das diversas

¹⁰ Segundo CHARTIER (2002), a textualidade eletrônica marca a descontinuidade da leitura em tela e promove *uma revolução da percepção das entidades textuais e das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita* (ibidem 2002, p 24). No estreitamento do uso de simbologias em relação à textualidade, propõe nova técnica de difusão da escrita, estabelecendo nova relação com os textos, impondo nova forma de inscrição.

possibilidades discursivas do gênero, nos apoiamos na dinâmica discursiva Zozzoli (2015) para analisar as consequências dos intercruzamentos e articulações entre vetores, gêneros e modalidades.

No segundo capítulo, sob o guarda-chuva da pesquisa qualitativa, apresentamos a metodologia aplicada que entra no mérito de pesquisa estabelecendo uma conduta que combinou características etnográficas e colaborativas. Em torno do enfoque histórico-materialista desse estudo, no campo aplicado dos estudos da linguagem escrita, esse posicionamento investigativo ajudou a definir com mais tranquilidade instrumentos de pesquisa, armazenamento de dados e a fazer abordagens precisas nas etapas não linguísticas de análises, a partir de um *corpus de referência* preciso e limitado.

Por se tratar de abordagens de análises discursivas em Linguística Aplicada contemporânea, que encaminham às questões de cunho “*interpretativista*” (MOITA LOPES, 1996, in MOITA LOPES, 2006), acrescentamos aos princípios metodológicos etnográficos e colaborativos uma configuração mestiça, híbrida e (in)disciplinar de pesquisa¹¹, para trabalhar com temas que se encontram na gênese de novas práticas discursivas dialógicas. Assim, o conjunto metodológico traz para o centro do debate acadêmico um tema social retirado do plurilinguismo dialógico do ambiente dialógico discursivo da atualidade.

Em ocasiões de experimentações metodológicas, no âmbito teórico-metodológico, foi fundamental desenvolver um protocolo singular, ajustado aos aspectos relacionados a esse estudo. Nesta parte do trabalho, explicamos como esse experimento teórico-metodológico foi constituído e como ele deu liberdade de estabelecer um ponto de intercessão entre a academia e o campo pesquisado, equivalendo à situação verificada aos pressupostos nos fundamentos teóricos do dialogismo, numa interface direta com os fundamentos da teoria discursiva. Para constatar, nas palavras de Bakhtin (2002), que toda e qualquer comunicação é compreendida na linguagem.

No terceiro capítulo, o trabalho acadêmico se dedica em fazer análises a partir da leitura dos registros que foram feitos de uma narrativa sobre a comunicação na vida contemporânea. Essa parte se constitui em uma releitura da prática do sujeito pesquisado, a partir das abordagens referentes aos elementos

¹¹ Conceitos que serão mais aprofundados no segundo capítulo dessa dissertação.

de metodologia que já foram propostos, e que as vivências dos momentos presenciais proporcionaram.

Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes: na primeira, construímos uma narrativa com características etnográficas que descrever as *práticas* discursivas do sujeito pesquisado a partir das experiências vividas durante as ações colaborativas de construções do conhecimento – adotamos esse método, porque ele permite que os dados sejam selecionados com a colaboração efetiva do outro, assim como foi essencial à participação do outro nas deliberações sobre os destinos da investigação e os encaminhamentos dados que solucionam os problemas. Na segunda parte e se concentram a massa das análises feitas em cima das *atitudes* discursivas do sujeito pesquisado. Nesta fase foi considerado o nível de suas construções discursivas, os comprometimentos que envolveram aspectos sociais, históricos e ideológicos, determinados pela pressão da hegemonia ideológica e econômica.

Finalizamos esta introdução, enfatizando que nos dedicamos a pesquisar um sujeito do discurso, desde seus envolvimento com procedimentos discursivos, até os vínculos de suas atitudes enunciativas com os princípios da *comunicação de transmissão de interesse prático* (BAKHTIN, 1998). Para analisar como, do lugar em que se encontra, sob os efeitos da sua atividade laboral cotidiana, ele desenvolve *atitudes* singulares ao seu discurso, nos enunciados de variante híbrida, que transparecem as diferentes estruturas enunciativas com as quais o sujeito dá forma e sentidos ao interior do discurso, de acordo com os interesses do diálogo em jogo.

Concluimos nossas apresentações pressupondo ter encontrado um ponto de intersecção entre a academia e o uso social da linguagem extramuros da própria academia. Consideramos ter alcançado o objetivo de trazer para o centro do debate acadêmico um tema social sobre o uso social da linguagem, assumido um posicionamento singular no campo das pesquisas atuais, tanto nas áreas dos Estudos da Linguagem, quanto de Comunicação Social. Encerra-se essa etapa com o desejo de que o trabalho a seguir contribua para o conhecimento das práticas discursivas e comunicacionais em contextos diferenciados da sala de aula.

Seção 1.

1. Reflexões teóricas norteadoras

Este estudo aborda as marcas linguístico-discursivas ocasionadas nas transferências entre os gêneros discursivos da atividade do jornalismo cotidiano, com a intenção de entender, para analisar, as ações do sujeito que, na ação cotidiana discursiva, se utiliza de elementos linguísticos e translinguístico¹², com o objetivo de articular enunciados entre suportes digitais conectados em rede. Procura contemplar análises referentes às relações da língua com a vida, e com as problemáticas que envolvem *a comunicação de transmissão de interesse prático*¹³ (BAKHTIN, 1998), condições que revelam quão diferenciadas e elevadas é a vida social do sujeito do discurso que se encontra condicionado a uma dada situação e um dado grupo social.

Todo o entendimento teórico que fundamenta essa pesquisa encontra-se nos princípios fundamentais do dialogismo de Bakhtin, resvalando no chamado Círculo Bakhtin/Volochinov e em autores correlatos que, em suas próprias pesquisas, autorizam propostas analítico-discursivas das formas de comunicação cotidiana, sobretudo, aquelas submissas e inteiramente condicionadas à historicidade em jogo.

Sobre a base interpretativista da análise do discurso em Linguística Aplicada Contemporânea (doravante L.A. contemporânea), procurou-se constituir interações francas com outras áreas do conhecimento humano, sobretudo, aquelas que contribuem para o esclarecimento da vida social através do discurso. Portanto, promovendo *processos transdisciplinares de produção do conhecimento* (MOITA LOPES, 1998, *in* MOITA LOPES, 2006 p. 97), assumindo uma *ativa posição responsiva* (BAKHTIN, 2003, p. 271) frente à vida social contemporânea, essa pesquisa se prepara para dizer algo sobre o comportamento social interativo da atividade do jornalismo de hoje.

¹² Bakhtin alega que além da forma estruturalista e sistematizada da Linguística é possível articular a língua com a história, o sujeito e a prática social concreta nas relações dialógicas. Para ele, linguística e translinguística são elementos complementares de uma análise discursiva.

¹³ Em Bakhtin (1998), “o sujeito que fala e suas palavras, no discurso cotidiano, atuam como objeto de transmissão de caráter prático” (p. 141). Este conceito adere à ideia de que no modo cotidiano, os sujeitos reafirmam suas intenções discursivas através de mecanismos enunciativos fazendo uso de elementos linguísticos de representação.

Isto quer dizer que, aqui, todo o entendimento teórico se consorcia à tendência de hibridização¹⁴ e do pensamento mestiço¹⁵ das pesquisas em L.A. contemporânea, constituindo um campo do conhecimento reestruturado por empréstimos com outras disciplinas. Assumimos esse posicionamento por entender que, nesta pesquisa, só é possível alcançar uma totalidade relativa de conhecimento trazendo para o debate outras áreas do conhecimento e investigação.

Privilegiamos para a pesquisa perspectivas de modalidades linguísticas discursivas que trabalham com a produção de enunciados em série, com a grande massa de dados em circulação na dinâmica da velocidade e difusão da informação em circuitos conectados, para relatar como o sujeito pesquisado transporta enunciados constituídos em um site de notícias para o Twitter. Essa é uma tendência de abordagem analítico discursiva que, sob os efeitos da comunicação contemporânea, providencia interfaces teóricas imprescindíveis às análises de enunciados, dos gêneros discursivos e do discurso, hoje.

No campo do conhecimento da língua, sob os princípios do círculo Bakhtin/Volochinov, defendemos a ideia de que as análises atuais devem levar em consideração os modos de pensar do sujeito do discurso, sua história e seu envolvimento com práticas interativas e sociais; esse posicionamento faz com que o pesquisador trate a questão do gênero, a partir do seu potencial de genericidade¹⁶. Uma qualificadora do gênero que, segundo Adam e Heidmann (2004), se verifica na ordem de “desenvolvimento” do discurso e da “interpretação” de sentidos (ADAM e HEIDMANN, 2004), e que se efetivam na complexidade de sua dinâmica enunciativa.

¹⁴ No campo híbrido, o conhecimento é reestruturado cada vez mais tomando de empréstimos outras disciplinas, com o propósito de falar da complexidade da vida contemporânea, operando “dentro de uma visão de construção de conhecimento que tente compreender a questão de pesquisa na perspectiva de várias áreas do conhecimento, com a finalidade de interrogá-las” (MOITA LOPES, 2006, p. 98).

¹⁵ O pensamento mestiço (MOITA LOPES, 2006) desaprende hábitos intelectuais do passado e seus modos automatizados de pensar, típicos da Linguística tradicional.

¹⁶ Aprofundando mais esse conceito, além de tratar a problemática do gênero como um conjunto de categorias nas quais os textos podem ser relatados (submetidos aos fundamentos de causa), Adam e Heidmann (2004) acrescentam ainda que para compreender a complexidade do impacto deles sobre o desenvolvimento do discurso só um estudo genético poderá descrevê-lo com precisão. Isto é, observar e analisar a escrita reescrita, às vezes pelo comentário do autor, que, em certas ocasiões, faz uma palavra ser submetida a um grande número de mudanças.

Nessa dinâmica enunciativa, sob os efeitos da linguagem e do discurso, de escrita e reescrita da produção em série do jornalismo cotidiano, os conteúdos dos temas chamam a atenção para as alterações formais e ideológicas que todo enunciado sofre no momento que se reformula a partir de uma mesma unidade discursiva (MOIRAND, 2006) e/ou entre suportes midiáticos (ZOZZOLI, 2015).

Para efeito dessa investigação, torna-se relevante, aqui, se ocupar com abordagens sobre o funcionamento da *palavra de outrem* referentes aos constituintes discursivos do chamado círculo BAKHTIN/VOLOCHINOV (2004). Portanto, nesse cenário teórico, é imprescindível referenciar a objetivação desse estudo com o que Bakhtin (2003) reporta aos estudos de novos fenômenos no campo da linguagem e do discurso das sucessivas publicações de natureza puramente factual.

Análises de transposição de enunciados, através da articulação entre suportes digitais, ganham nova camada teórica nas contribuições de Zozzoli (2012), que se dedicam às pesquisas na mídia, sobretudo, aquelas em que a autora trabalha com a articulação de gêneros discursivos entre suportes, em dimensões de espaço e tempo diferentes. Nesses estudos, ela classifica o fenômeno analisado no plano linguístico, discursivo, temático; e inclui ainda, no contexto analítico, os gêneros discursivos, os vetores (suportes midiáticos) e os entornos. Fazer o recorte e analisar expressões semio-enunciativas ideológicas nas *perspectivas de estudo que permitam considerar dados móveis, até mesmos fugazes, transitórios, e híbridos*, permitiu que a pesquisadora acrescentasse ainda aos objetos de pesquisa dialógica situados em contextos midiáticos tratamento de *visão complexa*¹⁷ (ZOZZOLI 2015).

Essas articulações teórico-metodológicas se associam as tendências analítico-discursiva, tem em seus postulados carrega evidências do caráter heterogêneo do discurso e revelam a existência de uma exterioridade marcada pela presença de uma intensa *atividade responsiva ativa* (BAKHTIN, 2003). Trabalhado com essa visão, o enunciado se reveste de tudo aquilo que pode ser ideologicamente significativo e expressivo, a partir do interior de uma dada unidade discursiva.

¹⁷ Na visão complexa, os dados do discurso são analisados na categoria mista de base “enunciado-acontecimento-tema” (ZOZZOLI, 2015, p. 2).

Demos aos mecanismos analítico-discursivos da atividade do jornalismo as convergências teóricas dos princípios fundamentais dos gêneros discursivos de Bakhtin (2003), sempre se cruzando com outras disciplinas, para apreender reflexões que se relacionam com as articulações analíticas discursivas dialógicas, e, a partir delas, inventariar o caráter de discursividade do enunciado em rede, pela evidência de seu potencial genérico.

Esse universo analítico-discursivo singular, aqui recortado, através do cruzamento de disciplinas correlatas às análises discursivas dialógicas contemporâneas, valoriza orientações que sugerem novas visões de análises nas ocorrências em que se complexificam também as práticas interacionais de uma comunidade socialmente organizada.

Por isso, é sob o efeito da interatividade das produções discursivas dos processos dialógicos contemporâneos que nos propomos fazer análises da comunicação na web, a partir do elevado processo de hibridação do discurso, que compreende homem/máquina/linguagens. Essa é uma experiência de um meio ambiente interativo técnico situado num intrincado rizoma de inter-relações sociais, de características técnicas (hiper)estruturadas da leitura, que no ambiente digital, circulam nos suportes midiáticos, submetidas aos interesses imediatos de sujeitos discursivos.

A hiper(estrutura) do diálogo em rede ligada “à dialética do possível e do real” (LÉVY, 2011) reúne grupos reais, organizando sujeitos do discurso em conformidade e ao redor destes em condições de um convívio cultural complexo e relativamente desenvolvido e organizado. No âmbito das especificações de Lévy, se comunicar a partir da leitura (hiper)estruturada em tela é o marco da inseparabilidade do humano da linguagem e de seu ambiente mecânico. Segundo o autor, no meio e ambiente interativo tecnológico o sujeito estabelece ligação com e através dos signos e as imagens “por meio dos quais ele atribui sentido a vida” (LÉVY 2000, p. 22). No grande diálogo social na web, o atributo da leitura hiper(estruturada) é fazer desaparecer a massa concreta do texto impresso tradicional, para se transformar numa matriz de textos potenciais que se realiza na interação com o leitor.

Discursando na web, segundo o próprio Lévy (2000), os sujeitos se encontram experimentando uma materialidade dialógica impregnada pela tecnologia e, para eles, se expressar através da máquina está na essência das razões de sua existência. Uma existência metafísica, personificada através de entidades virtuais, que lhes dá a falsa sensação de estarem escondidos por trás das máquinas. Tem-se a sensação de estarem sós, interagindo de forma isolada; mas, por outro lado, se conforma em saber que estão fisicamente ligados por fios conectados ao plano virtual¹⁸. Estamos diante de um contexto discursivo tecnológico, onde o diálogo se materializa através de imagens (fixas ou em movimento), de palavras e sons, constituindo anúncios que circulam intermitentemente nos circuitos de comunicação.

Podemos retirar disso que o enunciado, além de um processo linguageiro relacional verbal/escrito, agora, se materializa nos sistemas e mecanismos de controle automático entre sujeito e máquina. Essa dinâmica tecnológica entranha-se na essência humana chegando até a interferir na relação social entre entidades materiais e virtuais e entre ideias e representações. Na ordem do diálogo em jogo, tomando como referência a perspectiva do chamado círculo Bakhtin/Volochinov (2004), o *signo ideológico*, aqui, também, encontra-se indissociável de determinados gêneros, dos tipos de acabamento e, sobretudo, da tendência que o signo tem de potencializar o valor do sentido de seu conteúdo apelando para a *ativa atitude responsiva* (BAKHTIN, 2003).

No que diz respeito ao dialogismo bakhtiniano, em consonância com as esferas discursivas do cotidiano, somam-se a esse entendimento nas diferentes funções ou situações corriqueiras, nas diferentes posições ideológicas, sociais, ou de reciprocidade, os ajustamentos ideológicos numa diversidade de enunciados e de gêneros discursivos arquitetados, constituídos para serem postados. Uma característica fundamental para em consonância com as esferas discursivas do cotidiano, os fenômenos relacionados à atividade do jornalismo desta pesquisa sejam explicados pelos mesmos fatores sociais, ideológicos e econômicos; o

¹⁸ De acordo com Lévy (2011), virtual consiste em dois planos: o par potencial-real e o par potencial-atual. Juntos formam um conjunto que dá a digitalização e as novas formas de apresentação do texto outras maneiras de ler e escrever. Além disso, potencializa a qualidade do leitor, que agora precisa invocar um comando à máquina para a realização parcial do enunciado; consiste num novo universo de criação e de leitura dos signos.

mesmo conjunto de ideias que determinem “a vida concreta de um dado indivíduo nas condições do meio social” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 48) em que ele age como sujeito do discurso.

Isto conectado aos princípios fundamentais do dialogismo e à forma do enunciado (BAKHTIN, 2003) revelou importantes aspectos desse organismo discursivo no jogo do diálogo social na web. Assim, como na síntese dos fundamentos bakhtinianos, todo enunciado que se dirige ao outro implica um movimento interacional e um objetivo discursivo. Mas, na situação similar da web, é sua estrutura composicional que dá forma ao conteúdo e ao gênero selecionado. Em condições de análise, esse enunciado reproduz a cultura local, revelada na relativa autonomia individual do sujeito do discurso (ZOZZOLI, 2013).

Em se tratando do jornalismo, postula-se, portanto, que no discurso midiaticizado a realidade concreta e imediata é fato determinante da produção discursiva. E os ajustamentos referentes às tendências ideológicas e a dominação econômica e social são decisivos na materialidade histórica discursiva do sujeito do discurso. Uma situação que interfere no valor do sentido no interior do enunciado e na constituição de sentidos, sem os quais não haveria discursos ideológicos.

Bakhtin (2003) sinaliza que o lugar da materialidade histórica do sujeito do discurso é o enunciado; mas que há, em todas as situações discursivas, a intenção do sujeito em tornar seu discurso inteligível. Numa situação prática de análises discursivas dialógicas, isso é verificado de duas maneiras: em uma delas o pesquisador observa a trajetória cronológica dos gêneros discursivos para configurar possíveis transformações; e na outra, fazendo o registro das mudanças que afetam a vida social e que se refletem nas variações nos gêneros de forma imediata, flexível e precisa. Uma é imprescindível para a solução da outra.

No entendimento da relativa autonomia que o sujeito dá ao discurso, na situação imediata e mediata do diálogo, ele planeja e executa formas de gêneros, selecionando formas e signos ideológicos de um estoque social que a comunidade em torno organiza. Desse estoque, na aflição da situação discursiva imediata na web, o sujeito do discurso reacentua os gêneros que, por sua vez, se prestam a reformulações livres e criadoras, sempre saturadas de ideologias e em conformidade com os preceitos normativos que lhe são dados.

Diz Bakhtin:

“Quando construímos nosso discurso, sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiamos palavras, não vamos de uma palavra para outra, mas é como se completássemos com as devidas palavras a totalidade” (BAKHTIN, 2003, p. 291/292).

Entendemos que Bakhtin sugere que o estilo individual do enunciado em condições imediatas pode reproduzir a cultura, na materialidade de sua relativa autonomia autoral enquanto sujeito do discurso. Porquanto, é no potencial de pressuposição de sentidos dos enunciados que o sujeito deixa transparecer também o aspecto expressivo pessoal, que fala da sua história e de seu lugar.

No que diz respeito ao tema social desta pesquisa, que se relaciona com as análises discursivas dialógicas (BAKHTIN, 2003), na atividade do jornalismo cotidiano entende-se que é pelos *elementos semânticos-objetais* (idem 2003) em que definem a relação valorativa do sujeito com o estilo e a composição que aparece na totalidade enunciativa, como “parte do plano do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 266) da ação comunicativa do sujeito do discurso, que, por sua vez, liga esses elementos as ocorrências dos tipos de gêneros e aos seus vínculos composicionais.

Assim como em outras situações discursivas, no jornalismo, o projeto concreto individual exprime certas posições ideológicas do sujeito do discurso através dos tipos genéricos que ele seleciona de um estoque social. Nesta perspectiva, é possível observar o valor do conteúdo discursivo no momento abstrato do projeto concreto e pleno do discurso, na inteligibilidade do projeto concreto individual e pleno do discurso acabado, que o estilo individual dá a conclusibilidade específica ao discurso¹⁹.

A produção discursiva recortada nesta pesquisa intercepta essa nova experiência da forma valorativa do discurso, condicionando ao estilo individual a

¹⁹ É clara a intenção da mídia cotidiana de tentar interceder em todos os níveis do enunciado, com a intenção de alimentar um diálogo inacabado com interlocutores potenciais, em condições de interações discursivas voláteis e aparentemente infinitas (N.A.).

uma diversidade de práticas discursivas nas sucessivas publicações de natureza puramente factual.

Através de Adam e Heidmann (2004) se esclarece que, também em tais condições de interesse prático, num cenário de natureza comunicativa, para dá conta do volume de diálogos o sujeito do discurso da mídia cotidiana ajusta, transforma ou subverte um ou mais tipo de gêneros, e, assim, ele satisfaz sua vontade de dialogar, reafirmando suas intenções discursivas, fazendo uso de mecanismos enunciativos e de elementos linguísticos de representação.

Tomado de exemplo essa realidade concreta, é possível encontrar a ação de genericidade (ADAM e HEIDMANN, 2004) na produção discursiva do jornalismo cotidiano, se materializando nas vezes em que determinado enunciado se modifica transparecendo os laços com outro enunciado relacionado. Esse estudo procurou saber como o sentido do enunciado transformado afetou o gênero, na totalidade do impacto das formas genéricas sobre o desenvolvimento da comunicação mediada.

No campo das análises do diálogo midiático do jornalismo cotidiano, na ligação de um enunciado com outros enunciados restam as inferências precisas do discurso, marcadas na concretude de sua identidade em relação à língua e a constituição de sentidos no interior do discurso. Um trabalho de ajustamento nos termos de um dado código de referência²⁰, onde o enunciado pleno de saturamentos ideológicos procura alcançar o ponto máximo de inteligibilidade e aceitação.

Para o dialogismo, o sujeito do discurso é fonte voluntária de dado sentido ideológico e social imediato do diálogo, atuando como instrumento de comunicação, que, através de linguagens sociais, representa e traduz, por meio de signos ideológicos, as palavras de uma língua. Na condição de agente ativo do ato discursivo, no jornalismo, o sujeito do discurso faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso, seja com “palavras dialéticas” e/ou “expressões profissionais” (BAKKHTIN 2003, p. 267).

Nesse modelo de produção mecanizada de enunciados para a comunicação de massa, os sentidos são mais facilmente absorvidos, porque se

²⁰ O professor de ética na comunicação, Barros Filho (2003) acrescenta às normas linguísticas as coerções e ajustamentos de ordem econômicas e da ideologia hegemônica.

estruturam em formas semio-enunciativas constituídas a partir da exterioridade interativa que lhes dão sentidos. Isso faz o discurso no conteúdo informativo do jornalismo encabeçar a preferência dos sujeitos do diálogo na hora de escolher no estoque social de signos temas e formas genéricas discursivas para a interatividade cotidiana no contemporâneo.

Portanto, as expressões enunciativas do modo informativo no jornalismo cotidiano são capazes de transparecer a ideia do autor, ajustada à materialidade da intenção semântico-objetal do enunciado. É o que diz Bakhtin nos princípios das análises discursiva do dialogismo. Para ele, o semântico-objetal das expressões semio-discursivas desse campo de atividade materializam a interatividade em conformidade com “a ideia do autor” (BAKHTIN, 2003). Isto quer dizer que, do ponto de vista dialógico, as expressões semio-discursivas são instituições orgânicas, que pela exauribilidade do tema e do sentido refletem a complexidade dos discursos. Nos circuito conectado elas reflexionam as consequências do intrincado movimento das forças da língua.

Isso faz da atividade de comunicação contemporânea um lugar de experiências interacionais singulares de leitura e construção de sentidos e de intenso movimento das forças da língua, na inseparabilidade do diálogo com os aplicativos mediáticos²¹ conectados a grande rede mundial de computadores. Novidades tecnológicas e novos suportes de interação social induzem o sujeito do discurso a experimentar a sensação de viver outra dinâmica linguageira. A pesquisa procurou no ambiente de produção discursiva atual os registros dessas mudanças na maneira de eles se sociabilizarem atualmente.

Em Lévy (2000), na nova modalidade gráfica virtual, vista de uma janela digital (a tela eletrônica para leitura) a forma do enunciado enriquece consideravelmente a leitura e multiplica as ocasiões de produção de sentidos. Na lógica binária que existe por trás da tela eletrônica para leitura sinais alfabéticos se estruturam e são traduzidos para uma série de códigos informáticos²². No

²¹ Programas de informática que ajudam duas ou mais unidades incompatíveis para que se interliguem num sistema padrão de comunicação, permitindo a transferência de dados entre eles (N.A.).

²² Disponível em: <<http://professor.unisinos.br/tonietto/tsi/ica/LogicaBinaria.pdf>>. A lógica binária é a base do sistema computacional. É um sistema de numeração, no qual as operações são realizadas através de bits, que organizados formam o sistema digital. Essa combinação formam palavras, imagens e sons digitalizados e virtuais.

interior da máquina; os sinais se transformam em enunciados *hipertextualizados*²³ que se realizam sob o efeito da interação com *links* (ou outros códigos de linguagem).

Ações aparentemente mecânicas e de difícil compreensão fizeram o sujeito do discurso contemporâneo se adaptar às novas linguagens e às novas situações de comunicação. É assim que os registros da história evolutiva revelam o quanto o ser social é capaz de se adaptar às estruturas de comunicação a partir das necessidades languageiras imediatas.

Na contemporaneidade, diz Lévy (2000), as *práticas e atitudes* de comunicação fizeram o sujeito se adaptar à máquina e a produzir discursos, cujas especificidades estéticas se complexificaram à medida que as máquinas e esses fenômenos foram evoluindo. Para dá um toque de normalidade, a experiência das relações entre a comunicação e a cibernética busca humanizar a tecnologia e toda a infraestrutura digitalizada, em condições que vão além da nossa capacidade neurológica de conceber o humano.

Foi pensando em reduzir esse distanciamento cognitivo, que essa pesquisa procura compreender a complexidade da relação entre o sujeito e o objeto, para entender em que as condições de produção discursiva de hoje apagam a ideia moderna de dependência do meio ambiente para dar lugar a sensação de estar no centro das coisas.

A sociologia na cibernética explica essa sensação, nos relatos de Lévy (2011), como um fator emocional, onde o ser social da comunicação discursiva nos circuitos conectados procurando visibilidade e laços culturais, mas, de maneira egoísta. Saturado de diferentes ideologias, nos ensina Lévy, o sujeito do discurso dialoga através de raciocínios a curto prazo, mas que são ao mesmo tempo eficazes e analíticos (LÉVY, 2000). Entra em cena a experiência a inteligência coletiva²⁴, que nada mais é do que o *pensamento histórico, datado e situado* (LÉVY, 2011, p. 95), armazenado em rede.

²³ Para LÉVY (2011), *hipertexto* é um texto digital, reconfigurável e fluido, composto de blocos elementares ligados por *links* que podem ser explorados em tempo real. A experiência da escrita-leitura coletiva *hipercontextualiza* automaticamente e a *hipertextualidade*, como dispositivo *hipertextual* constitui objetivação, exteriorização e virtualização das construções discursivas.

²⁴ LÉVY (2011) explica inteligência coletiva na perspectiva de uma utopia tecnopolítica da parte coletiva da cognição e da afetividade social (ibidem 2011, p. 95). Ele trata como um conjunto canônico de aptidões

A ciber sociologia contemporânea vê na ação discursiva na web modos transformadores de pensar dos sujeitos conectados, resistindo, pela linguagem, a subordinação a um conjunto coerções ideológica, econômica e social. Segundo o próprio Lévy (2011), a conexão faz o sujeito vivenciar novas experiências formais de sociabilização nas fronteiras da linguagem. Contudo, ressalta o autor, as pressões sob o efeito contemporâneo faz dele um vivente virtual, abstraído do modo de ser e existir de sujeito no todo das coerções em rede.

Do ponto de vista analítico discursivo bakhtiniano, os problemas com a subordinação e a abstração nas análises dialógicas em rede são resolvidos de duas maneiras: pela evolução histórica da língua – nesse posicionamento, Bakhtin (1998) admite que a evolução da língua, assim como toda evolução histórica, se coloca na condição de uma necessidade voluntária e desejada; de início, tomada por uma necessidade espontânea, sendo aceita até como uma necessidade involuntária. Isto é, pela nova refração de sentidos dada ao signo existente, o sujeito desaprende expressões desgastadas pelo tempo, com o auxílio dos lapsos históricos de memória materiais da dinâmica de sentidos.

A outra maneira seria pela forma. Aqui, Bakhtin se refere à estrutura da enunciação, tratando-a como elemento que reivindica para si a condição puramente social (*forma* e *tema*). Porque, na palavras de Bakhtin (2003), a *construção composicional* faz do ato de fala uma contradição de *formas* e *conteúdos* guardadas as devidas proporções (BAKHTIN, 2003, p. 261). Num primeiro momento, na ótica de Bakhtin, as aquisições e realizações enunciativas satisfazem o impulso discursivo nas formas da existência estética da sua singularidade; e, num segundo momento, diz o autor, elas se complementam quando assumem um caráter utilitário e quando determinam o quanto adequadamente se realizou a tarefa da *forma* e do *tema* na *construção composicional* (BAKHTIN, 1998).

Retomando o conjunto de ideias de Lévy (2000 e 2011), nos novos códigos de linguagem, nos objetos técnicos, nas produções discursivas atuais, a forma torna-se concreta, inteira e relativamente acabada pela subjetividade entre a

técnica (os suportes midiáticos eficazes conectados), a cultura (a dinâmica das representações) e os sujeitos do discurso (as pessoas, seus laços, suas trocas e suas relações de forças contraditórias). E o diálogo, diz Bakhtin, se materializa na relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia.

Verifica-se que na atividade de comunicação contemporânea, em consonância com as ideias de Lévy, ocorre um tipo de alteridade própria desse ambiente, que cruza o leitor e o autor, com o sujeito do discurso que elimina as fronteiras culturais, subtraindo a autoria e apagando a história recente. Lévy (2011) registra nos seus estudos que nesse lugar de novas especificidades estéticas e de fenômenos incomuns de interação social, não surpreende haver práticas discursivas por meio de enunciados cada vez mais copiados, transformados e subvertidos, para atender as condições de produção discursivas imediatas e mediatas.

A ideia de coletividade responde por ele ter se adaptado ao novo modo de dialogar e de agir, de arquitetar, transformar e articular enunciados entre eles, a partir de formas estilísticas que potencializam os interesses imediatos.

Nesse aspecto, a mídia móvel acessada a distância exerce importante função, hoje, de lugar onde os signos ideológicos, os enunciados e as produções discursivas circulam estruturados em diferentes formas e sentidos. Nas pesquisas sobre a mídia cotidiana, ressalta-se que apesar da diversidade de temas valorizados para atender interesses imediatos e mediatos, são os *fiões interdiscursivos*²⁵ (MOIRAND, 2006, p. 2) que autorizam sentidos para o interior do enunciado. Verifica-se na essência das expressões semio-enunciativas e suas pressuposições de sentidos, que o jornalismo faz circular, o sentido no interior do enunciado não garante conclusibilidade e nem inteireza. No jornalismo, a dinâmica de sentido se abriga em sucessivas publicações e na ideia de grande circulação da notícia e na velocidade de atualização.

Todas essas características reacentuam no jornalismo da mídia cotidiana seu caráter plurilinguístico social; tido com um lugar de práticas discursivas por onde circulam discursos plurais, polissêmicos, que, quase pacificamente,

²⁵ Segundo a autora, são estruturas tecidas por palavras, formulações e declarações que se deslocam de um gênero para outro de mesma hiperestrutura, ou de uma hiperestrutura a outra, em diferentes suportes, no interior do mesmo acontecimento, ou durante o tempo de duração do acontecimento (MOIRAND, 2006, p. 14-15).

convivem com diferentes ideologias; um lugar de onde se ouvem vozes na voz de outros, em enunciações que ligam diferentes comunidades pelo mesmo acontecimento, levando adiante a forma de comunicação cotidiana de interesse prático. E, como já antes observado, essa atividade de comunicação se estrutura e se complementa também na articulação entre suportes, em condições de espaço e tempo diferentes (Zozzoli, 2012 e 2015), através de uma materialidade enunciativa que tende, quando circula, carregar marcas de transformações (Moirand, 2006).

O percurso teórico feito até agora ajudou abstrair o objeto do discurso e a tornar inteligível o que se vai observar na ação do sujeito pesquisado. Medidas que foram reveladas, nas discussões sobre a gênese da ação e a prática do sujeito do discurso no momento abstrato do projeto concreto e pleno do discurso; na materialidade discursiva que depois foi analisada nesta investigação. Para efeito de análises e de acordo com a singularidade do sentido em que se apoiou essas propostas norteadoras, focou-se na dinâmica interativa do enunciado e nas formas semânticas-objetais, que encaminharam para as formas semio-enunciativas.

O estudo constata que a dinâmica discursiva do enunciado do modo informativo sob o efeito contemporâneo se materializa no e pelo deslocamento, seja de um suporte para outro, seja de um gênero para o outro. Moirand (2006), nos estudos, acrescenta que em condições analíticas discursivas da mídia cotidiana outros dois elementos interagem no mesmo espaço da forma e do tema, e que são simultâneos: a recorrência e as articulações. Isto posto, nos propomos demonstrar ser possível que, sob o efeito deste tipo de produção discursiva, sempre haverá uma intensa reformulação da mesma unidade discursiva e encaminhamento para análises sujeitas às observações focadas na articulação de uma unidade a outra, e na representação da palavra de outrem.

1.1 O plurilinguismo social no discurso do sujeito na mídia cotidiana

Na introdução deste capítulo ponderou-se sobre certos aspectos referentes à complexidade das teorias que apreciam a relação entre o ser e o objeto nas condições de produção discursiva hoje. Nesse entendimento, procuramos estabelecer um conjunto de princípios teóricos de análises que enxerga o sujeito

do discurso experimentado em singulares leituras e em construção de sentidos no interior do discurso, saturados de ideologias, através de interações à distância, conectado pela tecnologia das mídias digitais.

Procuramos sedimentar esses princípios na realidade concreta e imediata do sujeito do discurso no jornalismo contemporâneo, que esta pesquisa considera fator determinante do discurso que materializa e ajusta o sujeito do discurso em relação à sua materialidade histórica discursiva. Fator que o chamado círculo Bakhtin/Volochinov consagra como determinantes na verificação da “vida concreta de dado individuo nas condições de meio social” (BAKHTINVOLOCHINOV, 2004, p. 48).

Mas, por trás dos embates em torno das produções discursivas atuais existe um sujeito do discurso, alocado no contexto de certos aspectos sociológicos contemporâneos. O contexto interativo, o meio e o ambiente social que define sujeito do discurso, a forma da sua criação ideológica e o grupo social ao qual pertence; como já foi visto, são condições que interferem diretamente na construção do enunciado e na intenção social discursiva. Procuramos, agora, sob o efeito da sociabilidade contemporânea, compreender as práticas sócio interacionais do sujeito do discurso assume adaptado, envolvido e submetido ao ambiente interativo dialógico em rede.

No campo da sociologia contemporânea, autores como Bauman (2004) define o espaço social de hoje como instável e atravessado por valores específicos, à medida que os modos e os valores se inovam e interagem relativizados pelo *desejo*²⁶. O desejo na Pós-modernidade nasce consequente da *crise de paradigma*²⁷ (BAUMAN, 1998), nas *condições Pós-Modernas*²⁸, e que faz o sujeito do discurso conviver com a sensação de experimentar uma nova realidade enquanto sujeito, retido no desejo de consumir e ser consumido. Cria-

²⁶ Para Bauman (2004), o desejo é um impulso centrípeto, de destruição e de consumo. O sujeito líquido quer consumir e esse desejo coincide com a aniquilação de seu objeto. O desejo é instigado pela presença da alteridade, em oposição ao amor (ibidem p. 23-24-25).

²⁷ Para Bauman (1998) a *crise de paradigmas* diz respeito à estabilidade supra individual da sabedoria Moderna. Ao afirmar essa concepção, ele se dirige às normas e as resoluções, que imprimiram e conduziram homens e mulheres a um ideal de beleza, pureza e ordem. *Os mal estares da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais* (ibidem 1998, p. 10).

²⁸ A Pós Modernidade aqui é compreendida a partir da obra O mal-estar da Pós-Modernidade. (Bauman, 1998). Para o autor, Pós Modernidade representa comportamento de consumo, seja ele objetivo ou não.

se, diz o sociólogo do comportamento, uma tensão na relação entre fato e valor, isto é, entre substância e atributo, na experiência humana atual. Segundo ele, no momento contemporâneo, a vida “é formada e compilada” e, ao mesmo tempo, partilhada e administrada, e o “significado é concebido, absorvido e negociado em torno de lugares”, (BAUMAN, 2004).

Diz Bauman:

Uma situação em que os conceitos que organizam as nossas percepções impelem-nos a tratar as ocorrências mais típicas e mais frequentes como exceções, tornando a ‘norma’ uma noção cada vez mais nebulosa... (BAUMAN, 1998, p. 165).

Bauman (2004) classifica essa materialidade histórica de pós-modernidade líquida, que nas suas reflexões representa uma sociedade de comunicação e consumo, em que o discurso concreto e real existe num contexto de linguagem de exceções. O autor enfatiza que é aí que surge a sensação de estar no centro das coisas. É pelo discurso que o sujeito experimenta o comportamento social complexo, impregnado pela infraestrutura tecnológica de comunicação e interação: onde ele aprende a se conectar e dali ele fala, lê, escreve, na complexidade da relação entre o ser e o objeto. E assim ele também apaga e reacende a ideia de uma dependência da relação com o outro para viver.

Através da sociologia da ciber cultura, vimos Lévy (2011) identificar no caráter coletivo dos diálogos que circulam na internet, no fluxo hiper-real de dados, a relação mútua entre a cognição humana e a cibernética e que em tais condições discursivas as movimentações dos sujeitos são sedimentadas na atividade de um novo tipo de inteligência. Como isso, Lévy quis dizer que interagir em rede constitui-se num modelo descentralizado onde cada um produz e dissemina informação, onde o sujeito líquido (BAUMAN, 2004) busca visibilidade e contatos, por meio de laços culturais e afetivos. E as afinidades são agrupadas por temas e por similaridades de sentido.

Sob a ótica do dialogismo, numa diversidade social de linguagens organizadas, às vezes de línguas e vozes individuais, a estratificação interna de cada língua, na sua existência histórica, dá o tom dos discursos dos diversos dialetos sociais, insistindo numa unificação de vozes diferentes e todos os seus temas, todo o seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. Nas palavras

de Bakhtin, “cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (BAKHTIN, 1998, p. 75).

Embora Bauman (1998 e 2004) nunca tenha citado alguma referência ao dialogismo no seu discurso sobre a sociologia contemporânea, mesmo assim ele problematiza um sujeito que discursa conectado, constituído no e pelo consumo e que ignora fronteiras culturais para alcançar usuários em longo prazo²⁹. Isto é, assim como no grande diálogo social, interagindo à distância, o sujeito do discurso líquido busca alcançar outros sujeitos em condições instáveis e imprecisas para, juntos e a distância, enriquecem de sentidos enunciações plenas de interpretação, na complexa relação entre sujeitos, a cognição humana e a cibernética.

Em toda essa aproximação virtualizada através do diálogo motivado pela conexão, onde se lida com sujeitos de comunidades que dialogam em processo de interação à distância, no “plurilinguismo dialogizado”³⁰ (BAKHTIN, 1998) a escolha dos temas potencializa a hibridização das sociedades e faz emergir problemáticas socioculturais através de vozes periféricas, trazidas para o centro do debate, de culturas que até viviam silenciadas na periferia cultural eurocêntrica. Isso gera tensão.

O sujeito líquido de Bauman (2004) saturado de ideologias, pelo discurso se desloca virtualmente nas fronteiras culturais, econômicas e sociais da pós-modernidade. Sob a ótica do plurilinguismo dialogizado, este sujeito põe em circulação pontos de vistas mais urgentes, procurando cúmplices através de discursos que ele concretiza um mundo hiper-real virtual, experimentando uma linguagem técnica conectada.

Além de leituras hiperestruturadas e hipertextualizadas, o dispositivo de leitura (a tela digital), na sociedade líquida, é também o ponto de interseção de grandes cruzamentos culturais do plurilinguismo social, por onde transitam enunciados que se relativizam na interação com outros enunciados. Isto exigiu

²⁹ Diz Bauman: *o discurso é amarrado ao tempo e por ele nutrido* (2004, p. 36).

³⁰ Bakhtin explica que o plurilinguismo dialogizado vive e se forma na enunciação; é anônimo e social como linguagem, concreto e saturado de conteúdo, em geral, acentuado como enunciação verbal (BAKHTIN, 1998).

que novas modalidades de tipos genéricos discursivos fossem criados como potencializadores de novas maneiras de ler, escrever e interagir.

Assim, no meio de simulações discursivas conectadas, o plurilinguismo social consiste de ideologias que se rivalizam em condições de igualdade, faz o sujeito do discurso contemporizar a *crise de paradigmas* (BAUMAN, 1998) da sociedade técnica e líquida, sobrevivendo na experiência de uma discursividade líquida, que o leva, pelo consumo, encontrar razões de existir na instabilidade de sua existência pós-moderna.

Do ponto de vista ideológico, por intermédio do plurilinguismo dialogizado, a “consciência linguística” (BAHTIN, 1998) real e saturada de ideologia participa de um plurilinguismo e de uma plurivocidade autêntica, em que novas ideologias atribuem novas formas de sociabilidade. Para o dialogismo o discurso é orientado para a resposta. No meio ambiente midiático, que envolve a dimensão dialógica discursiva desta pesquisa, é a *memória coletiva*³¹ (LÉVY 2011) que preserva as expressões semio-discursivas e os instrumentos composicionais (o mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo) que tem como prerrogativa o poder de multiplicar as ocasiões de sentido.

No grande diálogo social contemporâneo em rede, os textos estruturados com *links* valorizam consideravelmente da leitura. Os dispositivos hipercontextualizados automáticos transportam o leitor para outros campos enunciativos, favorecendo compreensão que vai além do nível de apreensão e relação com outros sujeitos pelo caráter de “objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura” (LÉVY, 2011, p. 43).

É pelo consumo inacabado das situações de simulações discursivas, que o sujeito do discurso relativiza ator e autor pela noção de desterritorialização³². E nessa ordem de incertezas, novos hábitos essenciais relativizam o *novo* na

³¹ Lévy (2011) explica que o ciber espaço favorece conexões, coordenações e sinergias entre inteligências individuais e coletivas. Neste caso, são softwares os constituintes da *memória coletiva*, isto é, micromódolos cognitivos automáticos que se juntam aos dos humanos, transformando ou aumentando as capacidades de aprendizagem, de navegação e de comunicação.

³² Esse conceito adapta-se a análise cronotópica proposta por Bakhtin, que, no dialogismo, equivale à construção de sentido que está na base de todo texto narrativo (espaço) e ao caráter responsivo dos movimentos do enredo e da história (tempo). Em Lévy (2011), é o desprendimento do aqui e agora, relacionado ao modo transitório como a informação on line se organiza no ambiente virtual. Segundo o próprio autor, “o hipertexto contribui para produzir aqui a acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura” (2011, p. 20). Isto é, embora as comunidades virtuais se organizem, por afinidades, sobre bases de sistemas de comunicação telemáticos, seus membros se reúnem em núcleos de interesse, reinventando uma cultura nômade.

complexidade dos novos tipos de ideologia, inteligência e de *memória*³³. No sentido dado ao *novo*³⁴, em condições do diálogo social e subordinado ao sentido estrito dos acontecimentos contemporâneos, os sujeitos do discurso se acomodam a se preservam lá, mesmo que temporariamente, nas ideologias materializadas de uma dinâmica de fatos e valores imediatos.

É o *novo* que nas atribuições dialógicas apaga a memória de curto prazo. É apontado por Zizek (1996) como sintoma contemporâneo da *fragilidade ideológica*³⁵. Autor de grandes tratados polêmicos, o *novo* relativizado por ele é quem contribui para o sujeito desaprender o discurso acabado como condição do passado, ou como fonte, que ele retorna de acordo com a ordem do interesse imediato. Desaprendido, o *novo* se rende à velocidade da atualização, desaprendendo também de forma radical um acontecimento inteiramente inscrito na lógica da ordem existente.

Assim, Zizek (1996) justifica porque subjugadas ao *novo* as ideologias na contemporaneidade se inscrevem na instabilidade, abstraídas e colocadas em oposição à internalização da contingência externa que se instala nas bases da relação com a hegemonia econômica e política, com as lutas de classes sociais e os antagonismos ideológicos. Segundo o próprio sociólogo, isso se resolve com a ideologia trabalhando o conceito do *não mais é* (ibidem 1996, p. 13). Esse sintoma costuma apagar o jogo das ocorrências que marcam as ocasiões de dominação e espoliação geopolítica. No dialogismo em rede, a consciência linguística reforça a ideia de que toda ideologia sempre será a externalização do resultado de uma necessidade externa.

Na ideologia do cotidiano (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), os conflitos ideológicos coletivos estão na gênese das coerções e ajustados indicados pela hegemonia econômica, em toda sua extensão, em todas as suas etapas. Em contrapartida, sob os efeitos do diálogo social contemporâneo, pelas forças de

³³ Para Moirand (2007), a memória é o que constitui o discurso midiático. A autora explica que na mídia o *saber* é estruturado segundo a escolha da atividade discursiva, para dar conta dos fatos do mundo, que só assim podem ser ditos, descritos ou explicados.

³⁴ Para Zizek (1996), está na gênese da matriz dialética que regula o velho e o novo. Isto é, existe pelo antagonismo, é a fonte produtora da matriz de uma ideologia geradora de liquidez, experimentada na sensação de instabilidade Pós-Moderna (BAUMAN, 2008).

³⁵ Segundo Zizek (1996), a fragilidade das ideologias se materializa e ganha força no movimento repetitivo de sensações intermediárias de ideologias; isto é, o sujeito reinventa e atualiza ideologias que só existem na alteridade.

resistência da língua a ideologia ganha nova camada de sentido e se reveste de meio essencial pelo qual os sujeitos do discurso experimentam desde suas relações com as estruturas sociais, *até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante* (ZIZEK, 1996, p. 9).

As condições do diálogo social contemporâneo de Bakhtin (2001) nos faz entender a ideologia, no sentido estrito do termo, para além do limite do corpo individual, personificada numa expressão de consciência de classe. Nesse sentido, nos relatos deste autor, todo produto da linguagem do sujeito do discurso, em todos os momentos essenciais do diálogo social, é determinado pela situação social em que ressoa essa enunciação, ao contrário dos que pensam que ela ocorre pela vivência subjetiva do falante. Na palavras de Bakhtin, a linguagem e suas formas são produtos de longo convívio social de determinado grupo de linguagem.

Diz o autor:

... não se pode tomar como verdade nenhuma ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se esconde por trás dela (BAKHTIN, 2001, p. 79).

No modo informativo do jornalismo contemporâneo o cenário se configura na discursividade que ganha força na *significação cotidiana do tema* (BAKHTIN, 1998), e se manifesta nas intenções isoladas do discurso de um sujeito autorizado a falar: um cenário de contextos temáticos que o plurilinguismo dialógico dilui em diálogos plenos de atravessamentos ideológicos de onde se ouvem diversas línguas sociais nas vozes de outrem.

Sob a perspectiva dialógica, na essência das relações mais imediatas ou mediadas (e neste caso, mediadas) a força do tema une e dá sentido ao diálogo na materialidade da ação comunicativa. O tema se transforma numa ação de vida, um meio de divulgar ideologias que torna um enunciado real de um conteúdo único e concreto. Em Bakhtin (2003), através de sua forma e tema, o enunciado ganha valor toda vez que se realiza uma ação comunicativa de acréscimos pela evidência da sua condição de produção discursiva e pelas condições imediatas do diálogo.

Hoje, sob os efeitos dos fundamentos do dialogismo bakhtiniano e na perspectiva de Lévy (2000), é válido afirmar que as ações comunicativas e de vida do sujeito do discurso autorizado se relativizam em duas frentes: na mútua relação entre a vida do sujeito e sua relação com a linguagem; e na relação entre a cognição humana e a cibernética. Essas frentes emergem e se materializam na internalização da contingência externa que vem das bases, sob a pressão da hegemonia econômica e política, de lutas de classes sociais e antagonismos ideológicos. Tudo isso coexistindo num ambiente discursivo de fácil acesso à rede mundial de computadores e a diversidade dos suportes midiáticos de interação disponíveis.

No campo das premissas possíveis, o dialogismo prevê uma dialética entre a vida e a língua, que, segundo Bakhtin, coabitam em condições intrínsecas de *relação imediata* (BAKHTIN 2003). Assim, podemos dizer que no dialogismo a linguagem do jornalismo cotidiano evidencia a total integração entre língua e vida todas as vezes que são elaborados enunciados *concretos* com propósitos discursivos específicos e de interesses práticos; sobretudo e principalmente, referenciados nas formas mais cotidianas de interação social.

Diz Bakhtin que é por meio de enunciados *concretos* que a vida se relaciona com a língua nas vezes que interage com o sentido, no interior do enunciado. Por isso, procuramos tratar o enunciado do modo informativo, aqui, como “um núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2003, p. 265); que num dada materialidade histórica mostra as vezes que os fios discursivos entrelaçaram vida e língua.

Essa problemática só foi possível de decifrar naquilo que o chamado círculo Bakhtin/Volochinov determina como a vida concreta de um sujeito através do discurso; isto é, no “ato de compreensão” (BAKHTIN, 2001, p.61) do sentido e na “ativa compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 271) na interações dialogizadas. Para o dialogismo, são as condições que efetivam a comunicação contemporânea dos sujeitos do discurso que pensam e agem em seus particulares existenciais. Ainda no dizer do autor, os fatores sociais determinam e faz com que o sujeito do discurso esteja sempre se associando a ideologias, de onde ele depreende interpretações socioideológicas, para apreciar a vida.

No entendimento do chamado círculo BAKHTIN/VOLVOCHINOV, os processos dialéticos se realizam fora do organismo vivo, na realidade do signo e no material semiótico sem os quais não se pode falar em sujeito do diálogo e do discurso. Isto torna válidas, portanto, as afirmações de que, no diálogo social, o sujeito do discurso interage reagindo ao seu meio social, no limiar entre o organismo vivo e a realidade exterior, onde ele, quando discursa, se opõe e reflexiona³⁶.

Partimos do princípio de que a realidade da vida concreta do sujeito do discurso é a do signo, que esta é uma realidade ideológica, isto é, “um território concreto, sociológico e significativo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 57); sobretudo, quando nos referimos à realidade social que o sujeito pesquisado se encontra. Entendemos ainda que, submetidos aos fundamentos da causa, pelas mãos do sujeito do discurso o signo significativo, concreto e sociológico é relativamente livre; isto é, ele não estabelece fronteiras entre a realidade semiótica e a intensão discursiva. Este fenômeno ideológico contemporâneo “banha-se nos signos interiores”³⁷ (idem 2004), independentemente do signo ideológico ao qual ele se relaciona no exterior, não importando em natureza esteja.

Relacionar a relação do sujeito do discurso e a comunicação mediada, sugere uma dimensão que tem como componente a função semiótica expressiva de seu tempo. Portanto, enxergamos no contexto interativo do modo informativo, o discurso como função social com certa tendência ideológica onde o signo e a situação social se inscrevem. Para o chamado círculo Bakhtin/Volochinov a função social do signo ideológico

nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver. Nos seus relatos, a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto Interior (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 57).

³⁶ Para Bakhtin, a consciência é coletiva e social. Diz ele: *o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. (...) neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro* (2003, p. 394).

³⁷ *Consciência, no dialogismo, é um fato sócio-ideológico, não acessível a métodos tomados de empréstimos à filosofia ou às ciências sociais* (BAKHTIN, 2001, p. 48).

Retomando as referências dos estudos de Zozzoli (2012), vemos o tema na forma semio expressiva aparecer como elemento momentâneo e fundamentalmente aglutinador de interesses imediatos. Segundo a própria autora, o tema (ou motivo, segundo o próprio Bakhtin) não deve ser tratado apenas como elemento essencial nos processos dialógicos. Para Zozzoli,

no mundo atual, os motivos surgem e desaparecem, diversificam-se e transformam-se na mesma medida em que o diálogo social se movimenta. Quanto mais as possibilidades de comunicação se alargam, mais a dinâmica das mudanças dos motivos, dos gêneros e dos suportes é intensa (ZOZZOLI, 2012 p. 364).

Nesse contexto, no ápice desse intenso fluxo de diálogos líquidos do modo informativo do jornalismo, motivados pelo tema e impregnados por ideologias fragilizadas, no diálogo social o sujeito do discurso faz circular composições linguageiras capazes de reflexionarem e refratarem realidades paralelas, sem deixar de fazer parte da realidade material a qual estão ligados. Considerando, portanto, certos aspectos do dialogismo neste campo de comunicação, os modos de linguagem, pela força e fluência expressiva, materializam formas e sentidos a partir de uma alteridade egressa de uma interatividade relativamente artificial.

O sentido no interior do discurso atribuído a complexa cadeia de fios discursivos tecidos pelo discurso do jornalismo, sob a ótica de Bakhtin (2003), pode relacionar desde o que há de mais introspectivo no sujeito do discurso até aquilo que liga o seu interior ao exterior imediato, ao outro e a si mesmo. Sobretudo, agora, que essas ligações se estendem também à máquina conectada.

Resgatando as reflexões sobre a questão geral do gênero do discurso (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2003 e BAKHTIN 2004), se verifica que a cadeia de fios discursivos, provocados pelo sentido no interior do discurso, não são elementos distintos, mas complementares. Assim, relacionando esse conjunto teórico à complexidade das interações sociais de hoje, observa-se que no interior do discurso os processos enunciativos nas mídias sociais, sob o efeito interativo hipercontextualizado, são objetivos e operacionais, nos quais as condições

dialógicas acrescentam valor ao conteúdo do enunciado na potencialidade do coletivo.

Hoje, este valor está condicionado a fatores materiais históricos ligados à velocidade das conexões, mas, sem se distanciar da internalização da contingência externa nas bases da relação da hegemonia econômica e política, de lutas de classes sociais e antagonismos ideológicos.

Situada nessa sociedade líquida, de máquinas de interatividade conectadas, esse estudo toma como referência a ideia de que os “signos ideológicos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004) estão na ordem de uma substancial simbiose ciber cognitiva de inteligências coletivas e memórias artificiais. Para efeito desta investigação, hoje, no ambiente interativo conectado, as expressões semio-enunciativas são produtos de consumo dos sujeitos do discurso na condição de produtos para o consumo em massa, sem perder seu potencial de eficiência discursiva.

Esta investigação que se envolve com as condições de produção discursivas da materialidade analisada e enunciados recortados nas expressões semio-enunciativas do sujeito pesquisado, seguirá o entendimento de que na sequência de signos transportados do site de notícias para o aplicativo Twitter valor discursivo se agrega na essência da significação do sentido ideológico expressivo. Sentidos estes que são reinventados sem apagar suas características originais; isto é, eles se transformam, mas preservam o “universo do signo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004) de onde são retirados.

Com base na pressuposição do pensamento filosófico da linguagem do chamado círculo Bakhtin/Volochinov, na elaboração de uma linguagem que se comunica à distância através de máquinas conectadas, constata-se que em toda crítica ao discurso, não importa que abordagem seja admitida, o foco investigativo deve se concentrar na forma como desvio, como transgressão, como ruptura e no diálogo como jogo de confrontação e contradições da luta de classe (BAKHTIN/VOLOCHINOV 2004).

As análises buscam evidenciar as consequências discursivas da relação entre a cognição humana e a cibernética, concentrando-se na forma específica da língua, das palavras e dos temas por meio dos quais o sujeito do discurso

pesquisado desenvolveu técnicas languageiras de enunciação e de convívio social.

1.2A forma híbrida na dialogização interna do enunciado informativo

Dentro dos princípios fundamentais da discursividade dialógica de Bakhtin, tentando estabelecer a *forma* enunciativa do enunciado que o sujeito da pesquisa estruturou criativamente como parte do valor dado ao sentido do conteúdo do discurso plenamente acabado, optamos por acompanhar os processos de articulação do enunciado de uma mídia para outra e ver o que acontece. Vimos, registramos e analisamos a transformação estrutural que o enunciado sofreu quando transportado do site de notícias para o aplicativo Twitter.

No princípio, tomou-se a forma enunciativa na condição de uma atividade que se limita a obra material. Em seguida, procurou-se entender como essa mesma forma pode vir abranger a condição de uma expressão semio-enunciativa discursiva de dada relação dialógica objetiva no modo informativo do jornalismo cotidiano.

Procura-se, com isso, validar a forma enunciativa como elemento essencial para esta investigação que transcorreu no universo do discurso dialógico em rede. Pelo caráter que a forma enunciativa, na condição de organismo vivo da materialidade histórica dada, se apresenta no diálogo e expressa vozes dissonantes ou concordantes no grande diálogo social. Em condições de interação discursivas dialógicas, neste caso, a forma do enunciado registra, na exteriorização do ato individual de enunciação, a existência de ao menos duas consciências linguísticas e dois sujeitos sincronicamente localizados em duas realidades linguísticas distintas: um que fala e outro que ouve.

Do ponto de vista do contexto dialógico enunciativo, entendemos que a forma estrutural das expressões semio-enunciativas dos enunciados informativos realizada pelos sujeitos de discurso social, geográfica e ideologicamente localizados é consequência da medida da ideologia hegemônica. Nas ocorrências de relação e correlação com a alteridade virtual, nos parâmetros do discurso constituído e acabado (BAKHTIN, 1998), na mídia cotidiana a forma do enunciado também se localiza na fronteira de sentidos; porem, se materializa tomando parte

na totalidade da “ativa posição responsiva”³⁸ (BAKHTIN, 2003, p. 271). Isto foi observado no sujeito pesquisado, nas práticas e atitudes do diálogo conectado em rede.

O diálogo na mídia cotidiana bebe da mesma fonte dos diálogos no cotidiano discursivo. A diferença é que no modo informativo do jornalismo na mídia digital os enunciados transitam entre suportes virtuais, estabelecendo os mesmos fios discursivos que ligam enunciados bases aos enunciados consequentes, e que são condicionantes fundamentais para a construção de sentidos.

O falante, para o chamado círculo Bakhtin/Volochinov (2004), encontra-se mais preocupado com a fala imediata. Diz ele que nestes casos “para o falante não importa o aspecto da forma, que permanece o mesmo em todos os casos do seu uso por mais variados que eles sejam” (ibidem 2004, p. 177), porém, acrescenta, que o mais importante no aspecto geral do diálogo é a tarefa da compreensão no contexto concreto. Para esta análise, a forma faz parte do ato de compreensão ativa do discurso, porque em cada uma delas encontramos segmentação em conta gotas do plurilinguismo social nas ligações e correlações entre as enunciações e as línguas, movidas pelo tema que passa através de línguas e discursos.

Nos referências do dialogismo (BAKHTIN 1988 e 2004), o dialogo é resultado da “interação de pelo menos duas enunciações”, sejam elas “citadas ou narradas”³⁹ (BAKHTIN, 2003, p. 146). O objeto da forma influencia e determina o ato individual composicional enunciativo nas ocasiões das atividades de comunicação de transmissão de interesse prático. E no planejamento da dinâmica linguístico-dialógica de interação, a forma vai mostrar que no enunciado sempre haverá a absorção de ideias e sentimentos de outra enunciação. Fazendo uso de regras sintáticas, estilísticas e composicionais, sempre preparadas para assimilar parcialmente outro enunciado, até que o conteúdo seja incorporado na forma de sua própria unidade.

³⁸ Nesse contexto, reivindico Bakhtin (1998) para garantir ao conteúdo temático sentido e valor na relação subjetiva entre o falante, o conteúdo do objeto e o sentido do seu conteúdo.

³⁹ O princípio bakhtiniano descreve dois modos de formulação necessária na recolocação contextualizada do comentário efetivo. Um tem a ver com *o fundo participativo da palavra*, no discurso narrado, e o outro, o discurso citado quando em uso, na situação interna e externa (BAKHTIN, 2003, p. 147).

No enunciado do modo informativo do jornalismo cotidiano as pressões ideológicas verificadas nas expressões semio-discursivas e de vida fazem dele um organismo vivo pleno de dizeres ideologicamente saturados, cujo discurso do sujeito reflexiona uma diversidade de vozes alheias. Nos relatos do dia-a-dia do jornalismo, de formas sujeitas aos interesses políticos e econômicos dominantes, correlacionam sujeitos e discursos quando as palavras de outrem é informada, através dos modos mais cotidianos de interação.

A investigação considera fundamental nessa análise o caráter impositivo do enunciado de um gênero discursivo e de seus tipos genéricos na essencialidade de uma unidade real de comunicação discursiva. O enunciado do jornalismo cotidiano submetido à causa dos parâmetros do dialogismo, mostra-se uma atividade de comunicação que revela o quanto, “a evolução ideológica do homem – nesse contexto – é um processo de escolha e assimilação das palavras de outrem” (BAKHTIN, 1998, p. 142).

Permanecendo nas argumentações de Bakhtin (1998 e 2003) pode-se constatar duas situações discursivas: numa, de que as influências ideológicas são essenciais no jogo do diálogo social do jornalismo cotidiano – citando Bakhtin, o “objetivo da assimilação da palavra de outrem (...) adquire um sentido ainda mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, no sentido exato do termo” (BAKHTIN, 1998, p. 142); na outra, de que ele atua numa totalidade de “práticas e atitudes” (LEVY, 2011), que se faz presente em “todos os domínios da vida e da criação ideológica” (BAKHTIN, 1998, p. 139). As duas situações, no momento contemporâneo, são ações planejadas para valorizar as criações languageiras que se materializam e circulam no ambiente virtual.

Na interação cotidiana pelo enunciado informativo, torna-se evidente que o contexto do jornalismo cotidiano é um meio e ambiente de formas e expressões semio-enunciativas, que reflexiona os antagonismos ideológicos e os conflitos dos interesses econômicos, se aproveitando dos apagamentos ideológicos, para se isentar das implicações imediatas das contradições de classe e de ideias marginais.

Para estabilizar as relações e evitar constrangimentos e problemáticas dos conflitos em jogo, no jornalismo publicado na internet, a linguagem de

*textualidade eletrônica*⁴⁰ chega ao interlocutor plena de referencialidades e de representações. Tem a função de elemento essencial nos procedimentos de escolha e assimilação ideológica, por onde a ideologia hegemônica se escamoteia no modo de comunicação de interesse prático⁴¹.

Essa situação reforça a teoria de que o *signo ideológico* é uma refração direta das ideias presentes nas intenções da vida cotidiana dos sujeitos, que através de discursos valorizados pela introdução da palavra alheia colaboradora, se lançam no esforço incansável de harmonizar o plano da expressão e do sentido com a intenção de convencer, concordar ou discordar. Na ação de um sujeito polifônico (BAKHTIN, 1998), cuja história e o lugar de sujeito do discurso falam sobre ele e sobre o tratamento que ele dá ao *signo ideológico* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), e ainda o uso das formas, das expressões semio-expressivas e os conteúdos

Mais um indício de que o modo do jornalismo informativo faz parte da problemática trazida aqui. Uma prova material de que quanto mais intensa, diferenciada e elevada é a vida social de um grupo de sujeitos discursivos, mais se registra nos discursos um grande volume de palavras de outrem, que, como o próprio Bakhtin (1998) diz, são transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade.

Os gêneros recortados nesta análise demandaram uma descrição, que os ajudasse a relatar as formas de transmissão das palavras de outrem na ação do sujeito que faz uso da mídia cotidiana. E, na conta da diversidade de gêneros discursivos, uma classificação do tipo genérico que melhor se inscrevesse nas condições discursivas do momento contemporâneo estudado. Defende-se, aqui, a ideia de que a classificação de uma, ajudará a delimitar o relato do outro.

⁴⁰ Em Chartier (2003) é uma nova forma de construir discurso nas modalidades específicas. Neste caso, diz o autor: "a ordem do discurso é assim estabelecida a partir da materialidade própria de seus suportes" (ibidem p. 109).

⁴¹ Em Bakhtin (1998) além de ser a forma de transmissão do discurso cotidiano, é também quem determina todas as formas de transmissão cotidiana da palavra de outrem e registra as transformações materiais e históricas relacionadas com estas formas. E de acordo com o chamado círculo Bakhtin/Volochinov, a força do diálogo da comunicação de transmissão de interesse prático é uma aptidão da linguagem representativa, numa perspectiva relacional entre o ato isolado do falante e o momento em que o discurso constrói sentidos. Ou seja, ressoa ao mesmo tempo no diálogo e fora dele, para fala dele, falando com ele nas condições representativas do objeto que fala por si mesmo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

No contexto teórico supracitado, no risco de uma análise sobre as investigações em jogo e no modelo atual de linguagem de *textualidade eletrônica* desta pesquisa, ajusto o tipo genérico do meu objeto de estudo à categoria de elemento variável do gênero híbrido (BAKHTIN, 1998). Aplica-se esse elemento genérico por entender que o tipo de gênero relativiza o gênero do jornalismo da mídia cotidiana, por que nele se estruturam linguagens sociais e formas diversificadas para estabelecer sentidos no interior dos signos ideológicos.

Optamos pela classificação do gênero do tipo híbrido por dois motivos: pela tendência que ele tem de intermediar cruzamentos e misturar linguagens sociais, e por assumir uma estrutura que se mostra interessada na pluralidade de formas e gêneros discursivos (artigos, resenhas, reportagens, cartas, gráficos, imagens, etc), que são facilmente identificadas na interação discursiva mediada do jornalismo cotidiano.

Assim, tomando a ideia geral do gênero de formação híbrida, valorizarmos as representações de linguagens sociais diversificadas do gênero jornalístico, porque se sobrepõe aquela que representa, àquela que agora é representada. A forma híbrida composicional do enunciado, como o próprio Bakhtin diz, está comprometida em formar uma *imagem da linguagem*, de maneira conclusa e inteira, com a intenção de constituir no discurso “uma amostra da língua de outrem (...) autêntica ou falsa” (BAKHTIN, 1998, p. 157).

Na ação dialógica, em Bakhtin (1998), o elemento abstrato e subjetivo do ato individual da palavra representada influencia as forças sociais organizadas, relatando o modo dos sentidos do discurso. O sujeito do discurso do jornalismo da mídia cotidiana neutraliza sua presença aparecendo no enunciado pressupondo uma terceira pessoa. Isto é, o sujeito na ação unilateral discursiva se abstrai empiricamente da forma do “eu”, numa dada condição social discursiva de um enunciado, fazendo uso dessa indeterminação para falar na condição de autor. Maingueneau sinaliza para o “eu” preposicionado em “se” por onde o sujeito se escamoteia no discurso sob o signo da indeterminação. Para o autor, o sujeito se apropriando do predicativo de indeterminação na condição de *agente verificador* (MAINGUENEAU, 1997), aparece no discurso na condição de fiador de validades conteudísticas.

Na perspectiva de uma investigação interpretativista de carácter analítico dialógico discursivo (Bakhtin (1998) e autores correlatos) averigua-se que uma das características da forma híbrida composicional do enunciado do jornalismo cotidiano é neutralizar o agente verificador contedúístico no discurso. A forma híbrida desaparece com o autor que deixa, citando Bakhtin, “de existir no nosso exterior como um material percebido e organizado de modo cognitivo, transformando-se na expressão de uma atividade valorizante que penetra no conteúdo e o transforma” (ibidem 1998, p. 59).

Tudo isso nos faz concluir, portanto, que a forma híbrida composicional do enunciado de conteúdo informativo do jornalismo cotidiano se esgota toda vez que o sujeito do discurso experiencia uma *relação ativa* (BAKHTIN, 1998) com o conteúdo do discurso e com o outro. Para esta pesquisa, a forma híbrida composicional do enunciado é abstraída da contemplação estética terminada, em troca de uma empatia ética, para, ainda segundo o próprio Bakhtin, num esforço de dominação criativa, fazer entender o enunciado de outrem e dele retirar o objeto de análise do próprio enunciado.

1.3 Crítica ao carácter industrial do texto no jornalismo – o enunciado como *mídia de comunicação contemporânea*

No contexto de formação híbrida composicional do enunciado de conteúdo informativo tomou-se o cuidado de averiguar os aspectos singulares da massa textual do jornalismo cotidiano, a partir da visão interpretativista, de carácter analítico dialógico discursivo, e nela a estrutura das variadas linguagens sociais e formas composicionais diversificadas que são usadas para estabelecer sentidos no interior dos signos ideológicos. Inicialmente, reconhecemos nesta atividade de comunicação contemporânea a condição de principal motivação do pensamento social, hoje, e adota o conceito de “informação jornalística” o que Adam e Heidmann (2004) descrevem como as formas enunciativas *multissemióticas*, procurando acrescentar a área do ideológico sobre esta materialidade de planos no texto e nas sequências que envolvem a relação entre texto e imagem.

A massa textual do jornalismo vem sendo tratada apenas no seu contexto e sua expressão direta, como um enunciado gerado pela “indústria de texto para o consumo público”, que se encontra “em ligação com as condições concretas em

que se realizam” (LAGES, 2003, p. 35). É comum nesse campo do conhecimento, as análises recaírem em orientações normativas da língua, reduzindo o enunciado a um sistema de sinais, jamais relacionado às tratativas do ideológico. Ao revestir a massa textual do jornalismo na forma de produto fabricado em série, ao enunciado é atribuído o valor de parte do sistema de comunicação de massa, potencializado pela velocidade de produção e difusão de acontecimentos ordinários.

Essa visão estéril se consolida ainda mais quando a massa textual do jornalismo é localizada num conjunto de ações de comunicação complexas, que, enquanto atividade interdiscursiva e heterogênea na mídia cotidiana, é resultado de um trabalho coletivo que envolve vários autores/atores em diferentes papéis (pauteiro, repórteres, redatores, editores e fonte de informação em diferentes interlocuções) para materializar discursos na interação com leitores potenciais. Essa forma de pensamento estilístico⁴² reconhece apenas a neutralidade do discurso e o enunciado informativo do jornalismo como um objeto constituído pela casualidade.

Em suma, os relatos neste campo do conhecimento da Comunicação Social dão conta apenas da essência, tratando a massa textual do jornalismo como um processo de unidade textual não linear, configurado em conformidade com um determinado tipo de gênero do discurso e um suporte, e que se materializa a partir da conjunção de várias linguagens (verbal, visual, textual, sonora e imagética).

Por se tratar de comunicação de interesse prático, esta pesquisa consorcia a atividade de comunicação do jornalismo àquilo que Bakhtin (1998) reporta aos estudos de novos fenômenos no campo da linguagem e do discurso, dando a massa textual do jornalismo o tratamento de fenômeno exclusivamente explicáveis por fatores sociais. Segundo o próprio Bakhtin, são fatores “que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social” (ibidem 1998, p. 48), ao qual pertence e no qual ele atua como produtor de enunciados.

⁴² O estilo aqui é compreendido como um organismo vivo que tem indicações externas e correlação “de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem” (BAKHTIN, 1998, p. 92).

A fim de esclarecer a estrutura do enunciado desta atividade comunicativa, no contexto do diálogo social do jornalismo cotidiano, a narrativa informativa é ordenada a partir de fatos oriundos de uma variedade de situações encontradas no momento objetivo da ação, cujo valor do tema se agrupa numa só unidade textual para dar sentido à forma semio-expressiva desejada. Encontram-se nos relatos de Lages (200) que, em geral, o sujeito do discurso constrói os sentidos a partir de um aparente caos de pequenos acontecimentos constituintes de um acontecimento-base, num esforço discursivo que corre o risco de perder seu valor, pela dinâmica da atualização e velocidade de circulação dos fatos.

Nessas ocasiões, no jogo de sentidos, o fato recortado de uma dada realidade material ganha força de discurso pela noção de valor intrínseco atribuído por quem o observa e o valoriza, recorrendo a um tema que se destaca de um conjunto de fatos cotidianos. Nesta ocasião, o enunciado publicado age diretamente no diálogo social, pressupondo sentidos que se fortalecem à medida que estimula o interesse de um grande número de pessoas, porque, guardadas as devidas proporções, uma determinada massa textual do jornalismo publicada pode impactar ou afetar a vida de todos, de maneira positiva ou negativa.

Supondo que isso só acontece na conclusibilidade da forma dada ao acontecimento, a dinâmica da expressão semio-enunciativa do sujeito do discurso, nessas ocasiões, ganham valor pela velocidade de atualização, na abrangência da transformação da massa textual e nas sucessivas publicações que ele executa. Para preservar o enunciado ativo, sua massa de enunciados exige que sejam feitas unidades reais de comunicação discursivas, reconhecendo o papel ativo do outro no processo de comunicação discursiva.

Na particularidade da complexa ação comunicativa no jornalismo, observa-se certa flexibilidade no uso de regras semânticas e lexicais, com o intuito de se preservar sempre atual, na ordem da dinâmica da velocidade e da atualização. Como se pode observar grifo de Lages (2003), “em jornalismo, a ênfase (do tema) desloca-se para os conteúdos, para o que é informado” (ibidem 2003, p. 35), deixando de lado as contingências das normas rígidas da linguística. É assim, que os fazeres textuais do jornalismo obrigam os redatores a deixar de lado algumas dessas regras da língua, evitando, por exemplo, usos linguísticos pobres e cartoriais.

Nessa dinâmica enunciativa, alguns especialistas da Comunicação Social, entre eles Barros Filho (2003), relatam que a comunicação diária do jornalismo cotidiano resiste aos conflitos ideológicos e de linguagem, vendendo a ideia de que é uma atividade de comunicação onde debates e discussões se inter cruzam, para estabilizar as contradições de classes sociais e os antagonismos ideológicos, escamoteando a pressão dos interesses da econômica e da hegemonia ideológica.

O valor da natureza social do enunciado do jornalismo reside na sua versatilidade. Por um lado, é considerado por esses especialistas da linguagem na Comunicação Social como um produto à venda que, pelo caráter industrial, passa por uma linha de montagem (material e intelectual) que é, ao mesmo tempo, definidora e estruturante. Mas, por outro lado, alguns deles consideram tratar-se de um produto, uma mercadoria política e ideológica, cujos sentidos predominantes (sua linha editorial, no jargão do jornalismo) em jogo definem e identificam com antecedência o público-alvo para o qual ela é destinada para ser consumido.

Do ponto de vista de Barros Filho (2003), por se tratar de um “espaço concorrencial de posições ocupadas por empresas, profissionais da imprensa e os receptores atravessados de efeitos” (ibidem 2003, p. 11), essa ideia limita ainda mais as produções de conteúdo dos enunciados, porque se encontra sob a pressão da produção econômica dominante contingenciada pela forma na qual seus enunciados produzidos em massa serão consumidos. Neste sentido, as expressões semio enunciativas do jornalismo cotidiano são uma ação de mercado com o objetivo de atrair parceiros e anunciantes com interesses ideológicos similares.

Nesse aspecto, por se tratar de uma atividade de comunicação industrial de massa, condicionada às pressões ideológicas e econômicas, os conteúdos enunciativos são processos de centralização e de unificação da língua na condição da materialidade discursiva individualizada, atuam no meio do plurilinguismo, naquilo que Bakhtin (1998) retrata como as línguas socioideológicas; isto é, atuam na estratificação de grupos sociais. No grifo do próprio autor, “a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se” (ibidem 1998, p. 82).

Nessas condições, verifica-se que não há nada de romântico, nem de idealista no jogo das produções enunciativas do jornalismo cotidiano. Nesta avaliação, observa-se a presença de discursos dissimulando a ideia de que as diversas formas de luta de classes sociais e econômicas cotidianas passam por ali. Mas, quando discursa, essa linguagem atende às condições sociopolíticas e ideológicas da comunidade culturalmente organizada a qual ele pertence.

Observa-se, portanto, que pela noção de valor intrínseco, o tema é selecionado entre tantos acontecimentos de sociedade previamente estabelecidos, um acontecimento-base (MOIRAND, 2006) recortado de uma realidade material valorizado para construir uma massa textual informativa. Do ponto de vista do dialogismo, a ação voluntária discursiva, ou a noção de intuito discursivo (BAKHTIN, 2003), dá origem ao sentido que se traduz “na realidade do signo e do material semiótico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), que, para o chamado círculo Bakhtin//Volochinov, o valor do sentido se potencializa à medida em que procura despertar o interesse de um grande número de pessoas. Neste caso, para pressupor sentidos, recorre-se à memória coletiva.

O mesmo ocorre no ambiente digital da mídia cotidiana. O sentido do discurso no interior do enunciado da linguagem de textualidade eletrônica também se preserva graças à versatilidade de regras linguísticas gerais e flexíveis, que são reveladas nas constantes reformulações estruturais do gênero do discurso e estão relacionadas com o objetivo e a intenção discursiva primária do autor. Assim, o sujeito do discurso mantém ligações entre os enunciados, ajustando a massa textual informativa do acontecimento ao modo e às condições de produção dados. De acordo com a ideia de Lages (2003), em qualquer análise atribuída a esse campo de pesquisa é necessário observar os registros, os processos e, nesta pesquisa acrescentou-se os comprometimentos ideológicos.

No ato bilateral frente ao processo interativo, nota-se que nesse tipo de escrituração informativa pretende-se uma eficiência na ação de comunicação, mesmo que de forma arbitrária, esquecendo-se muitas vezes de que depende da aceitação do interlocutor/leitor potencial. Percebe-se que nessas ações, o sentido potencializado no interior do enunciado preserva um estilo de linguagem impregnada pela novidade. Lages (2003) explica que, para isso, é comum o jornalista incorporar nos enunciados neologismos; novas denominações de coisas

e de pessoas; metáforas com intenções críticas; e designações técnicas em sua exata significação⁴³. Por exemplo, no Brasil, *malufismo* impregnou-se na memória coletiva com o sentido de alguém que rouba dinheiro público e nada lhe é imputado; *orelhão* denomina o telefone público; *crime de colarinho branco* designa crimes de corrupção praticados por políticos, entre outros.

No grifo de Lages (2003), na ação de “deslocamento de um signo linguístico para significar outra coisa”, o sujeito recorre a um modo enunciativo que impõe “duplicidade de entendimento, para manter viva a regra geral social, e assim, ele vai inocentando suas violações por mais habituais que sejam” (ibidem 2003, p. 44). Assim, diz Lages (2003), a linguagem do jornalismo sobrevive aos conflitos dos deslocamentos de sentidos, abordando “as grandes e pequenas questões da ideologia”, porque, segundo o autor, “não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (ibidem 2003, p. 42). Escamoteado na indeterminação, o sujeito do discurso reformula o outro recorrendo aos signos ideológicos e aos gêneros de discurso na diversidade das formas de escrituras que o momento discursivo impõe.

Esta perspectiva encontra ressonância na visão dialógica, segundo a qual os sentidos dados aos signos ressignificados e citados só pressupõem sentidos se o interlocutor for capaz de conectá-los através da memória coletiva⁴⁴ pelas citações e os ditos anteriores e exteriores igualmente carregados de sentidos que a ideologia hegemônica estabelece. Assim, o sentido no interior do enunciado autoriza o tom do sentido do signo ideológico, pela memória coletiva, inteiramente exteriorizada nas palavras e nos atos – isto é, na materialidade de onde se derivam todos os contatos possíveis entre os sujeitos do discurso⁴⁵.

Para se certificar como essa situação ocorre nas grandes classes de gêneros discursivos do jornalismo cotidiano, os princípios teóricos norteadores desta pesquisa recorrem às análises propostas por Moirand (2006), que conduzem verificações, de forma perceptível, na ação de *transmutação de signos*

⁴³ Uma linguagem capaz de descrever com precisão desde uma experiência científica, ou os resultados de uma pesquisa, até os hábitos e costumes da vida selvagem, etc. (N.A.).

⁴⁴ Neste caso, valendo-se também da inteligência artificial. (N.A.)

⁴⁵ Para o chamado círculo Bakhtin/Volochinov, o ponto que entrecruza as estruturas sócio-políticas e ideologias é classificada de “psicologia do corpo social”, isto é, o lugar em que se encontra “justamente o meio ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos de criação ideológicas ininterruptas” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 42).

(MOIRAND, 2006) que o sujeito realiza quando articula enunciados entre suportes midiáticos e que, para a autora, é onde ficaram registrados nas *marcas de mudanças* (idem 2006) evidenciadas nas sucessivas publicações.

Na ordem dos princípios do dialogismo, é no contexto da vida e através de signos ideológicos que o sujeito exterioriza a forma de comunicação e expressa os mais diversos conteúdos, em diferentes modos de discursos, suportes e gêneros de discurso (ZOZZOLI, 2015). Isto permite que, na observância da ação do sujeito do discurso do jornalismo cotidiano, seja possível perceber as transformações pelas quais ele submete o enunciado, para interligar elos de sentidos entre o enunciado e a estrutura sócio-política e a ideologia hegemônica. São ações capazes de evidenciar um sujeito discursivo e seu entorno social discursivamente organizado.

Se por um lado, a memória coletiva, no contexto da psicologia do corpo social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 200), significa a palavra, é no dialogismo que se dá a dimensão do enunciado concreto e real como o lugar onde se acumulam as mudanças e os deslocamentos “quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 42).

Isto quer dizer que, o sentido no interior do enunciado é matéria dos “*apelos de memória*” (MOIRAND, 2006, p. 12) que a subjetividade das condições discursivas do jornalismo colabora para dar forma e sentido à enunciação e à intenção ideológica escamoteada. Nesse sentido, o chamado círculo Bakhtin/Volochinov (2004) grifa que “a consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (ibidem 2004, p. 36). No caso desta pesquisa, as análises dialógicas valorizaram o enunciado deslocado entre suportes (e a escolha do tema), que alcançou os processos de transmutação objetiva de gêneros, nas ocasiões em que discurso transitou e articulou de um enunciado a outro.

1.4 A genericidade da forma na composição do enunciado jornalístico

No subcapítulo precedente, ficaram estabelecidas duas assertivas: a de que nas ocasiões discursivas do sujeito autorizado da mídia cotidiana, as expressões semio discursivas, sob a pressão da ideologia hegemônica, tentam

trabalhar em cima dos sutis antagonismos ideológicos, intolerâncias e os conflitos classes, para se estabelecer naquilo que lhe é próprio e importante na comunicação da vida contemporânea. Na outra, constatou-se que na dinâmica das complexas estruturas comunicacionais, a massa textual na mídia cotidiana camufla sentidos, no interior do tema, valendo-se da forma enunciativa híbrida por meio de apelos ideológicos.

Essas duas assertivas e o sentido que elas representam para o jornalismo, coadunam com o sentido de genericidade de Adam e Heidmann (2004) que em seus estudos relacionam o texto com categorias genéricas abertas e, nelas, os autores reconhecem nesse contexto os efeitos de genericidade de maneira indissociável de sua textualidade. No grifo de Adam e Heidmann (2004), “a genericidade é uma necessidade sociocognitiva que liga todo texto ao interdiscurso de uma formação social” (ADAM e HEIDMANN, 2004, p. 62)⁴⁶.

No destaque desta citação, fica claro que o jornalismo usa o sentido no interior do enunciado para a efetiva potencialidade dos tipos genéricos, e que este fenômeno discursivo se transforma no elemento essencial no texto para o equilíbrio das tensões sociais, cujas associações cognitivas aglutinam de maneira plena dois movimentos inerentes em qualquer interação discursiva: as condições essenciais de produção e as finalidades discursivas das enunciações⁴⁷.

Esta pesquisa adota os estudos de Adam e Heidmann (2004) como orientação de análises, preservando os tipos genéricos discursivos na sua versatilidade enunciativa e essencial para um diálogo social contínuo, valorizando a plenitude de convergências e divergências enunciativas, sob a forma de discursos que se ligam a outros pelo interesse do tema. Acompanhando as afirmações dos autores, esses enunciados coabitam a forma expressiva e evidenciam um convívio cultural relativamente mais complexo e organizado.

⁴⁶ *La généricité est une nécessité socio-cognitive qui relie tout texte à l'interdiscours d'une formation sociale. Un texte n'appartient pas, en soi, à un genre, mais il est mis, à la production comme à la réception-interprétation, en relation à un ou plusieurs genres.*

⁴⁷ Zozzoli (2015) recorre a Adam (2005) para enfatizar que a instabilidade dos textos, e sua variação, chama a atenção para a variação editorial. No artigo *Gênero, Genericidade e Ensino* (ZOZZOLI, 2015, v. , p. 18-37), destaca o extrato que diz que, através da variação editorial, os textos conhecem *existências diversas, dependentes das representações que os editores fazem dos conhecimentos e das competências de seus clientes-leitores*⁴⁷ (ADAM, 2005, apud Zozzoli 2015, p. 77).

Em Bakhtin (2003), os fios discursivos da massa textual cotidiana no diálogo social são encontrados no “relato do dia-a-dia”, em conformidade com “sua construção composicional” (ibidem 2003, p. 261). O próprio Bakhtin acrescenta à construção composicional dois outros elementos indissolúveis ligados ao todo do enunciado: o conteúdo temático e o estilo, que, segundo o autor, são determinados por um dado campo da comunicação. Os três elementos, se comparados à massa textual do jornalismo, deixam claro que o sentido no interior do enunciado encontra relativa estabilidade característica da comunicação jornalística e publicística.

Soma-se a isso, o caráter industrializado e tecnológico da produção textual do jornalismo, que formaliza os processos enunciativos informativos nos meios eletrônicos, para reforçar o cunho de atividade de comunicação de interesse prático. Quando materializa gêneros discursivos afetados de sentidos, sob a pressão da língua e de seus comprometimentos e submissões com a materialidade histórica em jogo, a genericidade transforma a atividade do jornalismo cotidiano num dos complexos campos de atividade de comunicação humana.

Reconhece-se nessa atividade a maneira de se comunicar na *sociedade líquida* (BAUMAN, 2004) – sujeitos acostumados a conviver no dia a dia com tipos de enunciados extravagantes elaborados para o consumo, cujas estruturas linguísticas se utilizam de recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais próprios do ambiente virtual por onde circulam tipos genéricos discursivos. Em conformidade com as condições dialógicas dadas, tais condições se unem ao “complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia” (BAKHTIN, 2003, p. 264). Nesse contexto, essas estruturas expressivas semio discursivas podem dizer muito do sujeito, do lugar de onde ele fala e, sobretudo, da sua intenção discursiva.

Na questão geral do gênero do discurso, desenvolvida no livro *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2003), vê-se que quanto mais dinâmica e elevada é a vida da comunidade da fala e suas formas de sociabilidade, mais é “integral o repertório de gêneros do discurso”, à medida que “cresce e se diferencia o modo de interação discursiva” e à medida “que (ela) se desenvolve e se complexifica” (ibidem 2003, p. 262).

Essa característica das condições de produção discursiva (forma/tema) da mídia cotidiana e seus tipos genéricos de representações semio discursivas concretas reforçam o cunho de comunicação de interesse prático (BAKHTIN, 1998). E através da voz autorizada, a voz de um terceiro, a ideologia hegemônica vai dando conta dos sutis antagonismos ideológicos, das intolerâncias e dos conflitos classes pela relativa estabilidade composicional que o enunciado e o gênero discursivo propiciam.

No quesito genericidade, essa assertiva elimina de vez a ideia de que autor do enunciado tem autonomia individual enquanto sujeito discursivo. O sujeito, saturado por conflitos ideológicos, quando articula a língua e traduz signos em conformidade e reciprocidade com a linguagem e a ideologia hegemônica, empresta sua individualidade para dizer coisas que são ditas por outrem⁴⁸.

O gênero do discurso potencializa sua representação semio expressiva através da *performance* da representatividade do material semiótico, cujo valor do sentido está na relação entre o falante e o conteúdo do tipo genérico, ligados ao sentido do conteúdo. Assim, nos propomos verificar, a partir do potencial de genericidade presente no conteúdo do enunciado do jornalismo, as tensões ocasionadas pelos sutis antagonismos ideológicos, que sinaliza certa estabilidade, que, camuflada, elimina toda e qualquer manifestação de intolerâncias e de conflitos de classes. Porém observa-se que os conflitos permanecem latentes nos não ditos.

Até chegar a esse ponto, o sujeito do discurso faz uso de uma variedade de tipos genéricos e suas formas de sentidos tanto quantas forem necessárias para assegurar certa regularidade enunciativa, na mesma proporção em que se encontram inteiramente dependente e condicionada por ela (MOIRAND, 2006). Nas análises desta autora, o enunciado, na condição de unidade real e concreta dos processos de comunicação discursiva no jornalismo, ressignifica os signos ideológicos para dar conta de um acontecimento que pode interessar a todos.

⁴⁸ Para esclarecer essa afirmação, Authier-Revuz (2004) determina o outro coexistindo na pressão e nas coerções da ideologia hegemônica, saturadas e inscritas no discurso relatado. No plano da frase, o outro representa de maneira unívoca outro ato de enunciação. *Fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do 'sentido' dos propósitos que relata* (ibidem 2004, p. 12).

Nela e aqui o sentido vai adquirir valor no *instante discursivo*⁴⁹ (MOIRAND, 2006, p. 4) de dada publicação. Isto quer dizer que na essência enunciativa dialógica da atividade de comunicação, esse elemento contextual é mais um propulsor das mudanças e dos conflitos dos tipos genéricos discursivos em ação, podendo até influenciar nas transformações que venham ocorrer (e ocorrem) na vida social de um grupo discursivamente organizado.

Filiando a forma da massa textual do jornalismo cotidiano na mídia com a “relativa estabilidade de determinados gêneros” (BAKHTIN, 1998), se verifica que o sujeito autorizado assume função de “agente verificador”⁵⁰ (MAINGUENEAU, 1997, p. 199). Nessas ocorrências, o sujeito do discurso dissimula as palavras de outrem através das marcas de uma estilística individual quando recorre e se apropria das “palavras de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), para dizer coisas que são ditas por outrem.

Refletindo sobre esse comportamento discursivo, verifica-se ainda em Bakhtin (1998), que tais condições de produção discursiva estão diretamente associadas à relativa organização e desenvolvimento social de dada comunidade discursiva. Em suas explicações, Bakhtin conta que quanto mais o sujeito e a comunidade experimentam atravessamentos ideológicos tanto mais a língua exige do sujeito discursivo costuras de sentidos nos limites do contexto social.

Assim, guardadas as devidas proporções, mais uma vez se verifica que quanto mais o sujeito enunciador se coloca sob a forma da indeterminação e se transforma em *fiador de validades* (MAINGUENEAU, 1997) tanto mais intensa diferenciada e elevada é a vida do grupo social ao qual ele está inserido – isto quer dizer que é possível que o potencial de genericidade também possa vir a ser encontrado em abundância nas palavras de outrem no interior dos discursos citados ou narrados, sobretudo, no contexto da exteriorização.

⁴⁹ Segundo relatos de Moirand (2006), no discurso midiático, um acontecimento surge na mesma proporcionalidade que desaparece. Mas, diz a autora, alguns se repetem em intervalos mais ou menos regulares. São essas repetições que caracterizam os *instantes discursivos*, são eles que identificam a complexidade dinâmica dos circuitos de comunicação midiática através da sua inscrição na materialidade textual da notícia.

⁵⁰ Maingueneau considera agente verificador aquele que vai até a fonte da informação com o intuito de reproduzir o fato, para dialogar pelas palavras com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade.

Essa dimensão dialógica exige do sujeito autorizado na mídia cotidiana, que ele esteja sempre em busca da “significação primordial para a criação de uma imagem da língua” (BAKHTIN, 1998, p. 156), para ajustá-la no interior das complexas estruturas comunicacionais dos tipos genéricos e nas enunciações ressignificadas e cheias de apelos ideológicos. Nos relatos de Bakhtin (1998; 2003) é o gênero estruturado numa dada situação de discursividade que chama pra si a responsabilidade da representação da linguagem.

Com base nesses conceitos, verifica-se, aqui, que nas condições de produção discursiva do jornalismo, o potencial de genericidade estabiliza uma linguagem representada referenciada na dinâmica do diálogo social e da comunicação, porque se nutre do potencial que o gênero do discurso significa. Depara-se com uma linguagem que tende ressoar em si e ao mesmo tempo fora de si, para falar de si e falar consigo mesma, como objeto de representação.

1.5A forma híbrida da nova estética gráfica do gênero narrativo informativo

Para entender em que medida a expressão semio-discursiva estabiliza a linguagem hipertextualizada, no contexto do jornalismo, esta pesquisa procurou estabelecer no diálogo social (BAKHTIN, 2003) em jogo os diversos módulos de linguagens que se completam para garantir inteireza e sentido na totalidade da massa textual. Nesta parte do estudo, tenta-se relatar quais os tipos de linguagem são verificados na massa textual do jornalismo e as respectivas funções de sentido que elas apresentam no interior do enunciado.

Para delinear os registros de transformações da massa do texto informativo, recorre-se outra vez Moirand (2006), que, em suas análises, estabelece sentido no interior do discurso através do potencial semiótico, textual ou enunciativo em diferentes modos de linguagens. Por sua vez, nos planos do diálogo social (BAKHTIN, 2003) do jornalismo serão observados os tais procedimentos constitutivos distintos. Como parte integrante de uma nova dimensão narrativa, se comparada ao modelo do texto impresso, na especificidade dessa condição discursiva, indica-se as letras, os gráficos e as imagens funcionando como elemento composicional complementar do sentido no interior do enunciado informativo, cuja objetividade é o deslocamento do foco da

leitura em direção ao sentido do conteúdo da informação⁵¹. Esses elementos se organizam e se completam no interior da massa textual para valorizar a informação.

Nos registros de Chartier (2002), tais soluções estéticas de linguagem que foram absorvidas do jornalismo impresso e no ambiente virtual configuram uma *nova estética gráfica* (Ibidem, 2003, p. 82). A textualidade eletrônica se reveste de uma linguagem técnica que, segundo o próprio autor, representa uma revolução da técnica da produção de textos, que conta com o auxílio dos novos suportes de escritas – suportes estes que estão revolucionando as práticas de leitura.

Retomando Lages (2003), é visto nos relatos deste autor que a linguagem gráfica do jornalismo impresso recorre a elementos de linguagem escrita e de imagens, com a preocupação em constituir conceitos de respeitabilidade e confiabilidade do produto colocado à venda. Por razões óbvias, respeitabilidade e confiabilidade são duas das questões que mais inquietam as empresas de comunicação de massa, credenciais que elas demonstram grande interesse de dominar e preservar.

Nos escritos de Moirand (2006), o valor de sentidos da linguagem do jornalismo está diretamente associado aos *apelos de memória* (ibidem 2006, p. 12). Isso valida essa nova estética gráfica, cujo significado das cores e dos corpos das letras é igualmente pleno de simbologias ideológicas e é responsável também por estimular e induzir sentidos impregnados de fortes implicações emocionais. O jornalismo destaca e valoriza os acontecimentos, através de temas do cotidiano que abrangem desde as abordagens político-econômicas, por exemplo, até as informações de maior impacto para a vida do outro, no sentido positivo ou negativo.

Orientada por essa teorias, a pesquisa inscreve a nova estética gráfica do gênero de discurso do enunciado informativo do jornalismo na categoria do gênero discursivo de caráter híbrido. Essa inscrição se baseou, inicialmente, na forma mestiça composicional, onde se registram a presença de várias linguagens sociais, refratadas nas pressões e coerções ideológicas, e nos diversos recursos de linguagens, a exemplo das imagens, das cores, dos tipos de corpos, etc.

⁵¹ Cf. citação de Lages (2003) na p. 45.

Foram consideradas nessas análises, as referências em que Bakhtin (1998) descreve os gêneros discursivos híbridos, que, nas condições dialógicas, se encarregam dos procedimentos formais como objeto do discurso, orientando para a imagem da linguagem em referência do tema que o sujeito da fala relata. Segundo o autor, o uso social de linguagens híbridas e sua presença no plano do diálogo social determina o contexto exteriorizado e representa “uma das modalidades mais importantes da existência histórica e das transformações das linguagens” (ibidem 1998, p. 156).

Submetidas à teoria do dialogismo, constata-se que as afinidades entre a expressão semio discursiva do jornalismo em favor do caráter do gênero híbrido vão além dos ajustes da nova estética gráfica e sua construção histórica material. Mas, através das referências teóricas admitidas nesta pesquisa, essa construção histórica material é responsável também por relativizar e estabilizar os sentidos no interior do enunciado, escamoteando as marcas de saturamentos de vozes alheias e as consciências linguísticas envolvidas, dissimuladas na rotina da dinâmica da informação com relação ao repertório de temas do cotidiano.

Explicando melhor essas afirmações, tomam-se, aqui, como referências ainda o fato de que a indeterminação do sujeito (MAINGUENEAU, 1997) e existência das palavras de outrem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), presentes nas formas semio-discursivas dos relatos jornalismo, são os responsáveis por refletir “os domínios da vida e da criação ideológica” (BAKHTIN, 1998, p. 139), onde a forma e o sentido no interior do discurso escamoteiam a intenção discursiva e revestem de sentido a palavra alheia no interior do gênero, ligando-o ao plano do sentido e da expressão. Isto leva a crer que na produção discursiva do jornalismo cotidiano, as composições híbridas, sempre serão a convergência de várias consciências linguísticas.

Consoando esses comentários a estrutura composicional do enunciado do jornalismo, têm-se os termos da hibridização do enunciado atuando como refratores da realidade mostrada, quando transmite a palavra de outrem, submetidas às condições da comunicação de transmissão de interesse prático. Isso permite que ocorram transformações das formas do discurso midiático relacionadas à massa textual informativa. Além disso, retomando Bakhtin (1998 e 2004), toda compreensão da fala viva no enunciado vivo “liga-se à questão de

saber como a realidade determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (BAKHTIN, 2004, p. 41).

Com bases nessas orientações teóricas, foi feito o recorte das características singulares de sua composição na massa de textual do jornalismo, e o registro avaliando o potencial semiótico textual enunciativo que teceu sentido no interior do discurso através do diferentes modos de linguagens dentro e fora do texto. Neste caso, foram descartadas as linguagens das cores e os tipos de letras como elementos constitutivos desse sentido e como balizadores e estabilizadores das medidas dessa linguagem representativa. Embora tenhamos considerado, no contexto da mídia cotidiana, que no diálogo social em jogo, os diversos módulos de linguagens se completam para garantir inteireza e sentido na totalidade da massa.

Foi sobre a base desses fundamentos teóricos, que a pesquisa procurou construir uma interpretação não linguística sobre as marcas linguístico-discursivas que o sujeito da pesquisa recorre quando transportou enunciados de um suporte para outro. Condições analíticas que só podem ser explicadas por meio de uma abordagem não apenas fixadas na materialidade linguística, mas no conteúdo inscrito no jogo de sentido presente no dialogismo.

Seção 2

2 Organização metodológica

Este trabalho é uma interpretação possível de atos culturais sob a ótica do dialogismo (BAKHTIN, 2003), através de conceitos que encaminham pesquisas numa perspectiva sócioideológica. Nesta pesquisa, procura-se abordar as marcas linguístico-discursivas do sujeito jornalista, as que ele deixa quando transporta enunciados informativos de um suporte para outro, para classificar os recursos linguístico-discursivos que ele emprega e em quais situações ele assim o faz. Uma abordagem analítico-discursiva que envolve autores sociais construindo conhecimentos sobre práticas de comunicação social no discurso do jornalismo informativo na internet, para se materializar como resultado de uma experiência de compartilhamento de ideias, constituída pelo saturamento de vozes alheias.

Em termos metodológicos, para evitar análises empíricas e abstratas, o campo de pesquisa foi inserido num contexto plurilinguístico e intercultural, percorrendo seus próprios caminhos e tirando suas próprias conclusões. Sob o efeito contemporâneo da comunicação mediada, procuramos solucionar o problema da complexidade do campo estudado e evitar análises discursivas dialógicas sobre a comunicação midiaticizada em que tudo pode se constituir em massa textual e sujeitas a todo tipo de análises.

Com a preocupação de preservar concreto e preciso, para ser capaz de relatar os aspectos da vida social esse estudo parte da organização metodológica de pesquisa no campo das análises do discurso em L. A. contemporânea, e como já foi dito, interagindo através de diálogos com áreas do conhecimento que se envolvem com o uso social da linguagem na interação conectada. Mais de uma vez recorre a mestiçagem teórica⁵², buscando maneiras singulares de produzir inteligibilidade sobre língua e linguagem na contemporaneidade, na vibração e em sintonia com vozes de outrem.

Este é o registro do processo histórico material da comunicação social consequente de um mundo multicultural e mundializado, assolado por sucessões de fatos transformadores e pela experiência de ideologias intermediárias, em que

⁵² Conforme conceito apresentado na p. 11.

foi trabalhado um conceito sobre comunicação contemporânea e se ponderou sobre as mudanças radicais na forma de ser, pensar, agir, a partir do registro dos modos de sociabilização dos sujeitos do discurso na atualidade.

O mundo conectado por mídias de comunicação de massa (analógicos e digitais) reproduz um novo tipo de sociabilidade, um meio ambiente onde as comunidades virtuais se organizam sobre uma base *on line* de informação e nesse espaço o sujeito aprende a falar, ler e escrever na complexa relação entre o ser e um sistema de comunicação telemático. A cibernética hominiza o instrumento, nos adapta ao novo, e incute a ideia da tecnologia no interior do pensamento do sujeito do discurso. Na dimensão da comunicação social, movimentos de interação se complementam e se contrapõem sobre as bases de uma estrutura interativa de conhecimento.

Na perspectiva de um conjunto metodológico organizado que contribua para materializar as formas de discursividades hoje, reorganiza-se aqui um paradigma metodológico que tenha um caráter próprio, a ser aplicado nesta pesquisa, em que as questões particulares – nesse estudo, relacionadas ao uso da linguagem atual – sejam tratadas nas condições de produção que venham ocasionar nessa pesquisa. Neste caso, analisar os procedimentos linguístico-discursivos aos quais o sujeito da pesquisa recorre no momento que transporta um enunciado de um suporte para outro.

As situações discursivas recortadas nessa pesquisa serviram para observar os impactos das grandes transformações discursivas e sociais; que proporcionaram vivenciar situações que afetaram também o conhecimento real e, diretamente, o meu modo de avaliar o que é produzir conhecimentos. Nas instabilidades das experiências antropológicas, na qualidade de sujeito do discurso envolto de inseguranças e incertezas, vou a campo me questionando: o que acontece quando o sujeito pesquisado faz uso de recursos linguístico-discursivos para transportar enunciados informativos de um suporte digital para outro?

A resposta, do ponto de vista do materialismo histórico, requer um encaminhamento dialético de um sujeito que se relaciona com seu entorno e que pela necessidade de interagir trata a língua como uma realidade social. O sujeito

realiza análise no valor e na natureza social do enunciado, em sintonia com as estruturas sociais dadas. Posiciono-me na condição de pesquisador como um sujeito do discurso de ativa posição responsiva frente à vida e os fatos da vida, que interage com o seu tempo e se comunica através de variadas formas; ao mesmo tempo, em que lida com os conflitos da língua na mesma dimensão com que lida com os conflitos de classe sociais. Isso implica dominação, resistência e adaptações às novas maneiras de se comunicar.

Na perspectiva dos princípios organizadores do conhecimento de Morin, nos estudos da linguagem na contemporaneidade, o sujeito da pesquisa constrói conhecimento quando é “*capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrito*” (MORIN, 2009, p. 15). Essa é uma perspectiva híbrida do conhecimento reestruturado, que permite o sujeito do diálogo contemporâneo trabalhar com possíveis ligações singulares entre saberes, tipos e sentidos, enquanto lidam com novos mecanismos de leitura /escrita e formas de pensar, e de construir e significar sentidos através da máquina.

As informações desta pesquisa foram coletadas num intervalo de seis meses, durante encontros que não ultrapassaram o tempo de duas horas. Nos procedimentos etnográficos, adotamos os seguintes elementos de pesquisa: *anotações de campo* (ou diários); também a geração de registros; isto é, entrevistas, com perguntas sobre ações e atos anteriores ou posteriores ao evento; e gravações de áudio e vídeo dos padrões que envolveram as ações do sujeito investigado. Acrescentei a esses dois elementos, o armazenamento digital dos enunciados postados no Twitter para posteriores análises.

A estratégia procura atender a organização teórico-metodológica proposta nesse estudo. Consideramos que os elementos de pesquisa conseguiram constituir uma massa de dados híbrida, mestiça e transdisciplinar, com competências e procedimentos de interpretação dos fenômenos de produção discursiva, graças aos cruzamentos transdisciplinares. Assim, conseguimos incorporar valor aos registros obtidos nas observações das transformações languageiras da realidade abstraída.

Abrigada sob os princípios de análise dialógica em L.A. contemporânea, a pesquisa, por meio de uma alteridade baseada nas relações de identidades globais e locais, busca na proximidade da experimentação da vida de outros, os lugares de seus saberes e de onde falam. Isto implica e propõem a adoção urgente de novos traços inusitados de renarração e redescrição dos fatos da vida.

Viver assim, pensar assim e construir saberes assim é, sem dúvida, uma experiência fluida e instável, mas, que, ao mesmo tempo, é positiva e desafiadora. Quando se fragiliza o mundo e as certezas, e se arrisca desafiando o novo, a atenção se desvia para novas propostas de reescrever a vida, na inseparabilidade do acontecimento, da informação e do conhecimento em relação ao eu, ao outro e ao meio ambiente cultural, social, econômico, político, etc, etc.

Nos princípios fundamentais da L.A. Contemporânea e suas bases multidisciplinares, a linguagem é a porta de entrada para novas percepções da vida social. Sobre as bases desses princípios metodológicos, desaprendendo novos sentidos e novos modos de produzir conhecimentos, isso implica ainda enxergar vida e linguagens na forma ativa, e fazer uso dessa visão para dizer algo sobre o mundo.

Para esse estudo, optamos por um diálogo entre pragmáticas correlacionadas e criar um cenário propício de trabalhar uma translinguística⁵³ na prática de conhecimentos e saberes relativos às interações e às expressões do sujeito do discurso em suas vivências socioculturais na atualidade. Do ponto de vista da L.A. contemporânea, arrisca-se em novas narrativas de representações de mundo, materializando formas e pronunciamentos de linguagens constituídas na e das práticas sociais.

Se a base do dialogismo é, sobretudo, se comunicar, e que “*a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam*” (BAKHTIN, 1998), nos referenciais do dialogismo de Bakhtin (1998 e 2003), toda a fundamentação teoria discursiva está no diálogo social, é aí em que está contida toda compreensão da situação imediata e medita envolvida na interação. O diálogo existe na ação interrelacional e dependente do sujeito com o grupo social ao qual pertence; e nos temas sociais que motivam práticas discursivas através das zonas de negociações e de contato.

⁵³ Cf. p. 10.

Nos processos metodológicos transdisciplinares, como os adaptados neste estudo, novos sentidos pressupõem sentidos através das ligações entre saberes. O sujeito na ação individual interativa e na relação bilateral com o contexto exteriorizado assume seu papel na *produção responsiva ativa*⁵⁴ (ZOZZOLI, 2006), promovendo estranhamentos e encontrando respostas frente à vida social. No contexto do cotidiano do jornalismo informativo, a pesquisa encontrou na L.A. contemporânea a essência da integralização entre disciplinas correlatas, o que fez esse estudo se posicionar criticamente frente à materialidade histórica dada, preocupado em compreender e esclarecer a complexidade das questões que foram trabalhadas na pesquisa.

Nesse panorama de citações teóricas conceituais emprestadas, sob o guarda-chuva da L.A. contemporânea, nos concentramos em investigar as estruturas semio-discursivas que o sujeito constrói e que foram recortadas de uma dada forma enunciativa em circulação nos suportes midiáticos. Analisando as expressões semio-discursivas, a pesquisa se concentrou na ação de um sujeito que age discursivamente atormentado pelo desejo incondicional de se conectar e consumir, lidando com a sensação de mundo contraído, na memória coletiva de uma inteligência virtual.

Deste lugar, estranhou-se a *performance* do diálogo social no Twitter, na atividade comunicação se verificou movimentos de interação de interesse prático – uma *performance* submetida e condicionada a sua materialidade histórica e as condições discursivas socioeconômicas. Numa experiência antropológica, buscou-se integralizar a ação singular do sujeito da pesquisa, a partir da maneira como ele lida com a estrutura da *textualidade eletrônica*⁵⁵, com as ações relacionadas aos efeitos de comunicação de interesse prático jornalismo cotidiano da mídia.

⁵⁴ Em Zozzoli, o lugar de produção responsiva ativa é a continuidade da compreensão do texto para além da forma de produto, através de processos da *interação verbal e não verbal e não se inclui na materialidade dos textos* (2006 p 118).

⁵⁵ Resgato o sentido de *textualidade eletrônica* em Chartier (2002), que o autor classifica como uma língua que de maneira incondicional age numa permanente busca por um idioma universal, aspirando um mundo sem fronteiras – a face cruel dessa língua é o desprezo pela diversidade de lugares, coisas, indivíduos e línguas ainda presentes no mundo real.

Procuramos reconfigurar e reinterpretar, sob o risco da (in)certeza das “práticas” e “atitudes” (LÉVY, 2000), os modos de agir do sujeito do discurso autorizado a falar pela produção de enunciados informativos em circuitos conectados. Na realidade material do movimento de comunicação no Twitter, nos enunciados que ele faz circular, observamos os processos de produção discursivas do sujeito da pesquisa, quando se comunica através do aplicativo.

É pelo diálogo social globalizado que se pretende, no cruzamento de disciplinas correlatas e no jogo de pressuposições de sentidos, analisar esses fenômenos sociointeracionais na situação em que eles ocorreram. Com esses dados, que se apresentaram na singularidade desse estudo, procurou-se descrever e interpretar, na ação do sujeito do discurso, o fenômeno de transformação de enunciados entre suportes quando se articula com gêneros diversificados e se adapta aos diferentes suportes existentes nas conexões de redes sociais.

São caminhos pelos quais esta pesquisa procura evidenciar as especificações do uso sociocultural do enunciado e do diálogo social no Twitter, concentrado inicialmente na observação da/s ação/ões e no/s processo/s que se desenrola/m no momento de construção do enunciado, em conformidade com a estrutura semio-discursiva do aplicativo. O interesse, aqui, se estende também na forma que o modo discursivo se transmuta em gêneros diversificados, num contexto da comunicação de interesse prático.

Com base nessas premissas, esta investigação procurou fazer uma reflexão sobre a especificidade do gênero do discurso no Twitter para encontrar respostas que atendam as necessidades imediatas das questões de natureza sociocultural de seu uso. Ao final, pretende-se apresentar uma abordagem que contribua com os estudos sobre a mobilidade dos enunciados e os gêneros do discurso em atividade, hoje.

2.1 Reflexões da pesquisa: condições de produções discursivas

Inicia-se aqui a parte mais empírica da pesquisa que vai do linguístico ao não linguístico, para dar sentidos a massa de dados estudada. Nesta parte do trabalho, é feita uma descrição sobre a condição de produção, isto é, são relatos sobre o meio e o ambiente onde o sujeito pesquisado operou enunciados, na

inseparabilidade das transformações que os enunciados sofrem quando são articulados entre suportes digitais – com ênfase na singularidade de práticas e atitudes de sujeito autônomo produtor de enunciados.

Neste ambiente de produção discursiva do jornalismo cotidiano, foram observadas e ordenadas ainda a relação entre o acontecimento (a matéria prima que chega à redação) e os caminhos de evolução da notícia, até alcançar a forma de expressão semio discursiva hiperestruturada, para ser postada no Twitter. Um processo mecânico que o sujeito pesquisado realiza no esforço de estabelecer um “eu” relativamente autônomo nas suas construções enunciativas. Esse caminho percorrido foi essencial na definição do objeto do discurso a ser analisado.

A segunda parte deste capítulo se concentra em fazer análises sobre os enunciados procurando ajustar a massa de dados obtida aos processos e problemas de uso da linguagem, na essencialidade *interpretativistas* (MOITA LOPES, 2006) das análises discursivas dialógicas em L.A. contemporânea.

É importante lembrar aqui que este processo investigativo esteve todo tempo comprometido com os paradigmas de uma pesquisa etnográfica colaborativa de cunho interpretativista, concentrada na forma do enunciado, nas condições de produção discursivas, para recursar o caráter do interdiscurso no interior do enunciado em jogo; condições que se procurou relacionar com as ações do sujeito enunciator autorizado da mídia cotidiana e que são contundentes para o relato do diálogo social em processo no Twitter.

As análises se concentraram nas reflexões nas *práticas e atitudes* (LÉVY, 2000) de produtor de enunciados do sujeito pesquisado, abrangendo os níveis de sua organização textual no virtual (CHARTIER, 2002 e LÉVY 2011) no jornalismo cotidiano, no qual é comum haver intensa atividade de formulação e reformulação de uma mesma unidade discursiva (MOIRAND, 2006), sob a visão do dialogismo. Neste contexto, foi possível compreender e relatar o discurso que interage com outro discurso, para constituir outro discurso.

No sentido de estabelecer uma ordenação paradigmática à dinâmica das reflexões que serão apresentadas a seguir, o relato foi dividido em duas partes: a primeira se constitui numa narrativa sobre a materialidade histórica da pesquisa; isto é, uma narrativa de cunho etnográfico sobre as práticas do sujeito envolvido

com a pesquisa, o que ele fez e disse sobre seus atos de produção da massa textual, onde se procurou destacar as nuances da singularidade de uma prática de enunciação. Privilegiou-se adotar uma narrativa cronológica dos fatos, dando ênfase àqueles fatos mais relevantes ao contexto da situação investigada.

Na observância das suas ações, quando faz uso de palavras que foram ditas por outro, num segundo momento, procurou-se compreender para relatar os constructos dos escritos que ele privilegiou nos seus enunciados. Preferiu-se adotar uma descrição não linguística da estrutura composicional do enunciado a partir do que Moirand estabelece por *fios interdiscursivos* (MOIRAND, 2006, p. 15); isto é, foi feita uma análise sobre a forma composicional do gênero que se articula com outro/s gênero/s discursivo/s e suporte/s digital/is numa mesma hiperestrutura, que o sujeito teceu através de signos e sequências discursivas, ao relatar um fato, uma ação e/ou um acontecimento. Aqui, o gênero do discurso foi inventariado através de um constructo não linguístico.

Neste momento, foram valorizadas as ocasiões em que o enunciado se sujeita as etapas composicionais de expressões semio-discursivas, através do processamento interno da máquina de leitura⁵⁶. Nessas ocasiões, o enunciado eletrônico virtual sofre uma permanente ação de escritas e reescritas de temas sociais (MOIRAND, 2006), prevendo garantir estabilidade do diálogo social e maior abrangência do entorno dialógico.

A investigação considerou a singular habilidade de sujeito do discurso, produtor de enunciados ideológicos e expressões semio-enunciativas *hipertextualizadas*, de garantir valor e sentido ao divulgar informações, transmutando o enunciado de um suporte digital para outro. Ocasões que autorizaram reflexões sobre a livre percepção analítica do sujeito pesquisador nos momentos vivenciais e, posteriormente, a partir da massa de dados obtida, foram fundamentais aos relatos “das ocorrências composicionais” (ADAM e HEIDMANN, 2004) de formulações e reformulações da massa textual, as quais os enunciados foram submetidos.

⁵⁶ Lembrando que, para Levy (2011) a máquina de leitura é um dispositivo de apresentação virtual, uma tela eletrônica onde são apresentados textos estruturados em rede, que se realizam sob o efeito com outros usuários, ou links.

2.2 Narrativas etnográficas de uma situação do uso social da linguagem no Twitter

Para garantir precisão analítica, limito minha realidade discursiva no recorte do *objeto do discurso* das formas semio-enunciativas existentes nos diálogos mediatizados em circulação no perfil do Twitter de um site de notícias. Deparo-me com o outro, o sujeito do discurso na condição de sujeito dialético, cuja totalidade se dispõe a se ajustar às pretensões investigativas deste estudo. E nesse lugar de intensa produção discursiva, pela condição de eu sujeito e ele sujeito, numa situação de comunicação *parcialmente interessada* (BAKHTIN, 1998), faço o registros da dinâmica enunciativa de enunciados que o sujeito pesquisado faz circular na internet.

Encontro o sujeito fazendo buscas na minha lista de amigos jornalistas de uma rede social. Mando para cada um duas perguntas: *você usa o Twitter? Com que finalidade?* Berg (nome fictício) foi o único que respondeu às duas questões. Encontro Berg num lugar de intensa atividade enunciativa no jornalismo cotidiano da mídia digital – ele trabalha na função de repórter e redator produtor de conteúdo para um site de notícias na internet, do qual é o proprietário. Para dar conta do volume de atividades diárias, Berg acumula ainda as funções de pauteiro, cobre eventos, depois ordena os fatos, escreve enunciados, registra imagens, redige a informação, edita a massa textual e a posta.

Todos os dias, Berg lida com uma parafernália tecnológica eletrônica e digital de escrita, leitura e registros de imagens, onde ele se alimenta de fatos/acontecimentos, para fomentar a curiosidade pública que frequenta o site. Na condição de sujeito do discurso, todos os dias, ele realiza um trabalho mecânico de idas e vindas ao ambiente virtual, onde ele recebe informações, consulta fontes disponíveis, para inicialmente dar relativa relevância a determinado tema que lhe é enviado; só depois ele impõe ao acontecimento as formas expressivas semio-enunciativas do modo informativo da mídia cotidiana digital. Isto é, transforma acontecimentos do dia a dia em informação jornalística. Um fazer diário onde ele aborda o significado do tema, através de discursos constituídos, na prática ordinária, pela relação, a interpretação e na apreciação (MOIRAND, 2006).

Pertencentes à mesma área, vivendo no pequeno universo de jornalistas profissionais, era impossível não conhecê-lo antecipadamente. Essa proximidade foi fundamental para que ele aceitasse participar desse trabalho investigativo. Mas, de sua parte, havia interesses outros, que serão revelados mais adiante. Depois de algumas trocas de mensagens virtuais, um encontro, muitos verbos e explicações dispensados, acabei conseguido sua adesão na investigação⁵⁷.

Por minha vez, na condição de sujeito dialógico, pela vivência subjetiva da situação social, experimentei fazer da linguagem e suas construções a expressão da relação recíproca, no todo do complexo ambiente social (BAKHTIN, 2001, p. 80) em que se desenvolveram as nossas negociações.

Sobre seu interesse em participar da pesquisa, percebi desde o início que Berg queria aproveitar a oportunidade para atualizar tudo o que sabia e fazia nas ações de interações sociais no ambiente virtual de hoje. Por trás dessa intenção, havia ainda um interesse pecuniário. Essa observação confirmou-se inúmeras vezes durante seus pronunciamentos ao longo do processo investigativo. Em síntese, Berg queria usar o poder da interação no ambiente virtual para se atualizar, verificando o que se passa no seu entorno digital e, ao mesmo tempo, virar referência para os frequentadores do aplicativo. Segundo Berg, isso seria bom para os negócios, porque abriria canais para futuras parcerias comerciais.

2.3A inserção no campo da pesquisa

O início das investigações

O primeiro contato que tivemos na condição de sujeito pesquisador e sujeito pesquisado se deu no dia 5 de janeiro de 2016. Sujeitos envolvidos com pesquisa, seus atravessamentos ideológicos e com seus lugares historicamente definidos, experimentando o primeiro momento vivencial. O encontro foi combinado na redação do site, um ambiente doméstico, improvisada e mal acomodada na sala de uma residência. Ali, se apertavam sobre uma bancada em forma de L dois computadores (um deles parado), um notebook, livros, CDs, blocos de escritas e muitas peças publicitárias que as assessorias de comunicação distribuem. Era o lugar onde, diariamente, Berg constituía discursos;

⁵⁷ Os documentos que comprovam sua adesão à pesquisa encontram anexos.

dando forma e sentido da escrita jornalística para o ambiente de site na Internet. É quando ele, como parte de suas atividades cotidianas, elabora num intrincado e complexo jogo de formulação e reformulação de enunciados do jornalismo na e para a mídia cotidiana.

Berg disse que em certas ocasiões, para ampliar os entornos dos enunciados postados no site, recorria às redes sociais tentando dinamizar seus processos de interação mediada entre ele e seus interlocutores potenciais (que nesta pesquisa recebem o tratamento de leitores/seguidores à distância). Neste meio e ambiente de sujeito do discurso na mídia cotidiana, Berg experimenta colocar a si mesmo sob determinada norma social, na experiência da socialização de si mesmo e de suas intenções discursivas. Nessas ações mecânicas de escritas de Berg, foram encontradas problemáticas nas formas composicionais dos enunciados, referentes ao gênero e que se assemelham a certos postulados do dialogismo.

Neste dia, numa postura etnográfica, planejei observar os processos materiais que Berg executava para construir enunciados na máquina de leitura; sempre atento à riqueza de detalhes. Naquela oportunidade, me interessava saber, na singularidade de seus atos, como ele definia o tema, como constituía um enunciado de escrituração jornalística, postava a massa semiótica no site e depois articulava o enunciado com o Twitter.

Berg disse (não mostrou) de que maneira automática abria sua caixa de e-mail, lia e selecionava mensagens com sugestões de pauta. Em seguida, fazia uma lista de temas que iria valorizar baseada num critério pessoal, o *feeling* adquirido nos anos de trabalho, o ajudava identificar acontecimentos que poderiam despertar o interesse da maioria dos leitores. Após esse processo de seleção, Berg explicou que faz consulta a fontes para obter mais dados sobre os assuntos escolhidos, pesquisa imagens na rede e, às vezes, se desloca até o lugar do acontecimento; ocasiões em que ele também faz registros imagéticos. Após retornar à redação, se dedica a “descrever, dizer ou explicar os fatos da vida” (MOIRAND, 2006) para serem postados no seu site.

Neste primeiro encontro, observando e analisando as ações de Berg, atento os seus dizeres, percebi, sob a fachada da atualização, o intenso movimento de expressões semio enunciativas que a escrituração jornalística faz

circular da mídia cotidiana – enunciados de estrutura de sentidos parcialmente inacabados. Para isso, o sujeito do discurso do jornalismo conta com uma arquitetura mnemônica de onde cria interfaces com outros sujeitos do discurso. Isso, sob a ótica de Lévy, “equivale constituir-se” (LÉVY, 2011, p. 37) – num esforço de constituir significação do que vem do outro, e que os fios do discurso materializam redes intelectuais interligando autor e leitor por temas de interesse comum.

Verifico, também, na ação de escrituração de Berg, nas construções enunciativas informativas no interior do discurso, manifestações de palavras ditas por outrem definindo o tema para constituir sentidos. O enunciado hiperestruturado comunica quando desperta *recordações* (MOIRAND, 2006), sinalizando para os sentidos no interior de uma unidade discursiva dirigida a um auditório social imediato e mediato. Nos relatos de Moirand, a autora enfatiza que no diálogo social da mídia cotidiana, saturado de vozes sociais, somente alguns leitores serão capazes de constituir-se na significação do outro e na referência discursiva ideológica em jogo.

Neste primeiro encontro não foi possível presenciar os atos e ações de sua *performance* enquanto sujeito do discurso da mídia. Berg havia atualizado o site na manhã daquele dia e a tarefa de relacionamento nas mídias sociais ele delegava a um estagiário do site. Decido, então, aplicar a entrevista com perguntas exploratórias (ver anexo nº 1) com a intenção de sedimentar uma base material e histórica em torno das informações que Berg detinha sobre o aplicativo e sua maneira de operar essa cadeia interativa.

Revisando suas respostas, ficou claro que até aquele momento o contato de Berg com o Twitter era superficial. Segundo seu relato, ele sabia que se tratava de uma ferramenta de interação digital muito usada por jornalistas, cuja característica importante era o desafio da síntese – isto é, construir uma mensagem inteira e acabada numa caixa de texto limitada a 140 caracteres. Disse que quando recorria ao aplicativo, no momento que articulava o enunciado, preocupava-se em manter a essência do conteúdo, procurando adaptá-lo a caixa de escrever do aplicativo; a ideia de recorrer ao Twitter era atrair seguidores para o site. Se o site fosse muito frequentado poderia atrair parceiros de publicidade;

no caso, investidores com dinheiro para subsidiar as despesas de operacionalidade da empresa e para remunerar também o seu esforço.

Questionei sobre o que era mais importante para ele participando de um projeto de pesquisa focado Twitter. Berg respondeu que a experiência da pesquisa, o tempo dedicado a ela, seria um aprendizado; que, dizendo em outras palavras, desejava fazer parte do jogo do diálogo social no Twitter, e aprender a ser mais atraente nas redes sociais. Repetiu que queria ter sucesso e reconhecimento para ele e para a empresa; que para seu pequeno empreendimento isso era importante e para sua força de trabalho também.

Entendi que o que ele gostaria mesmo, ao final do processo, era ter em mãos um tipo de manual de autoajuda com dicas de bom uso nas situações interacionais do mundo digital; com um capítulo dedicado a métodos de atingir o sucesso no Twitter sem muito esforço. Esse não é o objetivo deste estudo e como não existe o registro de algo semelhante, tanto Berg como os demais internautas vão experimentando possibilidades composicionais hipertextualizadas, imitando o outro.

Após a entrevista, adotei o cunho colaborativo de pesquisador etnográfico e me sentei ao seu lado. Sugeri que abrissemos o perfil do site no Twitter para juntos fazermos uma leitura coletiva de sua escritura no aplicativo. A primeira coisa que percebi foi a falta de regularidade das atualizações, que ele justificou transferindo a responsabilidade para o estagiário. Minha experiência dizia que negligenciar os intervalos das atualizações é um ponto negativo para as pretensões de sucesso e credibilidade frente à opinião pública em rede. No que diz respeito à escrituração, percebi também nas postagens antigas, que o enunciado que ele constrói para o site estava sendo transcrito literalmente no aplicativo, destoando das formas semio enunciativas de usuários mais regulares.

Como escriturar no ambiente virtual da mídia cotidiana (no Twitter, por exemplo), asseguram os especialistas, equivale a constituir conhecimento coletivamente, fiz para ele uma leitura de algumas formas linguísticas que compõem o suporte. Mostrei os aspectos relacionados à nova estética gráfica da

*textualidade eletrônica*⁵⁸ (CHARTIER, 2003) presente no mundo virtual que assinala a vocação dialógica do aplicativo, através de signos de características responsivas (no Twitter encontramos o curtir (*likes*), redirecionar (ou retweetar), marcar, espaços para fazer comentários, etc, etc); comentei sobre os *signos nômades*⁵⁹ (LÉVY, 2011, p. 37) e sobre os entendimentos relativos a *hashtag*⁶⁰ e a *arroba*⁶¹ que se inscrevem no interior da massa textual. Elementos que enriquecem o mundo de significados na escrituração na internet.

Ainda me referindo a Lévy (2011), expliquei que na ciber cultura são os signos ideológicos que alimentam as correspondências *on line*, em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais. Fiz ainda comentários sobre a dinâmica da leitura em tela, ressaltando que ela faz sumir a massa material do texto impresso, para dar lugar a uma série de sinais informáticos.

A linguagem da ciber cultura citada por Lévy (2000), a escrita de *textualidade eletrônica* (CHARTIER, 2002), demonstrando vocação do cronotopo (BAKHTIN, 2003), apaga o espaço inaugurando o tempo como o lugar mediato na conveniência dos interesses imediatos. Na dimensão dialógica do ambiente virtual, nos efeitos do diálogo social em rede, o tempo garante ao sujeito existir na complexidade do espaço onde decorre a relação homem/máquina/linguagem (LÉVY 2000). Em rede, o diálogo social existe na linguagem, a partir dos sentidos que o constitui. Uma existência que se materializa no interior e no exterior da massa semiótica enunciativa, que as leituras coletivas feitas a distância potencializam e cujo valor ideológico⁶² e, pela alteridade, se revela no discurso.

⁵⁸ Relembrando que para Chartier (2003), a escrituração de *textualidade eletrônica*, é uma língua que age numa permanente busca, de maneira incondicional, por um idioma universal. Isto é, prevê um mundo sem fronteiras e ignora a diversidade de lugares, coisas, indivíduos e línguas ainda presentes no mundo real.

⁵⁹ Nos estudos de Lévy (2011), os *signos nômades* povoam o texto eletrônico virtual, criando, recriando e reatualizando o mundo de significações que somos. Servem de vetor, de suporte ou pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental (p. 37).

⁶⁰ É um símbolo que na escrituração virtual é uma ferramenta de busca dentro da internet (N.A.).

⁶¹ É um sinal gráfico de subordinação de lugar (N.A.).

⁶² Trato a ideologia aqui nos termos de Bakhtin (2001), como a expressão da luta de classes. Segundo seus relatos, no *contexto exterior*, a ideologia exprime os *momentos mais estáveis e dominantes da consciência de classe*, nas proximidades da *ideologia constituída e enformada dessa classe, das suas verdades, sua moral e visão de mundo*. Segundo o autor, ela encontra morada nas camadas da ideologia do cotidiano, assim o *discurso interior se regulariza com facilidade e se converte livremente em discurso exterior, em todo caso não teme vir a ser discurso exterior* (ibidem 2001, p. 89).

Quando Berg agia como sujeito discursivo, dialogando por meio de composição discursiva dialógica interativa, sua linguagem virtual trazia as marcas de uma profunda transformação na forma do enunciado, marcando um tipo de deslocamento linguístico na confluência entre o formal e as relações sociais elementares. A partir desse entendimento, observei que a escrituração de Berg carrega a forma linguística que é também marcada por uma intensa circulação de signos ideológicos e que também abriga as transformações da língua em rede.

Para encerrar as atividades desse dia, apliquei a segunda entrevista com perguntas complementares – um instrumento de pesquisa, planejado para a dinâmica dos momentos colaborativos, contendo quatro perguntas curtas e objetivas (ver anexo nº 2). Em suas respostas, Berg relatou que tudo o que aconteceu nesse primeiro momento vivencial se revestiu de novidades. Pelo entusiasmo que demonstrou, entendi que ele havia adquirido relativa confiança para lidar com o aplicativo daquele momento em diante. O problema, reclamou, era que ele acumulava muitas funções no site que lhe roubavam o tempo disponível para está *on line*.

Nesse início de convivência, foi intensa a sensação de que a falta de tempo, o acúmulo de funções e a necessidade de atrair investidores financeiros para o site são indícios da *comunicação de transmissão de interesse prático* (BAKHTIN, 1998), que faz de Berg um sujeito escritor de enunciados informativos, cujos temas sociais, estabelecidos com certa antecendência, atendem as coerções e ajustamentos dos interesses da hegemonia econômica.

Nas abordagens sobre os estudos de Barros Filho (2003), a pressão da ideologia socioeconômica das classes dominantes, que ele considera fato correlato aos conflitos de classe, há o jogo da medição de forças e a *agenda setting*⁶³ (BARROS FILHO, 2003) funciona como uma fonte geral de temas, responsável por direcionar o potencial valorativo do discurso na rotina da mídia

⁶³ No princípio descritivo de Barros Filho (2003), no jornalismo a *agenda setting* é uma hipótese do impor sobre a fala. Na mídia cotidiana, nos relatos do autor, a *agenda setting* determina, pela seleção, disposição e incidência os temas sobre os quais o público falará ou discutirá. Trabalhando no critério do que aconteceu prevalece sobre outros acontecimentos, a *agenda setting* segrega e especifica a opinião pública e fixa o que vai ser discutido, como e por que. Há ainda o *espiral do silêncio*, outra hipótese construída pelo autor, relacionada ao impor o que se fala, inspirando o medo do isolamento social do jornalista. Ambas as hipóteses prescrevem os critérios de seleção dos temas sociais os interesses da ideologia hegemônica quer ver publicada.

cotidiana, através de temas que giram em torno dos interesses dessas classes sociais. É uma situação que contribui para engessar a livre iniciativa do sujeito autorizado, que se expressa através do discurso, fazendo das especificidades enunciativas da mídia cotidiana a reprodução das ideologias da classe dominante.

Trazendo para o contexto dialógico, percebo que, neste momento discursivo contemporâneo, quando a *agenda setting* determina a maneira de abordar o significado do tema, responde ainda pelas coerções normativas e ideológicas. No chamado círculo Bakhtin/Volochinov (2004), isso sinaliza e acumula também as tendências do pensamento dos setores poderosos econômica e ideologicamente instáveis da sociedade que se manifestam na forma da língua em conformidade com a materialidade histórica.

Nas minhas reflexões, percebi que a *agenda setting*, numa clara demonstração de interrelação dinâmica social dos sujeitos na comunicação ideológica, apaga no sentido do interior do enunciado as tensões das lutas de classes socioeconômicas e os antagonismos ideológicos. O jornalismo cotidiano apaga no sujeito do discurso as questões emergentes da realidade da vida e, pela linguagem, explica Barros Filho, a massa semio expressiva delimita com precisão os lugares concorrenciais (da empresa, do trabalhador, do governo e do leitor cheio de efeitos), reinventando e ressignificando, pelo discurso, os temas e as relações sociocomunicacionais de hoje (BARROS FILHO, 2003).

Saí desse encontro pleno de sentimentos e reflexões. Refletindo sobre essa experiência de pesquisa etnográfica interpretativista, me dei conta da importância de registrar as situações reais de interação sociocomunicativa de uma realidade histórico-material discursiva, onde a linguagem representa o modo de vida em particular. Em casa, relendo as anotações de campo, cheguei a seguinte conclusão: não havia necessidade de voltar a aplicar a entrevista nº 2 com perguntas complementares. Na emergência de um caráter espontâneo, perguntas fechadas deste instrumento podem vir a ser um risco para o livre arbítrio do sujeito de se expressar. Não se recomenda arriscar em direções que venham prejudicar a naturalidade de construção coletiva de conhecimentos durante o período investigativo.

Segundo encontro

A segunda reunião aconteceu no dia 15 de março de 2016. Houve um grande hiato para acontecer o segundo momento vivencial devido a ajustes de agendas. Eu, por um lado, pressionado pela minha agenda acadêmica e Berg com a sua sempre lotada de acontecimentos a cobrir e toda a sobrecarga da rotina de trabalho diário dele. Numa postura etnográfica colaborativa, sentado ao seu lado e de frente para a máquina de leitura conectada, acessamos outra vez o perfil do site no Twitter. A intenção era recuperar as primeiras impressões sobre a estrutura composicional desse suporte discursivo virtual. Mas, pela datação das últimas postagens no Twitter, o projeto/meta de conquistar sucesso no aplicativo estava parado. Desculpou-se, alegando mais uma vez a falta de tempo.

Começamos esse segundo encontro comigo lembrando os espaços destinados no aplicativo para estimular o diálogo social (os símbolos para curtir, ou retweetar etc.). Berg pediu para trabalhar com a *hashtag*. Vi, aí, numa perspectiva colaborativa, a oportunidade de fazer uma oficina com ele. Selecionamos e lemos alguns de seus enunciados no site e ensaiamos algumas composições de *hashtag*. Grosso modo, a *hashtag* é uma experiência composicional, que se encaixa na nova estética gráfica de escrita múltipla hipertextualizada e que foi criada a partir da modalidade própria do suporte. Descreve-se um conjunto linguístico formado por um símbolo (#) mais uma palavra ou uma frase de ordem que sintetiza, na objetividade do contexto exterior, a valorização do momento imediato do discurso.

Na condição de elementos linguísticos da *textualidade eletrônica* (CHARTIER, 2002), ajustei a *hashtag* à categoria de *signo nômade* (LEVY, 2011), lhe dando o cunho de elemento simbólico hipertextualizado com função de ampliar, pela técnica, o sentido no interior do enunciado. Parâmetros que me fizeram perceber que a sua presença num enunciado de *textualidade eletrônica* é uma marca objetiva das transformações do enunciado virtual, porque representa no interior do enunciado o movimento das forças centrífugas⁶⁴ (BAKHTIN, 1998) nos encaminhamentos de construção de sentidos.

⁶⁴ Segundo Bakhtin (1998), as forças de movimento da língua representam a expressão teórica dos processos históricos de unificação e de centralização, de desunião e descentralização linguística. Atuam no

Nos aspectos relacionados ao estudo, a hashtag representa nova forma de expressão semio-discursiva multissemiótica. Chartier (2002) menciona o signo hipertextualizado, e classifica-o de elemento linguístico que se valoriza no diálogo social eletrônico por ser volátil e flexível. Portanto, para o diálogo na *hashtag* se iniciar, basta uma “percepção imediata” e ela já se “associa a um tipo de objeto, uma classe de texto e usos particulares” (ibidem 2002, p. 109).

Chamou ainda a atenção o fato de que a *hashtag*, inscrita na categoria de signo nômade, quando impulsiona a força centrífuga (BAKHTIN, 2003, 1998) no enunciado, confere a composição enunciativa e ao sujeito do discurso uma autoria única e singular. Potencializando as forças descentralizadoras e de desunião da massa semiótica, diz os estudos de Zozzoli (2016), permite que o enunciado concreto e real favoreça a uma infinidade de outros enunciados, outros entornos, ou outros sentidos, quando se articula entre suportes.

Faço um resgate de Bakhtin (1998), para entender que nessa experiência discursiva de plurilinguismo dialogizado cada enunciado concreto do sujeito do discurso constitui também um ponto de aplicação das forças centrípetas. Isto quer dizer que também a centralização e unificação da língua se cruzam na enunciação, na materialidade discursiva individualizada, englobando e centralizando o pensamento verbal-ideológico.

Vibram da *hashtag* as forças de estratificação e de contradição, atuando como forças elementares na dinâmica da vida da língua no diálogo social, que o plurilingüismo vivo materializa pelo estilo da enunciação. As indicações externas, as correlações de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem, que Berg leva adiante, toda vez que constrói escrituração jornalística. A *hashtag* é uma língua social, ideologicamente saturada, que concebe o mundo em todas as esferas da vida ideológica, porque dela decorre a relação indissolúvel com os processos de centralização sócio político cultural.

No grifo de Bakhtin, isso só ocorre à medida que a língua está viva e desenvolvendo-se, porque “ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação”.

meio do plurilinguismo, naquilo que é essencial em línguas socioideológicas: a estratificação sociogrupais. Englobando e centralizando o pensamento verbal-ideológico, *que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural* (ibidem p. 81).

(BAKHTIN, 1998, p. 82). É o que se pretende mostrar agora no exemplo da figura 1. Um enunciado recortado da situação discursiva da pesquisa; nele, Berg usou *hashtag*, demonstrando a força de descentralização, desunificação, na ação das forças centrífugas de uma língua única.

Figura 1. Modelo de enunciado no Twitter.



Fonte: página no Twitter do site AlagoasBoreal.com.

A expressão semio enunciativa da massa semiótica apresentada, já ajustada ao Twitter, relata o lançamento de um drinque etílico como novidade no cardápio de uma empresa do setor de bares e restaurante, aqui em Alagoas. A *hashtag* “#BebaComModeração” completa o todo do enunciado e imprime nova camada de sentido ao processo de construção de sentidos. Na totalidade de composição da forma do enunciado, expressa contradição; para isso, recorre a um slogan de uma peça publicitária governamental, de uma campanha educativa que alerta sobre os riscos de acidentes no trânsito e sobre as punições judiciais para o infrator que dirigir veículo automotor embriagado.

Analisando a discursividade dada, na dimensão do não linguístico, se utilizando do discurso direto, o tema no enunciado indica consumo e entretenimento, no desejo da vida social interativa contemporânea. Essa imagem é quebrada quando rompe a percepção imediata, acrescentando à situação de

prazer inicial pela sensação de insegurança e medo. A *hashtag*, pelo antagonismo de sentidos no interior do enunciado, desestabilizou o conteúdo do tema, desunindo o discurso e descentralizando as ideologias verbais (BAKHTIN, 1998).

A estratificação do tema e a contradição no interior do discurso aparecem, nesse exemplo, como forças elementares na dinâmica da vida da língua no diálogo social que Berg levou adiante. Enunciado e discurso materializam o plurilingüismo vivo do aspecto linguístico, na materialidade do estilo da enunciação. Eles admitem “uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (BAKHTIN, 1998, p. 75).

No exemplo recortado, e partido da materialidade do diálogo social na cibercultura, a indexação⁶⁵ da *hashtag* é elemento essencial na construção e na articulação de sentidos numa expressão da massa semiótica ideologicamente saturada e mediatizada. Na dinâmica enunciativa de unificação e estratificação da textualidade eletrônica, nesse exemplo, a *hashtag* foi protagonista do tempo como o lugar em si mesmo, com sua própria consciência. Valendo-se de uma situação de endereçamento e indicações do autor, a *hashtag* remete o leitor/seguidor à distância para um “espaço de sentido não preexistente à leitura” (LEVY, 2011, p. 36). As interações no meio ambiente virtual ocorrem mesmo que os interlocutores não compartilhem a mesma dimensão de espaço e tempo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 e ZOZZOLI 2015).

No caso de Berg, refletindo sobre os aspectos relacionados à pesquisa, percebi que, quando ingressa nessa dimensão do diálogo social, as atividades humanas e os costumes culturais consistem em dispositivos temáticos. Berg virtualiza os relacionamentos, fazendo ligações e correlações a partir das relações de forças ideológicas antagônicas, ou não; pelas pulsões, ou instintos, sob os efeitos dos desejos imediatos.

A *hashtag* apresentada no exemplo 1 se revelou dinâmica na circulação de sentidos, na articulação entre suportes e na sua totalidade de elemento composicional. Na situação analítica discursiva, a situação do cotidiano exterior cultivou o plurilingüismo dialogizado (BAKHTIN, 1998) na qual estão presentes os

⁶⁵ Se clicar no botão da esquerda do mouse sobre a *hashtag*, o internauta é linkado a uma lista de temas que tratam do mesmo assunto em tempos e lugares diferentes (N.A.).

costumes culturais de uma comunidade socialmente organizada, com uma língua viva e desenvolvendo-se. Nos relatos deste autor, o sujeito do diálogo interage com a máquina, opera e potencializa na linguagem a informação, dotando-a de hipertextualidade, de forma hierarquizada por áreas de sentidos. Ligadas às zonas de sentidos (LÉVY, 2011), a massa semiótica da *hashtag* que Berg inscreve no enunciado estabelece a forma do hipertexto se beneficiando da associação com a memória coletiva, sobre a qual a hashtag se destaca e remete.

Depois das experimentações com a *hashtag*, Berg decidiu mostrar como ele constrói enunciados informativos para o seu site. A oportunidade que queria de presenciar o ponto de fecundidade cultural, abstrata e independente da ação do sujeito, que Levy (2011) descreve como o momento interativo entre o sujeito e a máquina (re)produtora de enunciados virtuais. No grifo de Lévy (2011), toda vez que escrituramos na máquina o sujeito pratica “uma tecnologia intelectual”, quase sempre exterior, objetivando “uma função cognitiva, uma atividade mental” (LÉVY, 2011, p. 38) de interação.

Diante de uma ação singular de construção discursiva, verifico na *performance* de Berg, primeiro ele fazer uma criteriosa seleção das mensagens que chegaram por e-mail (o conteúdo enviado através de *agenda setting*), seleciona aquelas que, seguindo os encaminhamentos de seu interesse imediato⁶⁶, passam pelo primeiro processo de transformação para o texto jornalístico, quando recebem tratamento de enunciado informativo para o site. Neste momento, lembrando Barros Filho (2003), sem dúvida, as regras mercadológicas e ideológicas em conformidade com a linha editorial do site são que orientam a escolha dos temas.

Uma releitura na massa de texto escolhida ajusta e reduz ainda mais seleção. Agora, pesam na decisão a relevância do acontecimento e da personagem, o tempo e o espaço, os interesses da ideologia, sob a pressão da economia hegemônica. Por fim, naquilo que lhe garante relativa autonomia de sujeito enunciativo, Berg complementa a informação imprimindo certos destinos históricos, englobando e centralizando o pensamento verbal-ideológico do discurso.

⁶⁶ O site adota uma linha editorial voltada aos temas em torno de acontecimentos ligados a comportamento, diversão, eventos culturais, a cultura em geral.

Entendi que, ele segue esse passo a passo com a intenção de criar confiabilidade e respeitabilidade perante seus leitores/seguidores à distância e, ao mesmo tempo, junto aos seus parceiros comerciais, assume o papel autoral de sujeito do discurso. No geral, é a maneira de mostrar resistência em relação às coerções econômicas e ajustamentos ideológicos. Berg faz a crítica às práticas enunciativas que alguns profissionais da mídia cotidiana assumiram. Segundo explicou, optam por copiar e colar a massa textual que chega à redação, sem fazer a devida checagem e os acréscimos. Esse comportamento é estimulado pela ideia da incansável e permanente necessidade de atualização que velocidade da informação costuma provocar na internet.

Na *performance* de Berg encontro Bakhtin (2001), quando se refere ao âmbito das relações verbalizadas. É um produto da linguagem do homem, diz o autor russo, em todos os momentos essenciais da sua vida, determinado pela situação social da enunciação. Berg expressa “todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior)”. Isto é, o “produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (ibidem 2001, p. 80 - 86).

Chartier (2002) faz um alerta sobre essa prática na *textualidade eletrônica*. Segundo o consta em seus trabalhos, a prática de colar e copiar decreta a morte do autor e consagra ao leitor o sentido imediato no interior do enunciado. A comunicação eletrônica, livre e espontânea, explica Chartier (2002), autoriza qualquer pessoa a por em circulação suas próprias reflexões ou criações, vendendo uma falsa autoridade discursiva. Na ordem das propriedades do texto eletrônico Chartier (2002) critica a quebra da formalidade jurídica (aqui o autor se refere à quebra do *copyright*) que, hoje, faz o sujeito apropriar-se indevidamente da palavra de outrem, pela cópia não autorizada.

As checagens de informação que Berg faz quer dar o tom de autoria na massa semiótica, aquilo que o chamado círculo Bakhtin/Volochinov (2004) estabelece por unidade e singularidade irreduzível ao autor de um texto acabado. No caso pesquisado, o sentido no interior do discurso só se concretiza porque está em relação com outras línguas sociais, reunidas no interior de um único hipertexto.

São o que Chartier (2002) classifica de elementos informantes complementares, conteúdos hipertextuais que permitem ao leitor validar a leitura – para isso, acrescenta imagens (fixas ou em movimento), links ou o áudio, etc. Na dialética do possível, o sujeito do discurso está sempre investindo em novas maneiras de construir o discurso, adaptando-se, agora, a encaminhamentos de escrita *coletiva, múltipla e polifônica* (ibidem 2002, p. 25). Na ordem dos acontecimentos, segundo o autor, quando intervém no conteúdo pelo recorte, ou pelo deslocamento, ele procura estender ou recompor as unidades linguísticas.

Berg redige o texto final digitalizado no redator Word da Microsoft. Edita a massa de texto, isto é, escolhe imagens, escreve títulos/manchetes, reforços, legendas e organizar graficamente todas as informações complementares, dando ao sentido no interior do enunciado novas maneiras de construir o discurso. Aqui, a operacionalidade da máquina implica o processo que Berg executa mecanicamente, atendendo uma ordem de códigos informáticos digitais, determinada pela nova modalidade gráfica. Só após esse processo, o enunciado é enviado para o site.

A matriz de textos rolando numa tela digital se realizar no processamento da máquina, só depois, na interação com o leitor. Berg, o sujeito do discurso, executa um comando na máquina para a realização parcial do enunciado; o todo do enunciado precisa corresponder a um conjunto de programas de organização e exibição; os programas se dividem em duas etapas que se complementam: uma, é a etapa da escrituração semiobjetivada ligada à memória do enunciado, essa escrituração é dessincronizada e deslocada; a outra, refere-se à prática de leituras à distância, separadas no tempo e no espaço de sua fonte de transmissão. Lévy (2011) dá ao primeiro plano o tratamento de “par potencial-real”, associando esse plano a outras maneiras de escrever; o segundo plano ele chama de “par potencial-atual” que está ligado a outras maneiras de ler (LÉVY, 2011, p. 40). Os dois planos juntos conferem ao texto digitalizado novas formas de apresentação e de fios de sentidos.

A escrita de Berg na máquina de leitura é uma situação de endereçamentos e indicações dos componentes do *hardware*, o processo de automação da escritura – os enunciados são unidades de processamentos, de transmissão, de memória e de interfaces de entrada e saída do enunciado no

ciberespaço (LÉVY, 2000). Num trabalho mais recente deste autor, ele argumenta que, os micromódulos cognitivos automáticos da máquina se juntam aos dos humanos, numa simbiose que ajudou a transformar ou aumentar suas capacidades de aprendizagem, de navegação e de comunicação.

Na interatividade do ciber espaço, Lévy (2011) explica que o enunciado existe o como meio das ocorrências interacionais virtuais, se beneficiando da conexão e do processamento de dados. A alteridade no ambiente virtual significa coordenações e sinergias entre as inteligências individuais e em grupos.

Na práxis de Berg, ele se conecta na internet, e comanda o endereço do provedor, a empresa de tecnologia da informação que abriga seu site. Faz o *login*, digitando um apelido e envia junto com uma senha de acesso. Aparece uma janela com um formulário dividido por zonas de informação, previamente distribuídas em espaços já determinados. Ali, ele sobrepõe títulos, reforços, legendas, imagens, gráficos, se tiver, e a massa textual, entre outros dados. Registros estando salvos, aparece uma nova janela. Nesta, materializa-se a realização parcial do enunciado (o *par potencial-real*). Hora de Berg fazer leituras, correções ortográficas e gráficas que a nova modalidade gráfica sugere; e de conteúdos – que envolvem também os ajustes e coerções, sob o efeito da pressão da ideologia e da economia hegemônicas. Agora, a massa multissemiótica pertence ao plano do *par potencial-atual*; à mercê das leituras coletivas à distância. Feito o registro da primeira transformação, o primeiro processo de hipertextualização do enunciado.

Permanecendo na dimensão dialógica interativa no ambiente virtual, Berg separa algumas das atualizações feitas no site, para receberem novo processo de transformação; um ajustamento estrutural, desta vez, adequando-se as espacialidades das redes sociais (aqui, no Twitter). Nessa hora, o critério de seleção considerada é, sobretudo, o potencial de sentidos do enunciado de ampliar os entornos, o potencial do coletivo do tema, e a identificação cruzada do leitor e do autor no discurso.

Apesar das similaridades dos softwares e de se encontrarem no mesmo ambiente de códigos informáticos, a operacionalidade nesse segundo processo é ágil e menos complexa. Ao contrário do processo atualização do site, nas redes

sociais o componente processual é universal e autocalculante; isto é, distribuem o enunciado no *técnoluga*⁶⁷, sem a dispensa de um grande número de operações.

Dias depois, procurei minha orientadora de pesquisa e expus tudo que havia passado nos dois encontros; dispensando detalhes, enfatizei minhas impressões sobre as duas experiências. Ela me recomendou duas orientações fundamentais nessa investigação: a primeira, reduzir o hiato temporal entre os encontros investigativos, e com isso garantir certa regularidade; e, a segunda, dar mais atenção à composição semântico-objetiva do enunciado que Berg constrói. Seriam, portanto, essas composições limitadas e precisas os *pontos sensíveis* da massa textual que terei que analisar na perspectiva dos princípios fundamentais do dialogismo, que darei uma análise que parte do linguístico ao não linguístico.

Terceiro momento vivencial

Este encontro aconteceu no dia 8 de abril 2016. Como das vezes anteriores, agendar um horário com Berg não foi tarefa fácil, mas consegui reduzir em menos de um mês o espaço entre os dois encontros. Sem uma agenda preestabelecida, fui até sua casa. Encontrei um Berg pouco entusiasmado, deprimido, num cenário desolador. Há dias estava sem conexão. Há dois meses, os retornos com publicidade não eram suficientes para pagar o plano que ele contratou com a operadora de internet e foi cortado. Para manter o site atualizado precariamente, estava trabalhando de maneira improvisada na casa de uma parenta, dividindo o computador da casa com os outros moradores.

Coloquei-me em seu lugar e, só assim, entendi sua resistência para marcar novo encontro. Berg pensava, e eu também, que sem acesso à rede mundial de computadores, era praticamente impossível trabalhar a temática social da pesquisa. De minha parte, achava que os encontros só seriam interessantes se todas às vezes eu pudesse ver o processo único e singular de sua escrituração e reescrituração de enunciados jornalísticos, tomado pela ideia de analisar os processos de transformação que o enunciado sofre para manter o sentido do

⁶⁷ Esse neologismo teve o sentido desenvolvido durante as formulações teóricas desta pesquisa (N.A.).

enunciado no momento que se articula entre suportes. Mas, havia – e isso era de fato o que interessava – o lado humano do processo, isto é, a visão etnográfica de um sujeito e suas práticas discursivas em ambientes conectados.

Ali, tinha um Berg desconectado, pelo avesso, afastado de suas práticas de produtor de discurso, de enunciador autorizado, na contramão da razão de existir do sujeito dialogal contemporâneo. Abatido moral e psicologicamente, Berg se sentia fora do circuito. Vivia de fato uma crise histórica-pessoal de ordem econômica que afetou diretamente seu bolso e sua atividade de profissional da informação do jornalismo cotidiano.

O Berg projetado inicialmente na categoria de sujeito líquido (BAUMAN, 2004), enunciador de discursos líquidos, era agora a representação do sujeito mudo no epicentro da crise de paradigmas contemporâneos, impedido de experimentar a conexão e o desejo de consumir e de ser consumido, comunicando-se a distância. Berg sintomatizava os efeitos colaterais de abstenção virtual, que acomete o sujeito impedido de práticas discursivas em rede.

Tinha diante de mim a oportunidade de experimentar pela alteridade a realidade social material e histórica de Berg e de poder na situação apresentada, exercitar a prática de crítica social. Sob o guarda-chuva da L.A. contemporânea, via a oportunidade de construir o conhecimento também da experiência da vida do outro, dentro de uma situação inesperada. Parti de Bakhtin (2001), do ponto em que ele afirma que, na dialética da história em proporções sociológicas amplas e concretas, sujeito e história se cruzam.

Aquela realidade histórica-pessoal de Berg era a realidade de outros tantos empreendedores da mídia cotidiana; uma realidade desfavorecida pela pressão da ideologia constituída pelas condições de produção econômica dominante. No exemplo de Berg, registra-se a existência sacrificada de uma pequena empresa de mídia independente. As torneiras das verbas publicitárias se fecharam e, no caso de Berg, as da prefeitura e do governo estadual. Os dois institutos públicos, justificando uma histórica crise financeira, pararam com os investimentos em publicidade para os pequenos veículos de comunicação.

Berg reclamou da burocracia de uma política rígida de controle das contas públicas, que exigia dos pequenos empreendedores pagamentos antecipados dos impostos sobre serviços e taxas, certidões negativas, etc. Só assim, garantiria a quitação dos restos a pagar. Sem apresentar as obrigações de contribuinte, Berg não recebia os pagamentos atrasados. Sem dinheiro, não conseguiria efetuar suas contas pessoais. Ou seja, se encontrava numa espiral que parecia não ter fim.

Já não contava mais com a ajuda do estagiário de mídia. Teve que dispensá-lo. Todas as atividades do site estavam em suas mãos. Para manter o mínimo de sobrevivência, Berg vinha cobrindo férias de colegas que trabalhavam para as grandes empresas de mídia locais. Esse contexto no espaço da mídia cotidiana sugere a clara e intensa atividade de luta de classes sociais, que é descrito por Barros Filho (2003) como um espaço concorrencial onde as condições de produção econômica determinam as posições entre dominados e dominadores. Aqui, a palavra de outrem vai além de ajuste e coerções de sentidos para um auditório social dado; torna-se uma estratégia de sobrevivência, na contextualização da ideologia sócio-política dominante, que determina quem diz o quê para quem e em quais circunstâncias deve ser dito.

Sobre as reflexões de Barros Filho (2003), quando se refere a respeito da ética na comunicação social, o autor afirma que são crises financeiras similares da de Berg que respondem pelo silêncio do potencial discursivo destes pequenos empreendedores da mídia cotidiana; sujeitos que enveredem nessa atividade de comunicação vocacionado pelo ideal de liberdade de expressão. Nessas ocasiões, a hegemonia econômica tem a oportunidade de fazer seus ajustes ideológicos. A falta de recursos engessa de vez aquilo que ainda pode restar de uma relativa autonomia de sujeito do discurso. Por essas vias, a hegemonia econômica da sociedade contemporânea vai imobilizando e fragilizando ainda mais o direito constitucional da livre expressão.

Nessas horas, nos momentos de crise econômica, de intensos conflitos ideológicos e apagamentos da consciência de classe, a *agenda setting* (BARROS FILHO, 2003) é o que alimenta o conteúdo do enunciado escamoteado na falsa identidade singular do autor. Nessas situações, o significado do tema abordado está corrompido pelas referências e as coerções das tendências sociais em jogo

(BAKHTIN, 1998). Nada do que é dito e lido nos meios de comunicação em massa está isento.

Saí desse encontro desesperançoso e preocupado. Pensava em como reanimar Berg a prosseguir com a investigação. Quanto tempo duraria ainda essa crise? Preocupava-me não saber em que medidas a situação em que Berg se encontrava (desconectado e com a autoestima baixa) iria interferir no desenrolar do tema social da pesquisa. Precisava de uma estratégia metodológica que pudesse prosseguir com a pesquisa, ajustada às condições de produção que encontrei naquele dia, naquela redação.

Pensei na oficina que fiz com a *hashtag*. Havia notado que esse tema lhe interessava. Até as coisas voltarem às condições de produção anteriores, a *hashtag* seria o fio discursivo que nos manteria filiados ao contexto da pesquisa. Tinha observado que para se chegar à forma composicional da *hashtag* Berg, necessariamente, tem que executar todo um processo de escrituração do jornalismo isto é, ajustar o enunciado a estrutura semio enunciativa em rede. A *hashtag* entra em cena, ao final, acrescentada como elemento de resistência das forças da língua. Duas semanas depois, mais aliviado, Berg avisou que já tinha restabelecido a conectividade. E após um longo processo de novas negociações via rede social, um almoço e um lanche da tarde, marcamos o próximo encontro.

Quarto encontro

Cheguei para esse encontro investigativo, que aconteceu no dia 6 de junho de 2016, com uma peça publicitária que o Twitter me enviou por e-mail. Agir assim faz parte da dinâmica dialógica dos operadores dos aplicativos. Em geral, estão sempre alimentando uma espécie de interação com os usuários, por meio de mensagens via e-mail, através de peças publicitárias. Nesta peça havia instruções que ensinava o internauta a dinamizar a interatividade na rede.

Nessa peça trazida, havia um texto curto que em poucas palavras lembrava ao internauta para usar sempre *hashtag*. Não era um conjunto de regras para o uso de; nem um “modo de fazer”, mas um texto de conteúdo argumentativo-explicativo, que estimulava o usuário a sempre usar a *hashtag* nos processos de interação no Twitter. Era a prática diária, que dotaria os internautas da capacidade de usar a *hashtag* como melhor lhes conviesse.

Enquanto Berg exercitava composição de *hashtag*, aproveitei para observar o percurso das alterações que o enunciado se submete, nas mãos dele, no momento que é articulado entre vetores; quando ele os valoriza no momento que se materializa na memória interdiscursiva midiática (MOIRAND, 2006 *apud* ZOZZOLI, 2013). Aproveitei e fiz questionamentos que não atendem as questões norteadoras da pesquisa, mas que serviram apenas para balizar as compreensões que nós retiraremos desta oficina.

Figura 2 – modelo de enunciado no Twitter



Fonte: pagina no Twitter do site Alagoas Boreal.com

No exemplo 2, no contexto da textualidade eletrônica, a *hashtag* é um conjunto multissemiótico com a intenção de garantir sentidos, nos domínios da força centrípeta e na transtextualidade das forças centrífugas (BAKHTIN, 1998) do enunciado. No exemplo 2, a falta de um adjunto adnominal de lugar que sinaliza o espaço geográfico do artesanato, é compensada na *hashtag* que assume a função de indexar o lugar da situação material dada atuando como forças centrípetas; enquanto a força centrífuga amplifica e multiplica as fronteiras do sentido do conteúdo.

A *hashtag* #ArtesanatoAlagoano, no domínio da memória interdiscursiva midiática da escrituração no jornalismo cotidiano, localiza o espaço no interior da memória específica da mesma família de acontecimentos (MOIRAND, 2006 *apud* ZOZZOLI, 2013). Nas condições de construção da escrituração do jornalismo cotidiano, é o discurso direto que valoriza o potencial discursivo dialógico. O *signo nômade* #ArtesanatoAlagoano é ideológico e aparece marcado pela polissemia no interior da expressão semio-enunciativa única e singular, na significação que o sujeito organizou para dizer algo sobre alguma coisa. Inserida num contexto dialógico discursivo, a transtextualidade na *hashtag* destacada valoriza o artesanato local e, através das forças de união e centralização, de desunião e descentralização, identifica os apelos ideológicos, nos relatos suturados de vozes sociais.

O sentido do discurso no interior da *hashtag* #ArtesanatoAlagoano marca comprometimentos com uma dupla dimensão de análise discursiva e forma/composicional, que se encontram nos estudos sobre o enunciado. No grifo de Bakhtin (1998), para se chegar à compreensão dessa dupla dimensão há um percurso semiótico discursivo a disposição, cujos livres critérios analíticos ficam a cargo do sujeito autorizado a discursar. Diz Bakhtin:

“Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1998, p. 88).

Na interatividade das redes sociais, no livre trânsito discursivo, é grande a circulação de uma variedade de produções discursivas dessa ordem nas mais variadas composições semio-objetais (#Sozinhos, #SíndromeDeDown, #G1, #ForaTemer, #FicaDilma, #FicaADica etc.). Na força do discurso ideológico, a linguagem da forma expressiva da *hashtag* é marca de reivindicação e de instauração de direitos, que se materializam nos dizeres sobre acontecimentos e nos vínculos que estabelece com outros gêneros, sobretudo, quando articula entre os suportes.

Voltando a realidade do momento discursivo daquele encontro, perguntei se Berg poderia definir o que é para ele um texto jornalístico. Sua resposta foi em tom de reclamação. Reclamou da forma de escrever de alguns profissionais, hoje,

que, pressionados pela velocidade da atualização do ambiente virtual, fazem circular grande volume de informações imprecisas e incompletas. Voltou a falar mal da prática de copiar e colar o release sem a devida checagem. Aqui entendi que sua preocupação não se tratava dos riscos da cópia, do plágio, da presença da palavra de outrem. O que estava em jogo, sob sua ótica, era o desvio que punha em risco os princípios de credibilidade e respeitabilidade da mídia.

Berg disse que os estagiários que passaram pela redação do site, que representam a nova geração em formação de sujeitos enunciativos do jornalismo, preferem usar o Instagram para as práticas enunciativas. Do ponto de vista da crítica social isto quer dizer que essa geração de novos informadores está perdendo o interesse pelo texto, em proveito da imagem. Isto nos diz também que toda uma geração está sendo preparada para discursar sem texto, preparada para apagar a autoridade discursiva que o enunciado inteiro, concluso, real e concreto confere ao discurso e que são essenciais para a vida e a linguagem do sujeito o discurso – esse comportamento, conseqüentemente, enfraquece a dinâmica dos movimentos de unificação e descentralização da língua, para alimentar o desejo do consumo imediato. Berg percebeu que precisa ele mesmo se ocupar das atualizações no aplicativo, para que o perfil tenha a cara dele, do site dele.

Sobre o que ele define como texto jornalístico, Berg relatou que, para ele, é um texto que respeita a forma composicional da linguagem do jornalismo, atendendo algumas regras essenciais. Por exemplo, ter um *lide*⁶⁸ no primeiro parágrafo. As informações elencadas na forma de pirâmide invertida⁶⁹. Culpou as escolas formadoras, que jogam, no mercado, profissionais despreparados para distinguir diferenças entre o imediatismo de um texto informativo e a versatilidade de um texto, por exemplo, sobre um comportamento social ou sobre uma atividade artística.

Refletindo, junto com ele, lembrei que para além dos conflitos nos desdobramentos das formas enunciativas e do conteúdo da mídia cotidiana, agora, como a virtualização, os valores mudaram, porque também mudaram as

⁶⁸ Segundo regras gerais da técnica de escrituração do modo informativo aprendido nas escolas formadoras, o *lide* é primeiro parágrafo de uma notícia e deve responder a seis perguntas básicas da informação: o que, quem e quando; como, onde e por quê.

⁶⁹ Essa estrutura parte da ideia de relatar os fatos pela ordem decrescente de importância.

formas de ler e escrever, assim como mudou a maneira de constituir sentidos, determinados pelas mudanças no comportamento de interação sociocomunicativo na contemporaneidade.

Durante suas reflexões, disse que quando passou a trabalhar como os meios digitais apenas transportou o conhecimento que tinha recebido do meio impresso, sem ter vivido um momento de adaptação ao novo modo de escritura. Só agora que estava se adaptando a essas práticas, estava ajustando sua linguagem à situação da síntese do enunciado e das formas multissemióticas como elemento dinâmico da interação social na velocidade de circulação da informação na mídia digital. Um legado que a pesquisa está proporcionando.

O encontro seguinte

O encontro aconteceu no dia 15 de junho de 2016. Neste dia, encontrei Berg envolvido com mais problemas técnicos. Desta vez, era a memória do PC que havia queimado. Sentado à mesa da sala de jantar da casa, trabalhava com o notebook. Quando cheguei, interrompi momentaneamente a seleção de músicas que ele estava fazendo para o repertório de um show em homenagem a sua trajetória musical. Paralelo à atividade de comunicação jornalística, Berg escrevia poemas e os musicava no estilo rock/punk, e ainda era *band líder* de uma banda, digamos, em formação; isto é; a banda era montada de acordo com a disponibilidade dos músicos, todas as vezes que ele tem um show para fazer. Além de cuidar do repertório do show, da iluminação, direção e figurino, cada show implicava pra ele também a montagem da banda.

Pelo fato de segui-lo no Twitter, eu sabia que Berg ainda tinha dificuldades para trabalhar com o aplicativo da maneira que ele desejava. Ele não atualizava o perfil no Twitter desde o nosso terceiro encontro, já fazia um mês. Não sei dizer se no futuro ele vai atingir o sucesso desejado. De minha parte, valeu ter compartilhado conhecimentos, e conseguido juntar dados para serem analisados sobre a singularidade de suas práticas e atitudes discursivas em rede.

Naquele dia, especificamente, suas prioridades eram outras. Estava focado no show e concentrado numa nova meta para atrair mais parceiros publicitários para o site. Nesse clima, ficamos ali conversando por mais um tempinho sobre as coisas que constituem a vida. Desta vez, não acessamos a Internet, nem abrimos

o site, muito menos o perfil no Twitter. Apenas conversamos sobre diversas coisas. Berg disse que tinha planos para fazer um *up grade* no site. A ideia era criar interfaces entre o site tivesse com diversas redes sociais.

Aproveitando o momento de descontração em que Berg se encontrava, lembrei a ele que na entrevista do terceiro encontro havia afirmado que, geralmente, usava a chamada norma culta para escrever o enunciado jornalístico; que na ocasião ele havia falado sobre lide e pirâmide invertida. Perguntei o que ele acrescentaria além disso. Berg explicou que aprendeu essas regras durante a formação em Jornalismo. Disse, por exemplo, que sempre vai incluir um verbo no título/manchete, precedido por um substantivo que define e conceitua o tema (acredito que ele se referia aos complementos nominais e verbais, constituintes de uma frase ou oração, que a sintaxe explica). Ele considera serem esses elementos sintáticos importantes para a construção de sentidos, para tornar o texto do modo informativo cotidiano mais comunicativo.

Mas, na prática, nem Berg, nem ninguém trata a língua em conformidade com as regras da norma culta; embora, ele defenda a normatização da língua, essenciais para construir a compreensão no outro. Berg é usuário de uma linguagem aproximando-se da modalidade oral, cujos discursos se realizam numa língua que todos os seus interlocutores também utilizam, em toda materialidade real de diálogo. Portanto, a língua é tratada de acordo com o interesse imediato do discurso, lidando com ela de maneira que pareça mais natural e menos coercitiva.

Uma estratégia de escritura contemporânea para parecer atual e dinâmica, as escrituras jornalísticas adotam regras gerais e fazem constantes reformulações da linguagem, atendendo aos objetivos, o modo e as construções discursivas do sujeito. Nos relatos de Lages (2003), o autor afirma que, em condições tão flexíveis de linguagem, e pressionado pelo curto tempo que tem para construir enunciados, o sujeito tenta ajustar suas práticas enunciativas à dinâmica da velocidade de produção e circulação da informação. Resgato o grifo de Lages que assegura que, *em jornalismo, a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado* (LAGES, 2003, p. 35).

Ainda voltei duas ou três vezes àquela redação/casa para fazer visitas de cordialidade. Nessas ocasiões, conversávamos sobre assuntos diversos. Geralmente, ouvia suas críticas e reclamações e juntos simulávamos soluções para as crises mais imediatas. Esses encontros fortaleceram nossas relações sociais que andavam distanciadas pelas contingências histórico-materiais. Essa experiência etnográfica colaborativa fez me sentir ainda mais responsável por Berg e pelas condições de produção enunciativa das escriturações no jornalismo cotidiano, as quais eu acrescento, a partir de agora, sentidos ideológicos aos discursos na mídia e passo a vê-lo como espaço correcional de lutas de classes e dos antagonismos ideológicos, pressionados pela hegemonia econômica.

3 Análises de enunciados nas postagens no Twitter

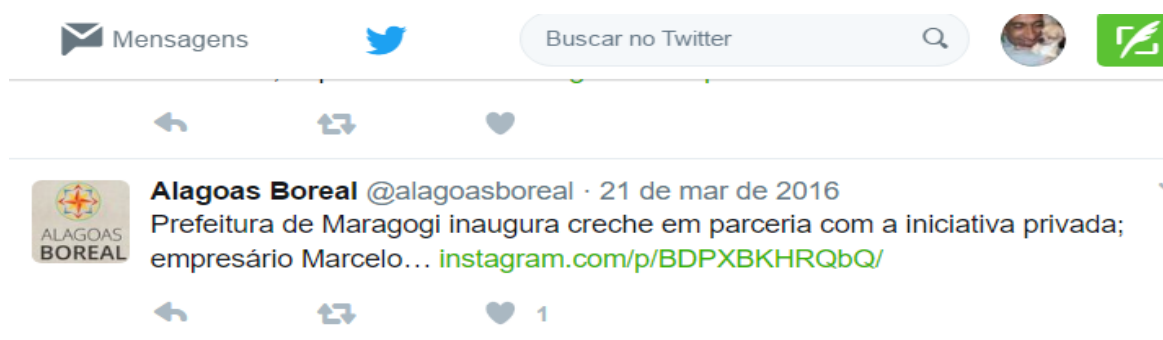
Tomamos, agora, o objeto do discurso e aplicamos uma análise da composição do enunciado, dando tratamento de elemento de uso puramente social (BAKHTIN, 2003). Pretende-se efetuar processos analíticos da existência estética da singularidade discursiva de Berg, as aquisições e realizações enunciativas que pela linguagem satisfizeram sua intenção discursiva; abrangendo a maneira com que Berg cuidou da linguagem e deu soluções para usar socialmente a língua na condição de sujeito do discurso.

Vamos trabalhar com contextos onde são comuns processamentos mecânicos de linguagens, interações com máquinas de leitura, inteligência coletiva e memória artificial (tomando emprestadas as expressões de Lévy (2011)). Supomos que, agindo no contexto discursivo, a intenção de Berg era garantir ao enunciado eletrônico virtual de sua autoria certa regularidade dialógica de sentidos, que ele considerou ter alcançado numa permanente ação de escritas e reescritas de temas sociais, e que, depois, ele colocou para circular na internet.

As análises sobre os desdobramentos das transformações dessas estruturas enunciativas que ocorrem no universo do enunciado articulado entre suportes digitais partiram da compreensão da *estética gráfica* de Chartier (2002) em uso no ambiente virtual, e procura fazer descrições sobre a composição do enunciado virtual, que deem sentido à dialética resultada na inseparabilidade da situação em que se materializa.

Quando comecei a acompanhar as postagens que Berg fazia no Twitter, notei que ele colava e copiava o título da matéria publicada no site precariamente hipertextualizado e o articulava no Twitter; isto é, o enunciado não tinha imagens, nem links – as orientações e indicações de um hipertexto. No exemplo da figura 3, procura-se evidenciar os diversos saturamentos de vozes alheias, e em que precisas circunstâncias do enunciado elas apareciam nas postagens de Berg no Twitter.

Figura 3 – modelo de enunciado no Twitter



Fonte: página no Twitter do site Alagoas Boreal

Figura 4 – modelo de enunciado no site Alagoas Boreal



Fonte: site Alagoas Boreal.com

No hardware, a estética gráfica é determinante para o tipo de gênero aplicado no discurso; que, por sua vez, corresponde e se ajusta aos tipos de suportes e os *layouts* das infográficas. E aos comprometimentos ideológicos, também. No enunciado **Prefeitura de Maragogi**, a presença do outro é camuflada, sem o auxílio do dito e nem de formas incertas da presença do outro através da nominalização. Ao utilizar “A Prefeitura”, Berg não personaliza a ação efetuada e dá a dimensão de caráter público e não do particular.

Quando inscreve *Prefeitura de Maragogi inaugura creche em parceria com a iniciativa privada*, Berg põe em ação os princípios do objeto de *interesse prático* (BAKHTIN, 1998, p. 141), usando as palavras para atrair parceiros publicitários interessados em investir no seu empreendimento. Esse exemplo é o registro de uma das ocasiões em que ele transmite a palavra de outrem com todos os graus de variáveis, de precisão e imparcialidade aparente. Nessa refração, as condições econômicas inserem novo elemento na realidade do horizonte social, tornando a ênfase valorativa do conteúdo do signo ideológico socialmente significativo e interessante.

No conjunto de objetos recortados durante as investigações, selecionei também o exemplo a seguir.

Figura 5 – modelo de enunciado no site Alagoas Boreal



Figura 6 – modelo de enunciado no Twitter



Fonte: página do site Alagoas Boreal e página no Twitter do site Alagoas Boreal

Verifica-se nesse exemplo que o verbo foi o elemento que sinalizou a transformação da forma semântico-objetual da manchete postada no site quando articulada para o enunciado postado no Twitter. O verbo acrescentou a forma da enunciação que representa a ação do acontecimento da peça em cartaz promovendo uma diferença semântico-discursiva. Quando Berg acrescentou “lida” no enunciado, pressupõe uma atitude ativa do pai em termos de ação concreta em relação ao filho, enquanto que ao empregar o substantivo “surpresa”, não existe ação concreta inserida.

Numa segunda avaliação, percebe-se, nesse exemplo, que Berg procurou uma maneira de interagir menos impactante com seus leitores/seguidores, fazendo uma distinção da forma contextual no enunciado escrito para um site, cuja linha editorial trata de cultura e entretenimento. Mas, quanto articulou enunciado para o Twitter e substituiu o substantivo por um verbo na oração, quis promover um impacto na leitura. Nessa segunda forma semântico-objetual do enunciado de Berg está presente uma estratégia de intenção discursiva para atrair internautas para visitar no site.

No plano da composição e do contexto de sentido no interior do discurso, Berg faz uso de palavras, para marcar a presença da palavra do outro (BAKHTIN, 1998) no fragmento do verbo. No enunciado para o site, a ação é um substantivo abstrato, a *surpresa* do pai com o acontecimento inesperado de ter um filho portador de uma doença congênita; para o Twitter, recusando a postura conformista desse pai o verbo dá ênfase ao enunciado, instruindo para o fato inesperado.

Berg recorre à forma de um gênero retirado de um repertório dado, que costuma apagar a presença do outro, porém marca esse lugar recorrendo ao auxílio do “dito”, num contínuo frasal que camufla as formas incertas da presença do outro. Neste exemplo, encontra-se a evidência de que o enunciado escrito para o Twitter tem a função de um prolongamento, uma replica orientada para a resposta, que procura atrair o ouvinte a interagir a partir da estrutura externa do discurso. No grifo de Bakhtin:

“o primado (do diálogo social e da compreensão) pertence justamente à resposta como princípio ativo: ela cria o terreno favorável à compreensão de maneira dinâmica e interessada” (BAKHTIN, 1998, p. 90)

O sujeito enunciadador é capaz de compreender o que é dado indispensável e dado secundário na hora de construir enunciados para o Twitter, um espaço que só permite massa de texto com até 140 caracteres. Assim, ele percebeu que “Em cartaz no Deodoro” era um dado imprescindível para o leitor e por isso teve que se fazer presente no enunciado do Twitter, que não permite subtexto. Essa expressão condensa a temporalidade e a localização. A temporalidade se expressa nas palavras “Em cartaz”, enquanto “no Deodoro” pressupõe a dedução de que é um teatro, mesmo para quem não conhece.

Já no site, que permite reforço e retomada, a localização aparece no texto “Monólogo da companhia teatral Autores de Laura será encenada neste final de semana, no Deodoro, no centro da capital” duas vezes: em “Desafio no Palco” como título. Em ‘Um filho eterno’, a surpresa diante da Síndrome de Down, que já anuncia que se trata de uma peça de teatro, e mais adiante com a precisão do local: teatro Deodoro, no centro da capital.

Por aí verifica-se que o que cada gênero propicia ao produtor são aquisições e realizações enunciativas que satisfazem a intenção discursiva nas formas da existência estética da sua singularidade. Elas se complementam quando assumem um caráter utilitário e são essenciais para determinar o quanto adequadamente se realizou a tarefa da “construção composicional” (BAKHTIN, 1998). Admite-se a ideia de que no novo modo de dialogar e de agir, referindo-me ao modo digitalizado em conexão, o sujeito discursivo numa arquitetura estético-composicional em rede, de onde ele transforma os enunciados e os articula entre eles.

3.1 Encaminhamentos para análises sócioideológicas das postagens no Twitter.

Nesta parte das análises, em cima das massas semióticas que Berg articulou entre suportes digitais procuramos aplicar nos objetos de discurso encaminhamentos de análises de interpretações sócioideológicas. Dando-lhe tratamento de material semiológico, procuramos observar como o signo reflete e refrata “certas tendências ideológicas que o signo e a situação social inscrevem” (BAKHTIN, 2014, p. 61), ao assumir uma postura de expressão da consciência de classe, de contradições sociais e também de interesses de determinados grupos.

A análise permanece nos aspectos da *construção composicional* que faz do ato de fala uma disposição de signos que refletem e refratam contradições das ideologias em jogo. Nesta refração, procuramos distinguir a presença dos discursos de outrem e as apreciações e entonações na existência discursiva de Berg, sempre respeitando a maneira como ele cuidou da linguagem e deu soluções para usá-la socialmente na condição de sujeito do discurso autorizado.

A análise a seguir se compromete tratar o objeto do discurso com as concepções de sujeito do discurso e sua relação com a linguagem, para constituir o contexto discursivo que referencia a atividade profissional de Berg e as aquisições e soluções por ele tomadas quando usa às palavras, no interior do enunciado. Ao contexto discursivo, demos também o tratamento de conjunto de material não linguístico, mas, expressivo-objetual, plurilíngue e plurivocal.

Nesta perspectiva dialógica da pesquisa, procuramos, ainda, fazer sobre o estatuto do modo particular de dizer de Berg, uma análise que se detém em processos de constituição de significados resultados da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia. Foi selecionado para esse exemplo um enunciado/imagem, que consideramos estar nos limites das coerções e ajustamentos ideológico-espaciais existentes no diálogo do aplicativo.

Nota-se nesse exemplo recortado que nos desdobramentos dos processos enunciativos dialógicos de processos mecanizados, o valor da estrutura hipertextualizada do enunciado/imagem é a *arquitetura mnemônica* (LEVY, 2011 p. 38), usada na construção de sentidos (sempre inacabados) e ligações intelectuais que o leitor e o autor vão estabelecer na interação a distância.

Figura 7 – modelo de enunciado no Twitter do site Alagoas Boral.com



Fonte: página no Twitter do site Alagoas Boreall.com

No Twitter, o enunciado se configura no título que é representado pelo reagrupamento gráfico de texto, imagem e indexação. No diálogo do Twitter, na condição de enunciado virtual, o título é o gênero, retransmitindo o conteúdo do

discurso interior, que registra a transformação da articulação que o enunciado sofre entre suportes digitais.

Visualizando o espaço discursivo da figura 7 postada no Twitter verificamos que o enunciado se insere numa janela virtual pequena, onde o sujeito do discurso explora um reserva potencial de signos e códigos linguísticos armazenados numa memória digital (a *arquitetura mnemônica*); essa estrutura forma uma matriz de enunciados que se realiza na interação com o leitor na leitura à distância. Verifica-se que no Twitter, assim como acontece nas interações na ciber cultura (LÉVY, 2000), o hipertexto estimula o diálogo social em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais (espaço e tempo); através de uma escritura *ciber eficiente* (grifo meu) e breve.

No campo dos desdobramentos de sentidos da figura 7, o enunciado “Ifal exhibe filme sobre nazismo entre estudantes e faz oficina de maracatu”, que se completa com a *hashtag #EducaçãoCultura*, registra uma das centenas de manifestações populares, em 2016, que aconteceram após o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff. Tão logo a homologação do afastamento da presidenta eleita pelo voto popular foi feita e o substituto Michel Temer assumiu o posto, diversas entidades sociais e de classes promoveram ocupações em prédios públicos, como atos de resistência ao “golpe” na democracia brasileira (assim considerado pelos simpatizantes da presidenta deposta).

Os segmentos sociais em atitudes de resistência protestavam contra as propostas apresentadas pelo novo governo em que nelas constavam medidas que sinalizavam para a redução dos gastos dos investimentos públicos com as necessidades prioritárias da população (Educação e Saúde, principalmente) e a extinção do Ministério da Cultura.

Aqui, em Maceió os artistas ocuparam o prédio do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Estudantes e professores ocuparam o prédio do Instituto Federal de Alagoas do campus Maceió. No enunciado postado no Twitter, Berg faz o registro de duas atividades da agenda cultural de ocupação do IFAL, a exibição de um filme e uma oficina de percussão. O tom ameno que ele dá ao enunciado pronunciando “exibe filme” suaviza o acento agressivo do tema do filme “sobre nazismo” e ao mesmo tempo se isenta, tenta ficar “neutro”. No aspecto do contraditório, “oficina de maracatu” aparece no enunciado como

elemento linguístico que carrega um sentido oposto ao sentido inicial, um sentido de resistência cultural não explícita.

Percebemos e sugerimos que a *hashtag* #EducaçãoCultura representa força centrífuga, reafirmada na forma de sentido de palavra de ordem no interior do tema. Aqui, Berg demonstra que é possível, pela linguagem, contornar as coerções econômicas e os ajustes ideológicos impostos pelos interesses de certos grupos sociais, quando ele dá a *hashtag* o tratamento de expressão de resistência. O que existe nas palavras ‘Educação’ e ‘Cultura’ que Berg usou é um movimento de instauração de pretensões legítimas de direitos sociais. A *hashtag*, como elemento de comunicação de interesse prático, pela linguagem, aparece impregnada de meios de regulação social.

A expressão semio-enunciativa ‘Ifal exhibe filme sobre nazismo entre estudantes e faz oficina de maracatu’ condensa a temporalidade e a localização ao mesmo tempo. A temporalidade se expressa nas palavras não ditas, mas que se pressupõe o período em que o prédio ficou ocupado pelos manifestantes. “Ifal” sugere deduzir que é um lugar, mesmo para quem não conhece. “Entre estudantes” estabelece o meio e ambiente do grupo social para o qual o enunciado assimila fios discursivos na integração reiterada no contexto interior do discurso. Mais um dado imprescindível para que o leitor se situasse no contexto que se fez presente no enunciado do Twitter.

A totalidade e inteireza do enunciado ‘Ifal exhibe filme sobre nazismo entre estudantes e faz oficina de maracatu’ que se complementa com *hashtag* #EducaçãoCultura se inserem no contexto da, *estrutura mnemônica* (tomando emprestada a expressão de Lévy, 2011) no hipertexto, resgatando uma memória discursiva midiática, sem se deter na memória específica da família de sentidos do acontecimento (a manifestação) que originou a postagem. É uma demonstração de plurilinguismo dialogizado, que deseja dizer algo sobre alguma coisa para um auditório social premeditado.

O enunciado inscreve um discurso de resistência que Berg interpretou no tom do enunciado, pelo ponto de vista do presente. Verifica-se que o sentido se constrói consorciando marcas de polissemia e plurivocidade das palavras “estudantes”, “nazismo”, “maracatu”, “educação”, “cultura”, etc. no interior da expressão semio-enunciativa. O signo refratado, aqui, é favorável à relação de

diálogo entre os sujeitos historicamente definidos, porque garante antecipadamente as respostas de concordância e aceitação, no momento em que reflexionam apelos ideológicos, nos relatos de discurso outro.

A *hashtag* e o enunciado, no exemplo 7, que valoram o contexto discursivo, se inserem no dialogismo, quando tornam também o discurso inteligível no momento abstrato do projeto concreto e pleno do discurso. E no interior do projeto concreto individual e pleno do discurso concluso que Berg levou adiante, quando usou as forças centrífugas para expressar certas posições ideológicas. A massa semiótica analisada encaminha direções de sentidos sócio ideológicos do discurso. Sentidos que, através da língua e da linguagem e movimentados pela dialética do possível, são explicados por meio do plurilinguismo dialogizado que as estratificações socio-grupais compreendem.

Seção 4

4 Considerações finais

Na experiência do processo investigativo que foi executado, de forma empírica e através de uma abordagem interpretativista de cunho colaborativo, esta pesquisa procurou estabelecer no objeto de discurso análises das composições dialógicas no Twitter. Ao aplicativo deu tratamento de campo comunicativo instável, de lugar em que os signos ideológicos, os enunciados concretos e as massas textuais semióticas (saturados de ideologias e sob os efeitos das coerções econômicas), em trânsito, fizessem da linguagem de textualidade eletrônica o meio e o ambiente interacional de grande circulação de discursos. O lugar que vitaliza o sujeito que discursa e relativiza o leitor, como afirma Zozzoli, em práticas de leituras à distância e dimensões cronotópicas diferentes (ZOZZOLI, 2015).

Procuramos responder a questão da pesquisa, “o que acontece quando o sujeito pesquisado faz uso de recursos linguístico-discursivos para transportar enunciados informativos de um suporte digital para outro?” recortando o *corpus* de referência da singularidade presente nas expressões semio-enunciativas transmutadas do site para o aplicativo Twitter e transformadas na articulação entre suportes, que Berg levou adiante em diversas situações em que ele construiu discursos do jornalismo da mídia cotidiana.

Nesse aspecto, a autonomia de Berg foi importante ao lidar com novas práticas discursivas pela penetração do estudo teórico-prático no contexto da pesquisa. Sempre apoiando o trabalho colaborativo do pesquisador como sujeito da ação do jornalismo cotidiano, ele nos permitiu fazer uma leitura especializada dessa atividade de comunicação.

Priorizando o discurso que se materializa na relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia, neste contexto articulamos sujeito e mundo, e entendimentos sobre os processos enunciativos, na relação e correlação de disciplinas, sobre os quais propus a questão supracitada. E, do ponto de vista de sujeito do discurso com seus próprios saturamentos de plurilinguismo social, tivemos o cuidado de, na singularidade do discurso, procurar atender ao direcionamento das questões da pesquisa, a partir de processos subjetivos de

interpretação. Certificando-se em reconhecer a maneira como Berg usou os signos que ele colocou em jogo, para compreender e interpretar pelas palavras os processos de constituição da significação.

No desdobramento da compreensão das práticas e atitudes discursivas de Berg, alcançamos análises com referência narrativa num princípio descritivo adaptado à variedade de domínio da enunciação, e obtivemos narrativas com referências nos estudos sobre as alterações formais e ideológicas que todo enunciado sofre no momento que se reformula a partir de uma mesma unidade discursiva (MOIRAND, 2006) e/ou entre suportes midiáticos (ZOZZOLI, 2015). Nos dizeres que Berg levou adiante nos processos dialógicos. Os conhecimentos produzidos, numa perspectiva etnográfica e colaborativa (GASPAROTTO e MENEGASSI, 2016), fizeram do campo pesquisado um lugar de práticas sociais e de discursos, proporcionadas solidariamente pelos próprios autores sociais, num contexto de diversas vozes sociais.

Por estar comprometida com as concepções de sujeito do discurso e sua relação com a linguagem, inicialmente as investigações verificaram que a composição multissemiótica do enunciado no Twitter tende imitar a composição do tipo do gênero do discurso da mídia impressa, como foi descrito por Chartier (2003), segundo o qual, o enunciado, respeitando as devidas proporcionalidades espaciais, repete a maneira de reagrupar e alinhar graficamente textos e imagens como no jornalismo impresso. No caso examinado aqui, isso ocorreu com os elementos infográficos que se complementaram na totalidade discursiva conclusa.

O Twitter mostrou que é um meio adaptado às condições discursivas mediatas e imediatas e de interesse prático (BAKHTIN, 1998). Chegamos a esse ponto de vista reconhecendo nos parâmetros conceituais referentes às estruturas hipertextuais a materialidade de um sistema de indexações e endereçamentos agrupados ao conteúdo do enunciado, a velocidade das atualizações e abrangência de circulação e alcance. Um entendimento que buscamos nos estudos de Lévy (2011) quando diz que, na ciber cultura, a máquina de leitura cria novos gêneros discursivos ligados à interatividade hipertextualizada.

No texto de Berg no Twitter, verificamos que o enunciado se configurou no título, na condição de imagem/enunciado da narrativa, e que, além de lhe dar a qualidade da categoria de signo híbrido, quando usou a hashtag e endereços na

web, ele saturou de marcas sócioideológicas e alterações apropriadas para as ocorrências de leituras à distância; marcas que representam nas formas de movimento da língua os múltiplos sentidos descentralizados das forças centrífugas, através da coesão do todo dos fragmentos enunciativos das forças centrípetas.

Comparadas a certos aspectos do dialogismo, reconhecemos nas práticas e atitudes de escrituração de Berg no jornalismo cotidiano a igualdade das forças de movimento da língua presentes no tema, na composição e no estilo, que se valorizam quando se configuram virtualizadas na dinâmica do grande diálogo social (BAKHTIN, 1998). Vimos que as diversas formulações e reformulações e as transposições são consequências dos processamentos mecânicos que respondem pelas transformações da estrutura enunciativa, adaptados a partir da estrutura original da massa textual semiótica em jogo. Foi imprescindível nesse estudo referenciar a objetivação com o que Bakhtin (2003) reporta aos estudos de novos fenômenos no campo da linguagem e do discurso, que aqui representou as sucessivas publicações de natureza puramente factual.

Tornou-se evidente no enunciado de Berg que as mudanças correspondem a uma estrutura de texto hipertextualizado, que ajusta na massa semiótica certa relação entre texto, endereçamentos (as zonas do *www*), indicativos (as *hashtag*) e imagens. Essa estrutura do enunciado/título no Twitter é uma forma enunciativa multissemiótica, que ultrapassa as fronteiras das composições enunciativas discursivas do jornalismo tradicional, quando liga os fios discursivos do universo do signo (BAKHTIN, 2003) ao potencial genérico (ADAM E HEIDMAN, 2004) do discurso típico dos enunciados informativos, que se relacionam de forma dialética com um sistema cibernético.

Verificamos também que a *hashtag* apareceu na massa textual semiótica do Twitter na função de marcador translíngua e plurilíngua, a partir do potencial genérico; e de lá, ela pode relatar outro discurso no interior do discurso, submetendo-se aos interesses imediatos do sujeito e das situações sociais. Nas ações discursivas de Berg em suas práticas enunciativas do jornalismo cotidiano no ambiente virtual, a *hashtag* marcou os ajustamentos e as coerções ideológicas e econômicas, exercendo controle sobre a polissemia. Do ponto de vista de Lévy

(2011) esse é um recurso usado nos caso que se pretende restituir uma equivalência de sentidos preexistentes.

Sob o efeito contemporâneo do diálogo social midiaticizado, esse entendimento conduziu a reflexões sobre a *hashtag* classificando-a de representante de um tipo particular de escrituração atravessada por grandes retilíneas ideológicas, na confluência entre o temático e as relações sociais elementares. Essa reflexão tem respaldo no comentário de Chartier (2002), segundo o qual, na interação discursiva de textualidade eletrônica, a linguagem disputa o monopólio sobre a linguagem “assim estabelecida a partir da modalidade própria de seus suportes” (ibidem 2002, p. 109).

Na confluência entre o temático e as relações sociais elementares, a *hashtag* carrega conteúdos de resistência, das forças de desunião e descentralização, quando se permite representar e traduzir desde reivindicações de grupos sociais colocados à margem, até ideias diferentes daquelas da maioria. Nos enunciados de Berg, se comparado ao que diz Lévy (2011), a *hashtag* criou, recriou e reatualizou o mundo de significados que somos, reafirmando o aspecto *nômade* ao qual o autor se refere aos signos inscritos no virtual.

Submetendo aos fundamentos dos aspectos desse estudo, na esfera das relações sociais, arrisco afirmar que, no modo do jornalismo na contemporaneidade, a virtualidade do instante discursivo no Twitter de sucessivas escritas e reescritas vem concentrando certas atividades e costumes culturais de comunicação a um dispositivo temático que virtualiza os relacionamentos. Através de práticas discursivas dialógicas que tem origem nas relações sociais e econômicas, e que ajustam os conflitos das lutas de classes e os antagonismos ideológicos.

Durante os momentos vivenciais, ficou evidente que os valores do conteúdo transmitidos pela cibercultura alimentam a inteligência coletiva, nos quais ela se desenvolve e tece pequenas e importantes variações e inovações discursivas, hoje. Nos planos da discursividade enunciativa, que foi apresentado no exemplo das figuras 5 e 6, o gênero foi submetido a transformações, na totalidade do impacto das formas genéricas sobre o desenvolvimento da comunicação.

Numa perspectiva relativa aos fatos de reformulação do enunciado discutida nesta pesquisa, na singularidade da realidade do signo que Berg levou adiante no exemplo das figuras 5 e 6, constatamos que as escriturações no jornalismo cotidiano permitem que a linguagem esteja sempre em movimento, se adaptando segundo os objetivos e as condições de produção, ajustada com a velocidade de atualização da informação. Deixa de lado o interesse pela ênfase do enunciado que desloca a leitura para o que é informado (LAGES, 2003), em favor dos comprometimentos sócio ideológicos em jogo.

Os conflitos e desdobramentos das estruturas enunciativas que Berg levou adiante representam essa mudança significativa no comportamento de interação sociocomunicativa na contemporaneidade. Formas de ler, escrever e constituir sentidos sob a determinação da virtualização, que foram registradas nas atuais práticas de escrituração jornalística da mídia cotidiana e revelam o elevado processo de hibridação do discurso entre homem/máquina/linguagens.

Foi na realidade exterior das minhas próprias questões linguísticas, onde arrisquei maneiras diferentes de abordar o objeto de discurso dessa pesquisa. Sem a pretensão de encontrar verdades científicas, busquei me apropriar de uma proposta metodológica que se ajustou a um contexto transdisciplinar e interpretativista de análises sobre as questões que envolvem atividades de comunicação e o uso da linguagem na contemporaneidade.

Enfim, na experimentação de uma etnografia interpretativista que explorou um campo teórico saturado de vozes sociais, foi possível estruturar o campo das representações uso social da linguagem, numa situação singular discursiva no Twitter, pelo olhar qualificado que a experiência direta com o ambiente estudado proporcionou. Durante o processo investigativo e analítico, na condição de sujeito dialógico e comprometido na obtenção de dados, cuidei para que as leituras empíricas dos processos subjetivos de interpretação estivessem em sintonia com as situações consideradas indissociáveis nas tomadas de decisões.

No que diz respeito aos aspectos das pesquisas atuais em L.A. contemporânea, configurou-se, para mim, um exercício dialógico materialista e histórico de compreensão da vida pela língua e a linguagem e a relação do sujeito com o mundo. Foi essencial compreender o outro, me colocando na condição do

outro, de onde vi e compreendi outro sujeito, na singularidade do outro e seu mundo – e, pela alteridade, relativizei a mim, o meu mundo e a minha condição de sujeito do discurso na condição do outro.

Considero, portanto, que a pesquisa contribuiu para uma compreensão efetiva da situação com a linguagem escrita na atividade de comunicação de interesse prático, cuja relevância é de aproximar a academia ao uso social da linguagem para além dos muros da sala de aula. Considero também que o trabalho atendeu ao objetivo de converter as informações derivadas de teorias diferenciadas, aos parâmetros de alguns aspectos do dialogismo referentes ao uso social da linguagem no Twitter, e que isso ajudou a esclarecer o que acontece na conversão e transmutação do enunciado quando se articula entre os suportes digitais.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel; HEIDMANN, Ute. Des genres à la généricité. L'exemple des contes (Pereault e Grimm). **Language**, vol. 38 nº 153, p. 62-72. 2004.

ADORNO, Theodore et all. **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

_____, Mikhail. **Freudismo**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.

_____, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 2004.

_____, Mikhail.. **Questões de Literatura e Estética**. A Teoria do Romance. São Paulo: Hucitec Annablume. 2002.

BARROS FILHO, Clovis de. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Summus. 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

_____, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP. 2002.

FRITZEN, M. P., & LUCENA, M. I. **A L.A. (in)disciplinas e etnografia**. Blumenau: EDIFURB. 2012.

FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inêz;. **O olhar etnográfico em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagens**. Blumenau: EDIFURB. 2012.

GASPARETTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. Aspecto da pesquisa colaborativa na formação docente. Florianópolis: **Perspectiva**. vol. 34, nº 3, p. 948 - 973. 2016. Disponível em www.perspectiva.ufsc.br.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 2000.

_____, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34. 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes. 1997.

MOIRAN, Sophie. **Les discours de la presse quotidienne**. Observer, analyser, comprendre. Paris: Presses Universitaires de France. 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras. 2005.

_____, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada (IN)disciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2009.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **As vozes do mundo**. São Paulo: Civilização Brasileira. 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas. 1987.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz (in). A articulação discursiva entre gêneros, texto e suportes. numa perspectiva dialógica em torno do tema da defesa da diferença. **Revista Eutomia**, 343 - 358. 2015.

_____, Rita Maria Diniz. A Compreensão e produção responsiva ativas: indícios nas produções de alunos. In: **Ler e produzir**. EDUFAL. 2002.

_____, Rita Maria Diniz. Croisements discursif à partir d'un énocé-événement-thème. **Chahier de Praxématique**, nº 63, p. 1 - 12. 2016.

_____, Rita Maria Diniz. A língua como tesouro versus a resposta ativa do sujeito: o discurso da mídia impressa sobre a reforma ortográfica e implicações para o ensino de línguas. **Leitura**, pp. 87 - 104. 2010.

_____, Rita Maria Diniz. **Pesquisação em Linguística Aplicada**: temas e métodos. Pelotas: EDUCAT. 2006.

_____, Rita Maria Diniz., & Souto Maior, M. R. Gênero, genericidade e ensino. In: R. M. Zozoli, & M. R. Souto Maior, **Questões contemporâneas sobre/na sala de aula**. (pp. 18 - 37). Maceió: EDUFAL. 2015.

APÊNDICE A – Questionário

Questões preliminares

01. Você domina conhecimentos de uso do microblogging? Se sim, quais?
02. Qual a forma que você produz postagem no microblogging Twitter?
03. Qual a razão de você usar o microblogging?
04. O que você espera do uso sociocultural no Twitter?
05. O que você gostaria discutir sobre a produção de enunciados no Twitter?

APÊNDICE B – Questionário

Questões complementares (perguntas de reflexão)

01. O que você aprendeu no encontro de hoje?

02. O que você mais gostou?

03. O que você menos gostou?

04. Você sentiu alguma dificuldade na produção de informação e nas postagens no microblogging? Se sim, qual?

05. O que você gostaria de discutir nos próximos encontros?